

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO.

REDACTOR-SECRETARIO: JULIO CESAR DA SILVA.

S U M M A R I O

TENDENCIAS ACTUAES NA

LITERATURA AMERICANA Gilberto Freyre 301

ARTE DE AMAR Julio Cesar da Silva 307

O MACACO RABEQUISTA José Oiticica 309

O REPUXO ENCANTADO Mello, Nóbrega 311

ÚNICA Nilo Bruzzi 312

CARTAS DO ALMIRANTE NO-
GUEIRA 313

OS "GRANDES" E A "OPPOR-
TUNIDADE" Arnaldo Nunes 320

MEU PADRASTO Stella Marina. 323

ESTUDINHOS DE PORTUGUÊS José Patricio de Assis 334

PERFIL DE UM CACHORRO DA
ROÇA Gervásio Ivelneiro 336

FORTUNATO OU O FORÇADO
DA FELICIDADE José Mesquita. 339

A MEDICINOPHOBIA DE MO-
LIÈRE Mucio da Paixão. 344

ACADEMIA BRASILEIRA DE
LETRAS Arthur Motta. 349

UIBLOGRAPHIA — RESENHA DO MEZ — DEBATES E PESQUIZAS

— NOTAS DO EXTERIOR — CURIOSIDADES — AS

CARICATURAS DO MEZ

S. PAULO

MONTEIRO LOBATO & Co. — EDITORES

RUA VICTORIA, 47 — CAIXA, 2-B

Rua dos Gusmões, 70 - Caixa, 2-B - São Paulo
 1911
 1912
 1913
 1914
 1915
 1916
 1917
 1918
 1919
 1920
 1921
 1922
 1923
 1924
 1925
 1926
 1927
 1928
 1929
 1930
 1931
 1932
 1933
 1934
 1935
 1936
 1937
 1938
 1939
 1940
 1941
 1942
 1943
 1944
 1945
 1946
 1947
 1948
 1949
 1950
 1951
 1952
 1953
 1954
 1955
 1956
 1957
 1958
 1959
 1960
 1961
 1962
 1963
 1964
 1965
 1966
 1967
 1968
 1969
 1970
 1971
 1972
 1973
 1974
 1975
 1976
 1977
 1978
 1979
 1980
 1981
 1982
 1983
 1984
 1985
 1986
 1987
 1988
 1989
 1990
 1991
 1992
 1993
 1994
 1995
 1996
 1997
 1998
 1999
 2000

Ultimas E-dições da Casa Monteiro Lobato C.

.in.

O MACACO QUE SE FEZ HOMEM, contos de Monteiro Lobato.	Broch.	49000
ATRAVEZ DA EUROPA, de Afonso Lopes de Almeida	Broch. Em papel fôfo	59000
	Em papel jornal	39000
FACUNDO, de Sarmiento	Broch. Em fôfo	59000
	Em jornal	35000
DENTE DE OURO, de Menotti Del Picchia. Broch.		45000
MEMORIAS DE UM RECRUTA, de Oswaldo Barroso.	Broch. Em fôfo	49000
	Em jornal	29500
NOS CAMINHOS DO NAZARENO, do Padre Heliodoro Pires.	Broch.	55000
EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO, de F. J. Oliveira Vianna.	Broch.,	85000
JOAQUIM NABUCO e MACHADO DE ASSIS, de Graça Aranha.	Broch.	109000
PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE, obra posthuma de Alphonsus de Guimaraens.	Broch.	39000
RITINHA, contos de Léo Vaz	Broch.	49000
Sapezaes e Tigueras, contos de Amando Caiuby.	Broch.	49000
A MEZA E A SOBREMEZA, de Rosaura Lins. Ene.		79000
JUCA MULATO, (4.* «dição») de Menotti dei Picchia.	Broch.	39000
O PRINCIPE FELIZ, de Oscar Wilde, trad. de Rosalina C. Lisboa.	Broch.	39000
A CURA DA FEALDADE, do Dr. Renato Kehl. Ene.		209000
AMOR IMMORTAL, de J. A. Nogueira	Broch.	59000
O DRAMA DAS COXILHAS, de Roque Callage. Broch.		45000
CARTAS DE UM CHINEZ, de Simão de Mantua. Broch.		59000
DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, do Visconde de Taunay.	Broch.	59000
O PADRE EUZEBIO, de Antonio Celestino. Broch.		49000
OS FILHOS DA CANDINHA, versos de Octacilio Gomes.	Brocha	39000
ORPHEU, poema de Homero Prates	Broch.	49000
DUAS ALMAS, do Conego Manfredo Leite. Broch.		49000
NARIZ DE CLEOPATRA, de Menotti dei Picchia. Ene.		29000
ASSOMBRAÇÃO, de Manoel Victor	Ene.	29000

Pedidos a Rua Victoria, 41 - Caixa, M - S. PAULO

Holmberg. Bech i Cia. Ltd.

IMPORTADORES E INDUSTRIAES

RUA LIBERO BADARO', 169

S. PAULO

Rio de janeiro, Stockhofm, Hamburg, Hew-York e Londres

Papel,

materiaes

para

eonstrucção,

aço,

ferro,

Cimento

"2 Bandeiras"

e "Bandeira

Sueca".



Regina Hotel

Endereço Telegraphico J "REGINA,,

Largo de S. Ephigenia, 8 ^ SÃO PAULO

Esto novo hotel offerece indiscutivelmente aos Srs. Viajantes óptimo conforto. Sua situação é de primeira ordem; os quartos são grandes, ventilados e dotados de todo conforto desejável. Das suas janellas descortinam-se soberbos panoramas. O Motel possui *elevadores, rêde telephonica para todos os andares*, mais de 60 banheiros, agua corrente fria e quente em todos os quartos, aquecedor central durante o inverno. O pessoal é escrupulosamnte escolhido e a cosinha é dirigida por um habilissimo chefe. Preços rasoaveis e ao alcance de todos. O Hotel é dirigido pelos seus proprietários, Srs.

Ângelo Gabrilli & Filhos



Canto e Mello

o festejado romancista que com tão bellas
obras tem enriquecido as letras patrias
acaba de publicar um novo romance

a Tl I ~ »
Recordacoes

que merece ser lido por todas as pessoas
de bom gosto.

Pedidos a MONTEIRO LOBATO & C.

BDITOHBS

S. PAUL »

1 LOTERIA DE S. PAULO

Sexta-feira, 28 de Dezembro de 1923.

200S000\$000

Em tres grandes prêmios, sendo um de
100:000\$000 e dois de 50000\$000 cada um.

Inteiro 9\$000 Meio 4\$500 Fracções \$900

Os Bilhetes já se acham á venda em
toda a parte.

"REVISTA DE FILOLOGIA PORTUGUESA"

Director : SÍLVIO DE ALMEIDA

PUBLICAÇÃO * MENSAL

Colaboração dos maiores filólogos e literatos do Brasil e de Portugal.

Cada número, que tem em média, cem páginas, traz artigos inéditos, textos arcaicos ou clássicos anotados, bibliografia, etc.

ASSINATURA ANUAL:

CAPITAL	30\$000
INTERIOR E ESTADOS.	32\$000
NUMERO AVULSO.	3\$000

Pedidos á

NOVA ERA Empresa Editôra

PAULINO VIEIRA & CIA.

Rua de S. Bento, 40 - 3.º andar, sala 20

Telephone: Central 1681 — S. PAULO

AVISO

Pedimos aos §fs. assignantes o obsecjuio cie reformarem as assignaturas sem cjrancle demora afim de evitas-se a interrupção da Remessa. ^Lambem avisamos aos rs. assignantes cjne continúa em vigor o systema antigo de dar uma assignatura gratuita a quem nos angariar c5 assignantes novos, Remette ri do-tios a respectiva iinportancia.*

Monteiro Lobato & Co.

EDITORES

Rua Victoria, 47

S. PÀULO



REVISTA

DO

DIRECTORES:

PAULO PRADO

MONTEIRO LOBATO

L / L / A S

L J L V X ~ \ > J T . L - I

REDACTOR

SECRETARIO:

I O CESAR DA SILVA,

TENDENCIAS ACTUAES NA LITERATURA AMERICANA

NOS Estados Unidos, um moderno grupo de escriptores trouxe, para as letras nacionaes, certa nota aguda de espirito critico, que é hoje sua principal característica. Sentimol-a pungir na ancia de introspecção social que desde a *Spoon River Anthology* (1915), do sr. Edgar Lee Masters, vem roendo, como si fôra madeira podre, o fácil idealismo optimista daquella nação de burguezes; e digerindo em arte essa fartura de pó. E' uma ancia, a desse grupo moço de escriptores, do sentido intimo cías cousas que os rodeiam; um desejo, que ás vezes se aguça em tortura, de comprehender e interpretar a vida nacional no que ella tem de mais seu e ao mesmo tempo de universal; de sondal-a nas suas correntes subterrâneas. O referido Masters foi buscar num cemiterio de aldeia — o de Spoon River — matéria virgem para sua obra de critica social.

Desse esforço de introspecção nacional, o resultado é um sabor novo de pessimismo na litteratura americana: na critica social dos srs. Henry Mencken, Wan Wick Brooks, Ludwig Lewisohn, Waldo Frank, Joel Spingarn, Carl Van Doren e desse saudoso Randolph Bourne que a morte tão cedo nos levou; na politico-economica de Charles A. Beard; na poesia de acção dos srs. Carl Sandburg e Edgar Lee Masters; no romance, que é antes obra bruta de reportagem que mesmo romance, dos srs. Theodore Dreiser, Shenvood Anderson, Sinclair Lewis e do fal-



lecido Frank Norris; no drama do sr. Eugene O' Neil. E é toda uma litteratura inquietante, essa; uma onda forte; uma corrente de gostos e idéas que vae aos poucos deslocando, com a sua força liquida e agil, duras massas de resistencia.

E vae-se por esse processo de erosão modificando a estrutura social da vasta Republica. Ainda, ha quinze annos, eram os Estados Unidos uma como caricatura moderna das communidades gregas que George Sorel, num esforço de filiar a razões económicas o pessimismo ou o optimismo na arte, descrevera assim: "des populations urbaines, commerçantes et riches, qui pouvaient regarder le monde comme un immense magasin rempli de choses excellentes, sur lesquelles leur convoitise avait la faculté de se satisfaire".

Nenhuma nação chegara a semelhante estado de satisfação comsigo mesma. Nenhuma: nem a Scandinavia de antes de Ibsen e de Brandes. Um optimismo, o americano, baseado em razões de excellencias mechanicas e materiaes. Na satisfação dos instinctos de posse, dentro dos confortos e distrações physicas que lhes crearam a plastica electricidade e a agil mechanica ao serviço do dollar. Dahi a forma que tomou nos Estados Unidos o verbo "to get" — engraçadamente applicado ao que ha de mais fluido e de menos material: "to get religion", "to get an éducation", "to get culture". Recorda-nos em *Outre Mer* o sr. Paul Bourget que no appello dum evangelista americano "Will you accept Christ?" ha alguma cousa de quem offerece um elixir 011 um xarope. Uma solução material.

A insufficiencia de toda a cultura americana está nesse verbo "to get". E' um verbo que também a nós outros, do sul, poderia servir como definição do nosso parasitismo da cultura franceza. Nenhuma verdadeira cultura nacional conseguirá estabelecer-se sobre o verbo "to get"; nem sobre o parasitismo. A verdadeira cultura, nacional ou individual, vem tão naturalmente como o suor depois do trabalho. E' o suor que acompanha todo o esforço euristico. O suor sublimado do estudo — eis a cultura num simile prosaico. E bem se pôde aqui recordar o conselho de Fausto: "o que herdaste de teus paes, ganha-o para o possuíres".

Dahi talvez toda a insistência do jovem critico e pensador americano sr. Wan Wick Brooks em distinguir da cultura que resulta dos "impulsos de criação" (creative impulses) a que apenas acompanha os "impulsos de possessão" (possessive impulses). E para Randolph Bourne a cultura não era para confundir-se com essa "familiaridade que se adquire com as cousas exteriores" (an acquired familiarity with things outside). Compreendeu Randolph a superstição — ou o ridículo? — da cultura adquirida a peso de ouro. Da cultura que consiste na aquisição de quadros



antigos, de restos de estatuaria patinada pelos séculos, de velhas ferrarias heráldicas; ou no simples contacto material com esses retalhos fúnebres de civilizações, nos museus, nas pinacotecas e nas bibliothecas. Ri Randolph, como antes delle sorria o subtil sr. George Santayana, desse ideal quantitativo de cultura, ideal que é também muito brasileiro; já alguém me falou um dia da formidável cultura de Ruy Barbosa por ter possuído o illustre advogado muitos milhares de livros. E por ter manejado entre nós o mais extenso vocabulário. Mas a verdade, é que Ruy Barbosa, tendo sido um homem de espantosa variedade de conhecimentos, não foi culto no sentido puro, alto, nietzscheano da palavra, faltando-lhe essa força íntima — a eurythmia dos gregos — que harmoniza quanto de esparso e divergente recolhe o espirito das leituras, dos museus, dos laboratórios.

Habituou-nos a litteratura grega, principalmente o drama, a certo sabor de pessimismo na interpretação da vida. Recordá-nos Hartmann, num livro celebre, a tristeza que paira sobre as obras primas da arte grega; e Nietzsche, a inclinação dos gregos para o mytho trágico. Na sua obsessão da vida como puro phenomeno esthetico outra arte não queria Nietzsche sinão a "arte forte". A da "realidade selecta". E esta incluindo o que um tanto paradoxalmente chamou a "necessidade do feio". O feio — o barro, a massa bruta que impede Prometheu de conciliar a acção com a visão. E em Prometheu está o assumpto máximo da arte; em toda a grande interpretação da vida ha alguma cousa de Prometheu. Alguma cousa, portanto, de pessimismo.

Por outro lado, entre os povos que se contentam com o fácil conforto e as distrações physicas, e, na litteratura, com a victoria dos herões sobre obstáculos igualmente physicos, o pessimismo dá a idéa de planta exótica. De flôr de peccado. Flôr de peccado foi Edgar Allan Poe — que neste o pessimismo se aguçara no que a Igreja chama *accidia* — no meio dos felizes burguezes americanos de 1840.

1840! 1850! E 60 e 70 e 80 e 90! Annos infecundos. Durante elles, nos Estados Unidos, todo o superior esforço mental foi planta exótica. Basta fixar dois traços desse periodo para pegar-lhe em flagrante a inferioridade de espirito: seu medo ás idéas e seu humor. Foram annos, estes, durante os quaes largamente se pôz em pratica na vasta Republica uma como "hygiene cerebral".



Rigorosa "hygiene cerebral". Hoje, ao contrario, ha uma fome enorme de idéas, não se temendo o contacto das mais exóticas. Os escriptores de vanguarda da França, da Allemanha e até da Rússia possuem nos Estados Unidos camaradas e irmãos. Procura-se o que na pittoresca expressão do sr. Fidelino de Figueiredo é "formidável cooperativismo da intelligencia, em que a associação é um augmento de recursos e toda a contribuição reembolsada com interesses generosos". Em parte alguma tenho conhecimento ou noticia dum jornal que tanto procure viver no fecundante contacto dos movimentos de idéas no estrangeiro como actualmente o semanario "The Freeman" de New York. Nesse "The Freeman" salientava ha pouco da Inglaterra — aonde se foi recolher como num sanatorio — o sr. George Santayana, "a consciousness of the world at large" — uma consciência do grande mundo — de que elle sempre sentira a falta nos seus dias de professor de philosophia na universidade Harvard.

Outra tendencia a destacar como nota de inferioridade daquelles annos é sua satyra. Seu humor. Sua caricatura. E' um humor, o dos americanos no século XIX, em que vamos encontrar o ideal de beatitude da gente mediana: lavar-se, pentear-se, votar, regalar-se de "ice cream", viajar em trem expresso. De facto, o proprio Mark Twain — um grande espirito que nem sempre teve a coragem de ser só — no seu "A Connecticut Yankee", querendo ir de encontro á onda de nostalgia da idade media — William Morris, os Pre-Raphaelitas, Walter Pater e Tennyson — recorda com infantil brutalidade que á sombra das cathedraes gothicas eram escassos o sabão e a agua; não havia remedios; nem "habeas corpus"; nem pentes. Podia o grande humorista ter accrescentado a estas, outras muitas excellencias de que a idade media, com toda a sua fartura de viandas e de vinho, não tomou sabor: o phonographo de Edison, o telephone de Bell, a machina de costura de Howe, o trem expresso, o telegrapho electrico de Morse, o radio telephone.

Muito acertadamente notava ha pouco o sr. Henry Mencken que o maior progresso mental a constatar nos Estados Unidos é justamente o ter mudado de rumo a sua satyra, que agora de preferencia se dirige contra a imbecilidade da maioria. (1) De-

(1) "The most important change that has come over American literature in my time is this: that American satire, which once aimed all of its shafts at the relatively civilized minority, now aims most of them at the imbecile majority. If a satirist of today undertook to poke fun at the paintings of Titian and the music of Richard Wagner, he would be dismissed at once as a clown strayed in from the barbershop weeklies and the chautauquas. Yet Mark Twain did both, and to great applause". *The Smart Set*, Agosto 1923.



ve-se isto em grande parte attribuir a ir-se constituindo naquella paiz uma aristocracia intellectual, tendencia que a um nosso escriptor — o sr. Oliveira Lima — não escapou, quando ainda em botão, no fim do século passado. "Não deixa, entretanto, de ser curiosa — escrevia o sr. Oliveira Lima dos Estados Unidos em 1899 — em face da marcha geral do mundo culto para a democracia, a tendencia desta democracia para aristocratizar-se".

Quem no século XIX antecipou a reacção de hoje foi Walt Whitman. Na obra desse aristocrata de mangas de camisa entre democratas de sobrecasaca, começa a ver-se a si mesma a consciência americana; e o mundo, "algo nuevo que mirar". No meio da litteraturazinha do seu tempo, tão graciosamente comparada pelo sr. Mencken á pintura do século XVIII e á *Augenmusik* allemã; no meio dos Longfellow e dos Dr. Holmes, surprehende-nos a obra de Walt com a sua formidável maternidade creadora.

"Verbo em marcha" — um pouco o verbo "to get" — a poesia de acção de Whitman antecipou a litteratura de acção de hoje. Elie foi uma especie de Gogol yankee. Muita cousa que escreveu a lapis, vae-se hoje cobrindo a tinta; alguma cousa do que deixou em borrão está hoje a passar-se a limpo em boa calligraphia; começa-se a interpretar o cabos de suas notas tachygraphicas. Por isto chamou-o alguém: "propagandist of American Liberation"; e outro: "father of free verse"; e ainda outro: "father of the American Tongue".

Walt Whitman foi talvez tudo isso, mas foi principalmente o primeiro escriptor americano de introspecção nacional. O primeiro critico social nos Estados Undos. O primeiro a querer rapar-lhe os podres, num esforço de idealismo superior. Elie se nos apresenta poeta de mangas de camisa, a arregaçar-se para um esforço sincero de introspecção e de acção social. Walt mesmo sentira agudamente a falta duma aristocracia intellectual de que se tornou o creador. "O que de hoje fundamentalmente carecemos nos Estados Unidos — escrevia elle em *Democratic Vistas* — com intima e ampla relação ao presente, e ao futuro, é... de uma classe de escriptores nacionaes, *litteratuscs*, muito diversos dos de hoje, vastamente superiores em qualidade a quantos se conhecem". E a esses *litteratuscs*, elle os quizera desempenhando uma como função sacra na vida nacional. Especie de sacerdocio. Fermentando toda a massa do gosto e da moral americana. 'Prazendo para a vida americana um sopro novo de energia creadora. "Breathing into it a new breath of life", diz elle no seu inglês onde ha alguma cousa de tneção religiosa, certa emphase de pastor protestante.

Esta ante-visão de Whitman é que parece ir tomando corpo nos escriptores americanos de hoje. Nos Mencken, nos Wan Wick



Brooks, nos Carl Sandburg, nos Yachel Lindsay, nas Amy Lowell, nos Eugene O'Neil. Escritores cuja obra já distilla um pouco da-
quelle suor sublimado de cultura nacional. Escriitores-trens-ex-
pressos correndo de um aspecto a outro da vida nacional, na fome
de compreensão. E procurando interpretar corajosamente esses
aspectos. Sinceramente.

GILBERTO FREYRE

I





ARTE DE AMAR

(Segunda série)

*Jamais o amante é de outro diferente;
Se elle do corpo seu te fez offerta,
A alma não te dará, porque te engana ;
Não te pertence nunca inteiramente;
Se o corpo escravizou, a alma é liberta,
Não a deu a ninguém, que é soberana.*

*Diz que é sincero? cre, mas tem presente
Que elle talvez o diz por que te agrada;
Só no primeiro amor, quando innocente.
E enfim na morte é que ha sinceridade.*

*Tanto aos demais como a si própria, ha gente
Que, por gosto, por habito ou vaidade,
A verdade rebuça e acaso mente,
Convicta ás vezes de que diz verdade.*

*Que é todo teu, confessa, peito a peito;
Que o ingênuo coração se te alvoroce
De tão meiga ventura, deixa, pois;*



*O que é certo, porém, é que, a despeito
De ser o affecto mutuo e mutua a posse,
Ha uma enorme distancia entre vós dois...*

*

* *

*Duvidas da verdade e não duvidas
I)c quanta hábil mentira anda nas falas,
Pois estão de tal modo confundidas,
Que se torna difficil cxtremal-as;*

*H ambas, principalmente entre mulheres,
Andam postas a par, no mesmo nível.
Quanto a ti, sê veraz como pudeses,
Todas as vezes que te for possível.*

*Ditosa, se a verdade é que te inspira
U se pela verdade te revelas,
Pois quem quer sustentar uma mentira
W obrigado a inventar punhados delias.*

*

* *

*Que a vida é aborrecivel e te enfada
Dizes não raro cm prantos c lamentos;
Mas lembra-te, mulher, de que és culpada
Da maior parte desses soffrimentos;*

*Foram por ti buscados, e o regaço
Abriste então para lhes dar guarida.
Nem sempre a dor nos vem por proprio passo,
Senão por nossas próprias mãos trazida.*

*Não debes consentir que cila te arraste
Por toda a vida como um ser passivo,
Pois sabes que tu mesma procuraste
Terreno fértil para o seu cultivo.*

*Mas se contigo a tens por própria escolha,
Deva-a, cm fôrma de lagrimas, nos olhos.
E' justo que na vida espinhos colha
Quem a vida passou semeando abrolhos.*

JULIO CESAR DA SILVA



O MACACO RABEQUISTA

*Um mucaco vadio, vias ladino,
Criado dc um galego analfabeto,
Ouvio tocar rabeca a um violinista.
Invejoso, furtou dc uma loja um violino,
Arranjou, não sei onde, um "Método completo"
E disse lá comsigo: "Eu também sou artista".
E meteu-se a estudar.
Dentro dc um anno
O Paganini americano
Já sabia arranhar a tripa de carneiro.
Gabava-se dc não desafinar
Os acordes dc terças ou de sextas.
Ia abismar, dc certo, o mundo inteiro
Com uma arcada mais firme que um rochedo
E uma "alma" dc fazer chorar as bestas.
Anno c meio depois o bujio era um gênio,
Podia aparecer sem medo
Ao público animal,
Arrostar os perigos do proscênio
E dar ao Kubelick outro rival.
Fez um palco do altar dc uma velha capela
E anunciou nos jornais o seu concerto
Com programma de truz: uma sonata
Dc Schubcrt, a Cliaconne, a Campanela
Dc Paganini, um trecho dc Vicux-Tcmps
E muitas peças mais dc enxerto.
Um mico o acompanhava na sanfona.
Concorreram á festa os músicos da mata:
O azulão, o urutáu, o sapo, a guriatã.. .
Todos. Não ficou vaga uma poltrona.
A's oito c meia um bode deu tres ⁴mes",
Entraram logo em seena os dois maestros.
Aplausos... rapapês...
Sentou-se o mico, deu o lá,
O macaco afinou o instrumento, c sem sestros
Atacaram o Schubcrt... "O' canário,
Disse baixinho um guará,*

Nunca vi segurar o arco assim, pelo meio,
Será da nova escola?". "E essa! E' binário,
Ternário ou quaternário esse compasso!",
Cochichou um bicudo ao xexéu. "Creio
Que o solo é cm ré maior e que o acompanhamento
Se faz cm si menor", disse á irara• um sanhaço.
"Que desafinação de acordes!"
Falou alto o corrução. "Vai fora do andamento!",
Protestou um sabiá, professor de solfejo
"Isso é arcada de burro!" "Olha, vê lá se mordes
Essa gaita"... "Parece mais realejo!"
"Sai sujo!..." O mono ia tocando
Tremendo, encabulado, com desejo
De descompor aquele ignóbil bando
De pedantes, estúpidos e idiotas.
Perturbado, guinchou, falhou diversas notas,
Esqueceu-se de um trecho...
Parou... recomeçou... tornou a errar...
Aumentavam os gritos na platéia;
Tudo já prenunciava um terrível desfecho..
E o macaco a tocar. ..
Por fim desencadeou-se a vaia. A patuléa
Urrou, ganiu, grasnou, coaxou, berrou!
Atiraram pitombas e tomates,
Fizeram do teatrinho uma casa de Orates.
O macaco saiu... O concerto acabou...

Assim deviam ir levando a breca
Outros macacos tidos por artistas,
Que, sem saber tocar rabeca,
Se metem com desprante a rabequistas.

JOSE' OITICICA



0 REPUXO ENCANTADO

*E' um tanque secular, em ruim, esverдинhado,
— uma reliquia do passado.*

*Sem mão zelosa que hoje a arranque,
a samambaia verde-gaio medra,
enche-o, mostrando um broto em cada vão de pedra.*

*Dentre a clara verdura, lia vinte annos estanque,
repuxo,*

*é pena que não mais atires
ao ar, como uma pluma a engalanar o tanque,
o teu liquido arco-iris.*

*E' triste que não mais,
noites enluardadas,
possaes ouvir a agua do tanque soluçando
os refrãos das bailadas
que a agua que cae lhe vai cantando.*

*Pobres astros que andaes passeando pela altura,
não mais poderdes pelo jacto baço,
dansa a dansa irial das sctc-cores
e depois, tontos, exhaustos de cansaço,
dormir do tanque sobre a face escura,
cheia de mysticos pallores.*

*E' doloroso, vento,
que nunca mais possas brincar, desfiando,
esse collar de lagrimas, cinzento,
os violetaes, em derredor, molhando.*

*Rutilo colibri, alado cojre de esplendores,
lias de soffrer a inconsolável magna,
de nunca mais passar sob essa curva de agua,
arco-de-triumpo erguido á epopéa das cores.*



*Era a alma do jardim... Morreu. Agora
erra por todo o parque uma agonia...*

*Esse jardim: — o olhar maguado que não chora.
Esse repuxo: — o pranto que allivia!—.*

MELLO NÓBREGA

ÚNICA

*No turbilhão da vida quotidiana
Ha sempre um rosto occulto dc mulher..
Ha no tumulto da existencia humana
Alguém que a gente quiz c que ainda quer. • .*

*E, numa sede de paixão insana,
Cego c humilhado, aceita outra qualquer,
Mas sem intimo ardor, dc alma profana,
Porque a alma nem acordará siquer. . .*

*E vão passando assim, uma por uma,
Mulheres e mulheres, como vieram,
Sem depois despertar saudade alguma...*

*Triste de quem como eu vc que, infeliz,
Teve todas aquellas que o quiseram,
Mas nunca teve Aquella que clle quiz...*

NILO BRUZZI





CARTAS DO ALMIRANTE NOGUERIA

A Revista do fírasil inicia hoje a publicação de unia série de cartas de João Nogueira, paulista, natural de S. Sebastião, que fez a guerra do Paraguay como marinheiro e acabou almirante.

Tacs cartas tinham em vista apenas informar seu padraсто quanto á marcha dos acontecimentos em que estava envolvido, ainda como official inferior.

Valem, pois, como um documento sincero e dão bem a sensação da época.

N.º 1

Santos, 30 de Abril de 1865.

Sr. Maneco,

Desejo que em casa estejam todos de saúde.

Hontem aqui cheguei ás dez horas da manhã, e não adiando carvão, não pude sahir; hoje, porém, o recebi do vapor "Presidente" que entrou do Rio e amanhã se Deus quizer pretendo sahir para Santa Catharina. Recommendações a mamãe e peço-lhe a benção. Saúde e felicidades lhe deseja seu enteado e amigo — *João*.

N.º 2

Santa Catharin, 4 de maio de 1865.

Sahi de Santos no dia 30 de manhã e hontem ao meio dia fundeei neste porto donde espero sahir hoje ás 2 h. da tarde para o Rio Grande; não posso ser mais extenso porque o paquete entrou hoje do sul e vai

sahir já. A's noticias são más, os Paraguayos tomaram Corrientes, uma cidade da Confederação Argentina. Vê, portanto, que não devo me demorar. O tempo está bom e espero em Deus ter boa viagem. De Santos para cá encontrei mau tempo.

N. 3

Rio Grandi; do Sul, 13 de maio de 1865.

Aqui cheguei no dia 10 ao meio dia, tendo sahido de Santa Catharina no dia 8 ás oito horas e meia da noite. Tive desta vez uma bella viagem de quarenta horas. Tinha sahido de lá no dia 4 ás quatro horas da tarde, dando fundo na barra á noite, por ter havido um desarranjo na machina; sahi da barra de manhã, porém, voltei logo, por ainda não estar a machina boa e ameaçar mau tempo; tornei a sahir no dia 7, porém tive de regressar por ter encontrado mau tempo e não chegar o carvão para vir até aqui. Estou hoje fundeado na barra, com o tempo muito mau. Sahirei para Montevidéu logo que melhore. Cada vez fico mais satisfeito com o navio, por ter encontrado nelle muito boas qualidades.

N. 4

Montevidéu, 5 de junho de 1865.

Cheguei hoje de Buenos-Ayres ás 7 h. e 30 m. da manhã, trazendo correspondência para o Octaviano, que aqui se acha, e devo sahir outra vez para aquelle destino esta noite. Já a 30 do mez passado aqui vim trazer o Almirante e regressei na mesma noite; chegando a 31 a Buenos-Ayres, tornei a ir fóra do ancoradouro á noite, a levar o Octaviano para bordo da "Nitheroy". Já vê portanto que só tenho andado em honrosas commissões, e fique sabendo mais, que as personagens que tenho condusido, se mostram satisfeitas com o meu procedimento. Não os adulo, porém estou sempre prompto, a qualquer hora, para o serviço. Com o favor de Deus e ajuda de minha madrinha, pretendo acreditar-me com este commando. O "Ta-quary", é cá conhecido por vapor encouraçado d'espôrão. Valha-nos isso! Não sei quando subiremos. Supponho que temos de ir primeiro ao Uruguay, onde está acampado o nosso exercito. Pelo paquete francez lhe mandarei dizer alguma coisa mais.

N. 5

Buenos Ayres, 30 de junho de 1865.

Com data de 21 do corrente lhe escrevi por um paquete que saliu ás 5 h. da tarde para Montevidéu. Nesse mesmo dia, ás 11 h. da noite, sahi também para esse lugar, levando um filho do Almirante, que vai ao Rio levar a noticia da victoria da nossa esquadra sobre a Paraguay, facto de que vmee. já deve ter conhecimento ao receber esta. A sahida foi tão inesperada que nem pude levar pratico, impossivel de ser encontrado a essa hora e por isso tive de passar em claro toda a noite para conduzir até lá o navio. A praticagem não é difficil; porém agora, no rigor do inverno, é horrivel e como não ganho nada indo lá sem pratico, só em caso de grande necessidade o farei. Devia voltar para cá no mesmo dia, porque eu ando sempre ás carreiras, porém sahi no dia seguinte, debaixo de salvas, musica,

etc., trazendo a bordo o General Flores, Presidente d'aquella Republica, com seu estado maior, gente que aqui se passou para um outro paquete, seguindo para o Rio Uruguay onde se acha o nosso exercito. Já se sabe, esses sujeitos jantaram á minha custa. Como já lhe mandei dizer, cheguei do Rio Uruguay no dia 17, trazendo a noticia de terem os Paraguayos invadido o Rio Grande por S. Borja. Desde esse dia estou prompto a sahir para o Uruguay com o Almirante e até hoje ainda aqui nos achamos parados. Quer elle por força ir até S. Borja atacar os inimigos com este vapor e mais outros tres pequenos. Para chegar até lá tem-se de passar por um «alto de pedras» que na vasante fica a descoberto e é o homem tão feliz que agora, sem ser tempo, está o rio enchendo muito. Creio que sahiremos amanhã de manhã.

Na carta que lhe escrevi a 21 mandei uma nota de dez mil réis, do primeiro dinheiro que aqui ganhei, para mamãe mandar dizer as missas que cila prometeu. Vou indo bem com o Almirante e pelo que me consta elle está satisfeito comigo. Não é para menos, pois tenho empregado a maior actividade em cumprir as doze commissões de que já me encarregou. Talvez nada lucre, mas ao menos terei a consciência de ter servido com boa vontade o meu paiz.

N. 6

Villa do Salto (no Rio Uruguay) 20 de julho de 1865.

Já deve ter conhecimento da victoria alcançada pela nossa esquadra no Paraná. Todo o Brasil se levantará para festejar essa grande acção, sem pesar o quanto ella nos custou, quanto sangue foi derramado, em que estado ficaram os nossos navios, os únicos que podemos actualmente oppôr ao inimigo!

Quanta miséria têm soffrido esses desgraçados! Lá estão o "Amazonas", "Magé", "Belmonte", "Parnahyba", "Ipiranga", "Beberibe", "Iguatemy", "Itajahy", "Ivahy", "Araguary" e "Mearim", os quaes devem fazer frente á esquadra Paraguayana que com toda a certeza ha de descer segunda vez a ataca-los.

Tratemos de nós. Passamos do Paraná ao Uruguay. Quando d'aqui desci e cheguei a Buenos Ayres, no dia 17 do mez passado, á noite, levando officio do General em chefe do Exercito para o nosso Almirante, communicando-lhe a invasão de S. Borja pelos Paraguayos, deu-me elle ordem para estar prompto a sahir para aqui no dia 18 com elle; preparei-me nesse dia, apesar do mau tempo que houve, novas ordens vieram; fui a Montevideo no dia 20, levando o filho do Almirante que devia seguir para o Rio com a participação do combate; voltei no dia 23 com o General Flores; demora e mais demora, só pude sahir para aqui no dia 2 do corrente, vindo o Almirante num pequeno vapor que inutilmente comprou e que denominou "11 de Junho", devendo eu seguir-lhe nas aguas. Logo á vista de Buenos Ayres teve esse vapor um desarranjo no leme, e fundeando para concertar a avaria, nos obrigou a imital-o; prompto o reparo, suspenderam e nós também, e continuamos nossa viagem, já quasi noite, navegando no lugar mais difficil pelos muitos bancos que existem. A's dez horas, novo desarranjo no leme. Fui forçado a dar fundo; como eu navegava nas aguas por ordem do Almirante, aproximei-me e, indo dar fundo, encalhei, apesar de levar pratico a bordo; trabalhei algum tempo com a machina para safar, porém nada conseguindo e entrando muita agua pelo fundo, parei; gritei para o "11 de

Junho" que estava encalhado; nada se me respondendo, e indo elle afastando-se de nós, queimei uma tigellinha de signal; então aproximou-se elle e deu fundo junto a nós; mandei um official participar ao Almirante que estava encalhado e que tratava já de espiar um ancorote para ver se conseguia safar; voltando o official, transmittiu-me a ordem de não espiar o ancorote e nem trabalhar com a machina, que de manhã me rebocaria elle com dois cabos. De manhã o almirante mudou de parecer e seguiu rio acima, mandando-me dizer que espiasse o ancorote e esperasse a enchente para sair e em ultimo recurso fretasse uma escuna para descarregar e alliviar o navio. Durante todo o dia 3 soprou N. O. duro, levantando alguma mareta junto ao navio; nada podendo fazer com o ancorote, com algum perigo para a guarnição d'um escaler pude espiar um ferro que também de pouco me serviu nesse dia, por estar o rio muito vasio e o navio muito encalhado; no dia 4 pouco depois do meio dia rondou o vento para S. O., e á tarde, com mais perigo, pude arraincar ferro e espiar mais longe. Essa noite foi horrível, porque soprando com força o vento, levantava bastante mar, que com força batia nos costados do navio e entrava na tolda; pela manhã de 5, rondando o vento para o sul, foi-se enchendo o rio e com alguns esforços pudemos ás 11 horas desencalhar sem termos soffrido prejuizo algum, não obstante estar o navio carregadissimo com carvão, mantimentos, duas peças raiadas de 30, e muitas munições. Acendi o fogo, e ás 2 horas da tarde suspendi e segui rio acima, fundeando ás 7 horas da noite por ser o logar difficil e o pratico nada enxergar. A's 6 horas da manhã de 6 suspendemos e fomos ás 11 da noite fundear no porto de Paysandú, onde devíamos deixar um official Oriental que vinha á bordo; ás 6 da manhã de 7, suspendemos e demos fundo ás 5 horas da tarde na bocca do arroio Juquery, onde se achavam o Almirante, os outros navios e o nosso exercito.

Quando cheguei tocavam Trindades no acampamento. Que confusão de cornetas e tambores soando ao mesmo tempo! Que prazer senti eu, que sempre desejei ver o sublime espectáculo de um exercito acampado! Fiquei entusiasmado e só desejava que amanhecesse para contemplar esse quadro magestoso. Quando me apresentei ao Almirante, deu-me elle logo, como sempre, um cento de ordens; a primeira que executei foi entrar para dentro do arroio e amarrar o navio no mato. Assim fiz, t depois de tomar chá, fui dormir, como o faço agora que já serão nove horas e está muito frio, deixando para amanhã, se Deus quizer, o resto da narrativa da nossa peregrinação. Bôa noite.

21 ás 9 horas da noite.

Quando me levantei, o que não fiz muito cedo, e vi o acampamento tão de perto, desanimei, e mais uma vez envergonhei-me de ter nascido Brasileiro. Que desordem! Que falta de methodo no armar as barracas, umas aqui, outras acolá... Que falta de prestigio nos generaes! **QU** ignorancia das mais pequenas coisas da guerra! Que pouca vontade de servir em quasi todos! Que desleixo inqualificável nos médicos que deixam morrer á mingua os pobres soldados, tão miseráveis que muitas vezes seus cadaveres servem de pasto aos animaes, sem que elles se importem com isso! Muito se teria poupado, muitas vidas se teriam salvo, se o commandante em chefe, os de divisão, de brigada, de batalhão, de companhia e officiaes subalternos cumprissem os seus deveres. Que desleixo, que ignorancia, que falta de dignidade, de patriotismo, e dc



humanidade! Só Deus poderá salvar o Brasil. O Brasil vencerá. Já, não: lá mais para adiante, depois de correr muito sangue. A vergonha dos nossos desleixos, porém, chegará às futuras gerações. Passei algumas vezes pelo acampamento, e sempre ao voltar para bordo, lamentava-me ter nascido numa villa e ter seguido esta carreira: Preferia antes ter nascido no sertão e ser um selvagem.

Tem morrido perto de dois mil homens, e quasi outros tantos existem nos hospitaes desta villa, onde em vez de recursos só encontram misérias. Fará idéa da mortandade que tem havido quando souber que o corpo de Policia do Pará, que eu vi no Rio embarcar com mais de quinhentas praças, hoje está com pouco mais de cem!! Neste estado estão quasi todos os outros corpos. Não se deve culpar ao governo, que tem remetido tudo quanto pode precisar um exercito duplo deste; a incúria, o desleixo inqualificável, o crime, é d'aqui!...

No dia 15, o exercito passou por uma ponte feita de algumas escunas sobre um arroio de tresentos e tantos pés, e foi esse o mais sublime espectáculo que tenho presenciado na minha vida. Principiou a passagem pouco mais ou menos ás nove horas da manhã, com dia lindíssimo. Rompia a marcha o general em chefe e seu estado maior e depois as divisões por batalhões.

Ha misérias na vida que causam riso... Ver-se marchar um soldado, carregado como um camello, uniforme sujo, roto como um mendigo, sapato acalcanhado, pedaço de carne crúa na mão... Official de voluntários montado em cavallo sem selim, só com um berbicacho... Soldado atirando fóra a barraca para poder caminhar; outros cahindo pelo caminho, sem forças para acompanhar seu batalhão, sem animo até de largar a espingarda, cahindo deitado com ella ao hombro... Tudo isto é muito triste, porém causa riso, porque ao mesmo tempo que caem os voluntários, passa o 4.º batalhão de linha, estimado por todos nós, officiaes de marinha, e que temos muitas vezes assistido a seus exercícios; passa o bravo 6.º de linha com seus bonés brancos, os uniformes ennegrecidos pelo fumo da polvora, a bandeira rasgada pelas balas do Paysandú; passa o 12.º de linha, glorioso resto de um batalhão que sepultou seus bravos debaixo do fogo de Paysandú. Não posso contar tudo, porque não pude ver tudo. A's 10 horas e 30 minutos vim para bordo; suspendi ás 11 horas e cheguei ao meio dia a este porto, onde vêm, a passar para a outra margem, forças de cavallaria do General Flores. A villa do Salto é na margem esquerda de quem desce; á direita estão acampados o exercito Argentino, o Oriental e o nosso. Os Paraguayos tencionam atacar este sitio, estando em marcha para este fim. Nós devemos ir-lhes ao encontro subindo o rio, o que até agora não temos feito por haver um salto de pedra e a agua ser pouca para subir.

Tenho a bordo o Capitão de fragata Lomba, chefe da 4.ª divisão da nossa esquadra que na ausência do Almirante deve commandar a expedição composta do "Taquary", do "Tramandahy", e de um pequeno vapor de ferro comprado ha pouco e em peiores condições que este. E' o celebre "Onze de Junho", onde está o Almirante, que ha dias desceu para Buenos Ayres carregando-nos as munições da nossa tropa de bordo, com promessa de voltar em cinco dias, o que duvidamos, por ser elle um verdadeiro maluco. Temos mais aqui dois vapores e um patacho, os quaes não podem subir por calarem muito. Temos ainda, acima do salto, talvez na Uruguayana, um outro vapor tão ordinário como o "11 de Junho". Eis a esquadilha que vae atacar o inimigo. Com o favor de Deus, porém, o "Taquary", navio chefe, ha de fazer aqui o que o "Amazonas" fez no Paraná.



Tivemos hoje communicações de que o inimigo avança. Talvez, nos ataque ainda aqui, o que será uma felicidade por termos mais recursos. O Lomba manda amanhã a Buenos Ayres um Guarda Marinha levar a participação ao Almirante, que não sei quando virá. O Lomba é um excelente homem e valente official; já foi meu commandante no Jequitinhonha no meu tempo de Guarda Marinha. Dou-me bem com elle. Este navio, tem, além da guarnição, trinta e cinco zuavos da Bahia e vinte e oito praças do batalhão de engenheiros. E' muita gente, e como ha a vontade de combater, havemos de fazer alguma coisa. Logo que houver agua no Salto, subiremos. O Almirante espera encontrar-se com o Imperador em Uruquayana; talvez por isso volte cedo de Buenos Ayres.

N. 7

Alto Uruguay, (cm frente a Uruguayana) 20 de Setembro de 1865.

Está acabada a minha primeira campanha. A villa de Uruguayana rendeu-se no dia 18, sem darmos um tiro de peça. O inimigo estava muito desmoralizado e sem recursos; não tinha munições, nem viveres, vivendo só de carne de cavallo. Nenhum escapou; entregaram-se todos em numero de cinco mil cento e tantos.

No dia 17 do mez passado sahimos de Salto cm direcção a este lugar e só no dia 19 pudemos montar o salto de pedras, por não haver agua no dia 18; no dia 21 pela manhã aqui chegamos, encontrando a villa occupada pelo inimigo, sem que nos fizesse fogo ao lhe passarmos em frente. Estivemos até agora empregados em diversos serviços, como passar a tropa do Flores, que á margem direita tinha já derrotado a outra columna inimiga, e rondar abaixo da villa para que ninguém escapasse. No dia 11 do corrente fizemos um reconhecimento levando a bordo os Generaes Mitre, Flores, Porto Alegre, o Ferraz, etc., e no dia 13 outro, com o Imperador, os Príncipes, Mitre, Eloros, o Almirante, Caxias, Cabral e Porto-Alegre; desta vez passamos mais longe da villa. Das outras o fazíamos ás vezes á distancia de tiro de espingarda, sem que o inimigo nos agredisse, e nem nos respondesse aos tiros de peça que lhe fizemos no dia 28, únicos que disparamos nesta grande campanha. No dia 18, logo que se aproximou o nosso exercito, renderam-se. Eu fui logo a terra e encontrei as casas todas arruinadas e as mobílias quebradas; nada havia intacto; o destroço foi espantoso. O inimigo construía embarcações para fugir, mas nós o impedimos.

O rio está baixo e não sei quando desceremos. Tenho muito que diser-lhe, porém estive occupado hoje em passar tropa e agora, chegando, acabo esta ás pressas, por ter portador seguro. Está no Ministério da Marinha um mineiro; creio que o Oliveira tem relações com elle e por isso, não tendo tempo de escrever-lhe agora, peço-l'he que o faça por mim, a ver se me obtém o commando de um vapor encouraçado; será bom também fazer este pedido ao Martim Francisco.

N. 8

Buenos Ayres, 10 de Novembro de 1865.

Na ultima lhe participava que ia deixar o commando do Taquary e descer com o Almirante para assumir outro commando no Paraná. Tendo deixado no dia 21 o commando do "Taquary", desci a 22 com o Almirante no "11 de Junho", e no dia 26 tomei no Salto o commando da canhoneira



"Iguatemy", cujo commandante obtivera licença para ir ao Rio tratar-se. A "Iguatemy" é uma das canhoneiras construídas na Inglaterra e uma dai que mais soffreram no Paraná. Necessita de grande concerto; vou fazer os mais urgentes e subir. Amanhã principiamos a concertar o casco e a machina, para o que muito me custou convencer os homens que infelizmente nos governam. Não estou contente com este navio; comtudo, nada digo e nem peço coisa melhor enquanto estou por aqui e espero em Deus e em minha madrinha ser feliz nelle como fui no "Taquáry" e escapar com vida desta guerra que vae se prolongando por conveniência de alguns ladrões que aqui estão se enriquecendo.





OS "GRANDES" E A "OPPORTUNIDADE"

NÃO nasce apenas do talento e da cultura o triunfo, a glória dos grandes nomes literários, mas também, e principalmente, da ocasião, da oportunidade em que elles surgem. Ha vultos de real valor, de mérito incontestável, superiores não raro a muitos popularizados, que entretanto vivem dolorosamente apagados ou até mesmo morrem de todo desconhecidos, simplesmente por lhes não haver sorrído, por lhes não haver favorecido a força hercúlea, inestimável e imprescindível da oportunidade.

O maior factor, por exemplo, da reputação de Castro Alves — perdõem-me os fanaticos a *heresia* — foi a "oportunidade" dos themas por elle versados, themas que outros poderiam ter explorado com o mesmo talento, maior cultura e sobretudo mais arte. E nem se diga que por ter sido elle o "primeiro" fôra superior a todos os de seu tempo, tanto mais quanto o seu renome — e é isto um facto real — proveio justamente de haver o poeta interpretado o pensamento da época, o que quasi todos sentiam mas não sabiam dizer. Ser o "primeiro" não é ser o "maior", como para ser o "maior" não é preciso ser o "primeiro". Para prova basta recordar Ruy Barbosa que foi "grande" sem ter sido o "primeiro" em cousa alguma. O que elle fez, o que elle soube fazer foi concatenar e transmittir o que se pensava e já se havia dito sem o brilho e discernimento admiraveis que lhe eram peculiares. Não ha nisto irreverencia a esses dois gigantes, dignos por todos os titulos de nossa veneração, respeito e orgulho.



O "grande" não se submete, não desce á frivolidade de escolas ou modas. Preoccupa-se com os altos problemas humanos; pensa por si só; encontra a sua personalidade; escreve por conta própria; tem a felicidade de traduzir as palpações de "momento" — e enche uma época!

E por que é compreendido, estimado, applaudido? Porque todos lhe sentem na obra a "verdade ambiente", uma partícula do seu "eu", uma cousa latente que havia na alma e que se descortina de súbito, completamente, trazendo um goso, uma alegria íntima e confortante.

Quando ha um "grande" a reinar, o seu fulgor, como o de um astro irradiante, corre mundo. Em torno d'elle surgem então os "*satellites*" — os discípulos, os que se contentam com a condição de meros copistas, os inventores de agremiados inúteis, em que nunca pensaram os que realmente têm uma scentella superior.

Mas quando se vae tornando velho um mestre, quando falta alguém que saiba fazer vibrar as cordas do "momento", ha como que um deliquio avassallante, um vasio angustioso, uma "crise" em que ninguém sabe definir o que quer nem o que pensa. Da estagnação, das fendas dos grandes troncos que, á acção do tempo, se transformam para fecundar a nova vegetação, brotam cogumelos, sahem as térmitas estonteadas, que, sem a attracção de uma chamma, em torno da qual se agglomeram, esvoaçam nas trevas, entrechocam-se, querem transfigurar-se em luz radiante — e nessa ancia esteril se esgotam, se abatem, perdem as asas; e ao raiar do novo e verdadeiro sol, eil-as mudadas em cupim, a proliferar em meio á rastejante tiririca...

E' esse o fim de todos os que pretendem inventar coisas absurdas, estranhas ao sentimento da collectividade. Ninguém "cria"; quando muito "descobre". E o ideal — já o disse em artigo publicado em outro logar — não é "aperfeiçoar" mas achar a perfeição do natural.

Mão grado a opinião de muita gente, para mim tenho que, por exemplo, a poesia objectiva nascida na França em 1860, a que Barbey d'Aurevilly baptizou por parnasianismo, foi menos fruto de *reação* ou *escola* do que filha do sentimento ambiente. Parece que uma cousa resulta da outra; mas não é exactamente assim. *Escolas* são coisas de mediócrs; *reação* se opera contra alguma cousa. E não creio que Leconte de Lisle, Theophilo Gauthier e José Maria de Heredia fossem mediócrs, nem tão pouco houvessem pensado em destruir ou offuscar Victor Hugo, Alfred de Musset e Alfred de Vigny. Elles eram realmente grandes; viveram como Byron:

"I live not in myself, but I become
Portion of that around me."

Viveram assim; sentiram as palpitações do "momento"; souberam interpretal-a; tiveram finalmente a "oportunidade" de tornar-se "grandes".

E grande ha de ser sempre Victor Hugo ou Leconte de Lisle, Alfred de Vigny ou Theophilo Gauthier, José Maria de Heredia ou Alfred de Musset; grande ha de ser sempre tudo quanto traduza com exactidão o sentimento do homem e da natureza; e que appareça com a indispensável "oportunidade".

Rio, Setembro 1923.

ARNALDO NUNES.





MEU PADRASTO

DESDE que papai morreu, vim morar na fazenda. A vida de cidade, com suas obrigações mundanas, não se conciliava com o meu desejo de solidão; depois, sou selvagem por natureza, não posso adaptar-me às mil convenções sociaes. Adoro a liberdade.

Faz dois annos que vivo longe de mamãe; meus tios, que não têm filhos, esti nam-me como tal; sou a alegria delles, o seu orgulho e dizem que a herdeira única. Tenho professores que me ensinam linguas, sciencias, pintura, dança e o mais.

Detesto a sociedade; meu tio, que me observa constantemente, disse-me um dia destes: — "E' escusado, Nené, você nunca será uma mulher chie, com esses modos tão simples... Sua mãe não hade gostar". Mas eu creio que elle fica bem satisfeito de me ver assim.

Não sei quando voltarei para a cidade; a vida que a mamãe leva não me tenta; visitas, bailes, passeios, theatros, chás, nem uma hora consagrada á família!

Lembro-me do quanto papai soffria com isto. Eram luetas sem fim, nas quaes elle cedia sempre, por amor á paz.

Amava-a tanto !... Pobre pai! Mamãe é boa, mas tem alma de creança. Gosta de divertir-se, é uma menina grande; depois, tão adulada sempre, ninguém pode estar junto delia sem ficar fascinado com a sua graça, o seu espirito, a sua alegria estouvada e encantadora.

Não tenho o gênio de mamãe, como poucos traços tenho seus; sou alta e loura, ella é pequenina e morena.

Gosto muito de musica; passo horas ao piano, encantada com Beethoven, cujas sonatas estudo. Porém nada executo^ ainda do meu gosto; falta qualquer cousa em minha execução. Que será? A alma talvez... Entretanto, eu sinto a musica.

Tenho lido relativamente pouco: Herculano, Hugo, Walter Scott, "Os noivos", de Manzoni,... Meu tio é exigente e escolhe muito os livros que devo ler; quer formar-me a alma, diz elle, alma sã de mulher verdadeira, não de boneca. Meu professor de inglez e sciencias é um senhor já idoso, muito meigo, muito bom; creio que foi pastor evangelico uns tem-

pos; irlandez de origem, tem na alma as tristezas de sua patria. Foi quem me aconselhou a escrever este diário. "Escreva, minha filha, todos os seus pensamentos, e verá que, si for sincera, ha de melhorar cada vez mais. Mas, pense bem! Um diário deve ser sincero; do contrario, antes não escrever nada". A idéa tentou-me. Vou escrevel-o e serei bem sincera, bem sincera, inda que seja contra mim.

Foi hoje o dia mais triste da minha vida, depois da morte de papai. Posso dizer que é a segunda grande tristeza que me acabrunha: Mamãe vai casar-se!

Como a esposa adorada de um homem como meu pai pode pensar em outro homem para marido?

Quanto tenho chorado!

Hontem estranhara meus tios. Sempre tão alegres, estavam tristonhos. E' que tinham recebido a carta de mamãe e não sabiam como dar-me a noticia. Hoje, finalmente, depois de muitos rodeios, deram-m'a a ler. Mamãe diz que é muito moça ainda, que vive muito só e que porisso resolveu casar-se, o que estará realisado ao recebermos esta. Conta que os bons cunhados me preparem o espirito, e me impeçam de acolher com animosidade o meu padraсто. "Poderia estar casada ha muito tempo, mas quiz escolher muito o homem que seria seu novo pai". Novo pai! Como si eu podesse considerar pai a outro além daquelle que realmente o foi!

Termina com um elogio pomposo ao noivo, que só tem o defeito de ser mais moço que ella.

Calculem! Um rapaz de vinte e oito annos casar-se com mulher de quarenta! Mamãe é ainda linda, encantadora, mesmo; mas não está sujeita, como toda a gente, ás leis do tempo?...

Odeio meu padraсто. Odeio-o tanto como nunca imaginei odiar alguém.

Nessa carta mamãe communica que vem passar oito dias aqui e que quer levar-me a passar alguns mezes com ella. "Já é tempo, de apresentarmos á sociedade essa selvagemzinha..."

Não vou. Pois hei de ver, na velha casa dc meus avós, na casa onde meu pai nasceu, onde nasci, onde tudo me fala dos meus, pois hei de lá ver meu padraсто dando ordens, como senhor absoluto?

Mamãe chegou. De manhã meu tio mandou arranjar o automovel para irmos á estação; eu, porém, fui a cavallo. Gosto mais do Zut, e além disso, dessa forma, não voltaria com o meu padraсто. Meu tio percebeu minha idéa. Puxou-me a orelha, rindo, e disse: — "Cabecinha de vento".

Não posso lembrar-me sem me rir da cara da mamãe quando me viu.

— Que é isso, Elisa? disse meu padraсто. Você falou-me de uma menina, e vejo a mais linda das moças!

Antes de papai morrer eu era cnfezadinha e doente; os meus dezeses annos tinham a misérrima apparencia de doze, no máximo. Mas a estadia na fazenda, a gymnastica, a natação, o regimen de vida sadio, emfim, desenvolveram-me completamente. Tive uma alegria quasi perversa ao abraçar mamãe, tão pequenina...

— Mas, que é isto, Você está demais! E' outra! Que transformação! E bonita, sim senhora! Estou orgulhosa de minha filha ...

E voltando-se para meu padraсто:

— Imagine, Eduardo, Nenê era feiosa, pequenina, desageitada e eu



que pensava encontrar uma selvagem, encontro-a num apuro desses! Já não ha fazendas...

Depois, vindo-me em traje de montar, estranhou:

— Será que vocês só trouxeram cavallos?

Titio não respondeu; riu-se, conduzindo-a ao automovel.

O José, empertigado na farda que o abotoava como uma luva, de bonné na mão, gravemente sustinha a portinhola da *Fiat*.

— Oh! como você está graúdo! — Eu contava ter de viajar no clássico e poeirento trole. Vejo que vou passar deliciosos dias aqui...

Meu padraсто, como eu me preparasse para montar, quiz auxiliar-me mas dei um salto e poupei-lhe o trabalho.

— Não mandou vir um cavallo para mim, Nenê? perguntou-me elle.

Respondeu-lhe meu tio, desculpando-se. Cançado da viagem que chegaria, suppoz natural que preferisse vir de auto.

— Eu, cançado? Absolutamente não: Sou doido por animaes e pela amostra vejo que o senhor também é entendido, disse, apontando o Zut.

O automovel partiu e o meu cavallo, á frente, poude mostrar a todos as suas excepcionaes qualidades.

Quando chegamos, meu padraсто cumprimentou-me.

— Você monta muito bem, Nenê, e isto me satisfaz, porque terei boa companheirinha de passeios. Já sua mãe é incapaz dessas "violências".

Era só o que faltava, fazer-lhe companhia nos passeios! pensei cá commigo.

Já não tenho odio a meu padraсто. Todas as mácriações e grosserias que lhe fiz, voltaram-se contra mim. Sempre amavel, delicado, attencioso, acabou por vencer-me. Temos quasi os mesmos gostos, e elle adora a musica. Como eu, passa horas e horas absorvido nos grandes mestres. Toca com muito gosto e dá um sentimento estranho, uma interpretação tal que me vem a sensação de que improvisa as musicas.

Ouvindo-o um dia destes numa sonata de Beethoven, commovi-me tanto que chorei.

— Porque chora, Nenê?

E' que o senhor tóca de maneira que me commove, respondi, meio despeitada pela minha fraqueza. Nunca serei capaz de executar uma musica dessa maneira.

Meu padraсто sorriu.

— Obrigado, Nenê. Aprecio muito sua opinião, mas a verdade é que, tecnicamente falando, tóco mal, muito mal... Sinto a musica e imprimo-lhe todo o meu sentimento, mas, não sou capaz de estudal-a a serio, como é preciso. Não tenho animo, sou um eterno preguiçoso... Você toca muito melhor do que eu. O que ha é que você não soffreu ainda, ainda não viveu... Sua interpretação é a sua alma: alma de ovelhinha branca, ainda adormecida... Experimente uma cousa: quando tocar a *Primavera*, de Grieg, pense em flores, nesse despertar delicioso da natureza que nós, brasileiros, não conhecemos por cá, onde a primavera é eterna. Depois do inverno, inverno europeu, de neve, pense no que será a primavera! Arvores que reverdesoem, flores que desabrocham, calor, vida, passaros de volta aos ninhos, canto de mães que embalam filhos, creanças que riem. Evocando tudo isto, estou certo de que você executará esta musica com tanta ternura e com tanto frescor que os que a ouvirem se enternecerão, forçosamente. ...

Todos os dias, bem cedo, saímos á cavallo, sem mamãe, que é incapaz de levantar-se antes do meio dia. Nos primeiros dias foi quasi forçada que fiz esses passeios, mas ultimamente é com prazer que acompanho meu padraço. Vamos sempre a passo, conversando. Elie me fala de seus estudos, de suas viagens, de uma irmã que teve e morreu da minha idade. A's vezes, um desejo louco de galopar nos avassala e apostamos carreira pelos carreadores intérminos...

O cafezal florido exhala um perfume fresco, penetrante, que attrahe enxames de abelhas... Que manhãs deliciosas! Todos os dias assistimos ao nascer do sol. Como a natureza é opulenta! No mesmo espectáculo, diariamente repetido, põe tanta diversidade de aspectos que nos enchemos de admiração e nossa alma curva-se commovida ante tanto esplendor!

Um dia destes falei-lhe de papai. Contei-lhe da minha adoração por elle, do quanto nos queríamos e de como me falava sempre dos seus estudos... Ouviu-me calado e recordou que o conhecera e fôra seu discípulo.

— Não se lembra, Nenê? Um dia você estava no jardim, os cabellos soltos, o chapéu na mão, alegre, animada, a rir. Depois, não sei como, correu, tropeçou e cahiu. Que tombo! Dos joelhos feridos o sangue escorria pelas pernas. Eu, que vinha chegando, tomei-a nos braços e levei-a para dentro, aos berros...

Lembrava-me perfeitamente do tombo, mas não me lembrava de quem me soccorrera. E aproveitei a suave recordação para abordar um assumpto que me preocupava.

— Então, visto que somos amigos velhos, quero pedir-lhe uma cousa, sim? Eu queria... queria que o senhor me promettesse não modificar a nossa casa. Papai amava-a tanto, que seu espirito ha de voltar ás vezes a repousar nesse lar onde nasceu, onde nasceu meu avô, onde também eu nasci. O senhor não imagina o quanto tenho soffrido ao pensar que talvez ao seu espirito moderno e adiantado aborreçam aquelles velhos moveis imponentes e a disposição severa e pesadona da casa!

— Era isso que levava você a evitar-nos, Nenê? Tinha medo de encontrar a casa modificada? Prometto o que você pede, e de bom grado, porque adoro aquella casa. Aquelles bons moveis antigos, que nos recebem como amigos velhos, aquelles retratos magestosos que gravemente nos protegem o somno, toda aquella austeridade me encanta. Sempre sonhei ter uma casa assim, onde a gente viva realmente, e não esteja de passagem, como enr um hotel. Detesto as casas modernas, pequenas, affectadas, superficiaes como a alma da sociedade de hoje. Tudo apparencias. Nada sincero. Ao amor chama-se *flirt*; á amizade, hypocrisia; ao heroísmo, á abnegação: "fitas", calculo. O que não comprehendo é como o espirito de sua mãe se dá bem com isso! Você precisa voltar conosco; a velha casa tem alma e sente a sua falta. Não echoam nella risos alegres, ninguém canta, ninguém faz castellos no ar, não ha sonhos de amor. E' uma casa feita para lar conchegado, para ninho onde balbuciem e cresçam creanças...

Ha oito dias que estou na cidade. Mamãe, bem contra a vontade, concedeu a meu padraço mais oito dias além dos convencionados.

— Não calcula, Nenê, disse-me elle nas vesperas de ir, quanto me aborrece a vida que levamos na cidade! Que semsaboria! Como invejo a você o estar aqui, entretanto... ficaria muito triste si você não fosse conosco. Porque eu quero que você me considere, não como pai, seria ridiculo da minha



parte, mas como irmão mais velho, que se estima, em quem se deposita confiança. O sentimento que você tinha por mim no começo era mais que de antipathia, era quasi rancor. Dei-lhe razão, creia. Eu também, em seu lugar, receberia assim um padrasto. Mas hoje esse sentimento hostil já lá se foi, não é verdade? Como ser inimigo de uma pessoa que se commoveu comnosco diante da sublimidade da natureza? "A contemplação da natureza suffoca os odios humanos, que são vis e mesquinhos". Você mesmo disse isto, lembra-se? e estou convencido de que é uma grande verdade. Quero que você não veja em mim "o padrasto", o intruso que veio tomar o lugar de seu pai. Sou seu irmão mais velho. Não pense também, Nenê, continuou elle, corando, que foi o interesse que me fez casar com sua mãe. Nossas fortunas se equivalem. Também não direi, perdoe-me a verdade, que foi o amor, no sentido essencial que se dá á palavra. Casei porque a estimo e sei que em baixo daquella capa de frivolidade pulsa em coração bom, generoso, prompto para todos os sacrificios.

Tive uma mocidade muito turbulenta; perdi meus paes muito oedo; uma irman que me restou foi-me logo arrebatada, e vi-me só, desamparado moralmente. Em dois annos de solidão vivi tanto quanto um homem vive em sessenta! E... cancei-me. Queria casa, lar, soccego.

Você está agora, Nenê, tão ao par da minha alma como eu mesmo.

E, para terminar, peço-lhe um favor: não me chame mais "meu padrasto". Não calcula como me irrita essá palavra!

Diga simplesmente Eduardo. Feito?

— Como é bom voltar para casa! Eu não imaginava esta sensação e entrei chorando! De chapéu e maleta na mão, percorri a casa toda. No gabinete do papei tomou-me tal commoção que fiquei presa ao solo, á vista de um retrato em tamanho natural que eu não conhecia. Tive a impressão de que elle ainda estava vivo e á minha espera. Paizinho querido, papaizinho querido! rezei baixo, debulhada em lagrimas.

Quiz ver todo o jardim, o pomar, a horta. Era como se fizesse uma peregrinação religiosa. Cada arvore, cada canto tem para mim uma recordação. As arvores, as nossas arvores! A minha arvore... Lembrei-me do dia em que as plantamos.

— Diz um grande philosopho que plantar uma arvore é uma das acções que mais agradam á divindade. Pois que cada um de nós plante sua arvo're e fique de bem com a divindade, disse-nos um dia papai, a rir. E as plantamos... Recordações, caras reliquias do passado, que bem fazeis ás nossas almas!...

Mamãe está em uma roda viva — compras, visitas, chás, theatro, corso. Não sei como ella supporta isso. Que fibra!

Eduardo poucas vezes a acompanha; foi o trato que fizeram.

Eu, porém, si me casasse, não gostaria de viver assim. Meu marido seria o meu companheiro inseparavel; sem elle parece-me que nada ine saberia bem.

Assim como viveria só para elle, havia elle de viver só para mim.

Mamãe, a quem disse meu pensamento, riu-se:

— Tolinha! Quando você conhecer a vida verá que nada lia tão incommodo como andar com o vosso marido agarrado ás saias. O amor, para se alimentar, precisa de phantazia, illusão, e que illusão um marido pode ter si passa ao pé da esposa 24 horas por dia?



Mamãe não me compreende, nem eu a ella. Eu quero que meu marido seja homem útil; ora, sendo util, ha de trabalhar; eu também terei muito que fazer em minha casa; mas nas horas de descanso, não admitto que o homem vá para o club e que a mulher fique sozinha em casa ou ande a correr diversões. Não!

Eduardo concorda commigo, mas não crê que eu possa resistir á vida mundana.

— E é pena, Nenê. Eu gostaria que você fosse sempre assim. E' tão raro encontrar-se uma alma verdadeiramente de mulher, não de boneca!...

Combinamos que não devo apparecer por enquanto; mamãe dará uma festa em minha honra, e só ahi serei apresentada ás nossas relações.

De bom grado concordei, porque não tenho pressa nenhuma em apparecer.

Gastei uns dias a installar-me. A minha antiga sala de brinquedos foi transformada. Guarnei-a de uma mobilia de vime, commoda, leve e elegante, com almofadas de um tom vivo nas cadeiras. Meu pequeno *burcau*, minha machina, muitas flores e folhagens e *storcs* de linho branco. Para rematar, armei uma rêfde num canto. Depois de tudo prompto offereci a mamãe e Eduardo um chá de brinquedo na minha residencia. Fiz questão de eu mesmo fazer não só o chá como os diversos bolos servidos.

Foi um successo! Ninguém acreditava nos meus préstimos. Mamãe achou tudo encantador, só reprovando a rêde, mas Eduardo mostrou-se encantado. Riu-se com um bom humor que ainda não lhe tinha visto, e depois fez um discurso, que terminou com a tomada de posse da minha residencia em nome da comunidade.

Immediatamente, mandou levar para lá um piano e uma pequena estante com os seus livros predilectos.

Também mamãe arranjou um canto para si e meu padrasto declarou solemnemente que seria alli o santuario da casa, o logar delicioso onde estranhos jamais penetrariam. Tudo em ar de brincadeira, que muito nos divertiu.

E começamos um viver calmo, tranquillo, cheio de felicidades. Mamãe não concordava muito com essa nossa existencia e nos tratava como animaes raros.

— De que raça vocês são feitos? Que graça encontram em conversar, tocar piano e fazer esses eternos passeios no pomar! Não os compreendo... Eduardo ainda vá, está cançado; mas você, Nenê, gostar desta vida...

Como se aproximasse o dia da festa, resolvi eu mesma fazer meu vestido. Meu tio habituara-me na fazenda a fazer toda sorte de serviços, e muitas vezes dispensou por um dia a cozinheira para obrigar-me a aprender cozinha. Além disso, duas vezes por semana vinha da cidade uma senhora que me ensinou a cortar, de modo que eu sou capaz, sem a menor difficuldade, de fazer um vestido qualquer.

— Não é préstimo, uma mulher saber costurar ou cozinhar, dizia elle: é dever, como é dever saber ler e escrever... Ninguém diz que uma pessoa é prestimosa porque escreve uma carta ou lê um livro.

Quando mamãe soube que eu ia fazer o meu vestido, aborreceu-se.



— Não é coisa para você, minha filha. E' ridiculo para uma moça de educação fina andar a coser os vestidos. Absurdo! Nunca perdoarei ao teu tio o haver incutido em você essas idéas tão tolas!

Insisti.

— Mãezinha, deixa-me fazer o que quero! outros vestidos hei de dar á sua costureira, mas este, que mal faz que eu o faça?

Mamãe accedeu, mas ás occultas mandou fazer outro para o caso do meu não sahir bom.

Eduardo approvou minha idéa e, satisfeito, quiz elle mesmo escolher a côr e o feitio. Atirei-me ao trabalho. Minha mesa de costura foi aberta e o manequim surgiu de dentro delia, com espanto dos de casa.

Eduardo fazia-me companhia e ora conversávamos, ora elle lia em voz alta, ora tocava; ás vezes, para descansar, sahiamos e davamos passeios deliciosos pela praia ou pelo pomar.

— A mocidade é a cousa mais bella que existe. Antes de você vir para cá, eu achava-me velho, cançado, alquebrado, sem confiança na vida, hoje entretanto, olho tudo por um prisma tão diverso! E' que você me passou um pouco de sua alegria, sua esperança, sua fé...

Meu vestido ficou bem bom. Quando vesti, Mamãe e Eduardo bateram palmas.

— Bravos ás pequenas mãos de fada! disse meu padraсто a rir. Em seguida sahiu e voltou com um fio de pequenas pérolas na mão.

— Ncnê, é este o presente que offereço a você em lembrança da satisfação que nos deu, mostrando que tem uma alma boa, simples, valerosa, que não desdenha o trabalho e que comprehende a vida da maneira por que deve ser comprehendida. Esse collar foi de minha irmã: é a reliquia que eu delia guardei e que offereço a você como a melhor coisa que possa dar.

Nunca imaginei que um simples vestido valesse tanto! Mas mamãe parece que ficou triste...

Sempre gostei do luxo criterioso e grave: os crystaes, as pratarias, as porcellanas finas e transparentes, todo esse conforto emfim, que a riqueza nos proporciona. Esse luxo sempre existiu em nossa casa. Papai era um homem extraordinariamente simples no trajar e no tratar, mas não dispensava um certo apparatus, principalmente á mesa. Nossas festas foram sempre celebradas como acontecimentos, tanto o bom gosto de papai se unia ao espirito inventivo e caprichoso de mamãe.

No baile eu seria apresentada solemnemente. "Nenê já não é creança e deve occupar seu lugar na sociedade".

A' meia noite appareci entre mamãe e Eduardo. Ninguém me reconheceu. Vagamente, alguns velhos amigos da casa lembravam-se de que eu existia.

O aspecto das salas era deslumbrante; a illuminação perfeita e a ornamentação sóbria em nada prejudicavam, antes realçavam as obras d'arte que as guarneciam.

A's toilettes riquissimas das senhoras scintillantes de pedras preciosas, unia-se a elegancia distincta das casacas.

Mas como são poucos os homens que as sabem vestir de maneira a não parecerem creados de hotel! Eduardo é sempre um perfeito cavalheiro. E' o typo ideal... Generoso, bom, educado, intelligente. Figura

bonita, em toda a parte se destaca pelas boas maneiras, pela distinção e elegância.

Quero que o homem que tem de ser meu marido se assemelhe em tudo a elle. Hoje mesmo o disse á mamãe, que me olhou muito, mordeu o lábios e não deu resposta.

Fui apresentada a toda gente e, obrigada a dançar com quasi todos!

Não sei o que tinha Eduardo, mas pareceu-me aborrecer-se bastante.

A's duas horas eu já não podia mais de cansaço physico e prostração moral. Nunca fôra obrigada a falar com tanta gente desconhecida; e atordoei-me. Realmente, não fui feita para essas cousas! Em certo momento resolvi descançar um pouco e fui para o jardim, sentar-me no caramanchão das rosas. As trepadeiras cocultavam-me quasi completamente, e cahi em um meio torpor. Do outro lado do caramanchão, no jardim, dois cavalheiros fumavam, passeando e conversando.

— Não posso comprehender como é que Eduardo foi casar com d. Elisa, que pôde ser sua mãe, quando tinha a Nenê, tão bonita, e mais rica, pois é também herdeira dos tios!

— Mas, meu caro, d. Elisa ainda é um peixeão! Bonita, engraçada, espirituosa. Alem disso deve ser uma grande amorosa, uma... esperta amorosa, aquella senhora...

— Qual! Mulher para algumas horas. E muito frivola, muito vaidosa. A filha, sim, é mulher para sempre. E vê-se que nasceu para o lar. Só mesmo um tolo como o Eduardo, vaidoso e... cego...

Levantei-me; parcia-me que ouvindo aquelle dialogo eu insultava mamãe, e ia sahindo quando dei com Eduardo, que viêra á minha procura.

Estava parado, e também elle ouvira tudo. Quiz fugir sem falar-lhe, mas Eduardo segurou-me nas mãos e, olhando-me com um olhar que me perturbou a alma, murmurou: "Cego, não! Como adivinhar? Louco, sim porque não acreditei na vida..."

Porque falou isso, Eduardo? Essas palavras bateram-me em cheio no coração, e alguma cousa, como uma barreira levantou-se entre nós.

Voltamos para a sala, onde devíamos marcar um cotilhão, para o qual mamãe encommendara ricos presentes.

Dancei, louca de vontade de chorar, e a rir estupidamente esse riso inerte parado á flor dos lábios, que mais parece rictus de dôr que expressão de alegria.

O olhar de Eduardo me perturbava. Elle também soffria, muito pallido, com as mãos geladas.

Que tempo levou esse cotilhão? Nem sei! Uma eternidade...

Já lá vae um mez da festa de apresentação.

Um vento de mau humor soprou sobre nós com fúria. Mamãe, nervosa, aspera, irônica, cruel ás vezes, quasi não sae de casa e tem a apparencia doentia, envelhecida. Parece-me trabalhada de uma preocupação que não a deixa.

Eduardo passa fechado no quarto dias inteiros; á tarde vai para o club p volta de madrugada.

Ouvi dizer que tem perdido uma fortuna no jogo...

Também eu ando triste; não me falta nada, mas as palavras de Eduardo martellam-me no cerebro incessantemente. Procuo distrahir-me, trabalhando o mais que posso.

Hontem, comecei a tocar um nocturno de Chopin. Mamãe irritou-se de tal forma, que lhe pedi desculpas. Não me respondeu. Olhou-me como si olha para uma inimiga...

Cosia eu hontem umas camisas que ando fazendo para o enxovalzinho de um bebê, que a mulher do jardineiro espera no mez que vem, quando, distra-hida com o trabalho, machinalmente comecei a cantar. O canario acompanhou-me e fizemos um desafio.

Eduardo entrou, rindo.

— Já voltou a sua alegria, irmanzinha? Parece que estivemos meio zangados, não? Sou um irmão estouvado, que quebra tudo em que tóca. Você desculpa, não é?

Vendo-me perturbada, corou intensamente e disfarçando perguntou-me o que eu fazia.

Mostrei-lhe a camisinha.

— Feliz, você, Nenê, que pode dar um pouco do seu *eu*, do seu trabalho, aos que precisam! Nada disso posso fazer...

— Não compreendo, Eduardo! Sempre estranhei que você, intelligente e preparado como é, viva nesse lethargo em que vive. Porque não advoga? Não gosta?

Porque não compra uma fazenda? Pelas conversas com o tio vi que você entende de lavoura e criação. Poderia ter uma fazenda modelo. Não lhe seduz isso?

Ou, então, porque não se occupa de beneficencia? Olhe, eu, si pudesse, instituiria uma grande officina! Calcule, uma officina onde todos os im- prestáveis, os mendigos, os desprotegidos da sorte encontrassem trabalho adequado ás suas forças e remunerador. Um cego, por exemplo, empalharia cadeiras, faria cestas; o aleijado de um braço só, servir-se-hia delle, ou para tocar a manivella, ou para qualquer cousa que não dependesse de força. Enfim, o meu esforço teria esta meta: levantar o povo de tal forma que não houvesse mais mendigos. Ser mendigo! Que cousa horrivel!

Eduardo olhou-me carinhosamente. Depois disse:

— Essa sua preocupação para o bem, esse seu ideal, como isso me commove!... Si eu não fosse tão preguiçoso, ou, antes, si não estivesse ganho por tão fundo abatimento de alma, poderia ser... Talvez ousasse... Mas, sabe você o que é o irreparavel, Nenê? Sabe o que é a gente não querer lutar, não querer procurar, cultivar o desanimo, duvidando da vida?

Quanto ella se vinga! Pensar que o ideal não existe e encon-tral-o quan-do já é tarde demais... Que ironia! Vel-o perto, junto de nós e... tão distante, como quem vê uma estrella lá no alto do firmamento, mais dis-tante ainda, talvez... Misero Tantaló...

E, Eduardo, enterrando com força o chapéu na cabeça, sahiu.

E a phrase — "Cego? não! Louco!" — tornou a gritar tão alto den-tro de mim que a cabeça me estalou e comprehendi toda a verdade!

Estou na fazenda.

Frente a frente com a minha consciência, vi, comprehendi com horror qual o irreparavel a que Eduardo se referia.

Pobre Eduardo!

A "alma de ovelhinha branca, ainda adormecida", a amar o único ho-mem em quem jámais deveria pensar!

Quando alcancei isto, resolvi deixar a casa. Tive pena, tive remorsos da dor que tantas vezes vi nos olhos de mamãe.

Comprehendi seu olhar ás vezes cheio de odio...



Com que entusiasmo aceitei! Meu Deus! Que fique o oceano entre mim e Eduardo! Só o oceano pode separar-nos...

Porque não o conheci antes? Fatalidade! Esse homem que é o marido de minha mãe, que está no lugar de meu pai, é justamente o homem que eu amo de tal maneira que jamais poderei esquecer!

E minh'alma, como navio sem bússola no meio da tempestade, desespera-se ante o irreparável...

Era minha intenção fechar aqui este diário. Escrever que mais? Só á sua vista a lembrança de Eduardo aviva-se-me no pensamento, e eu preciso esquecel-o. Paris! talvez seja Paris o grande remedio para meu mal.

Esse turbilhão continuo que nos envolve e nos arrasta para um viver inteiramente novo, deve agir sobre mim também, desviando o curso de meus pensamentos.

Tinha decidido não abril-o mais, mas mudei de opinião.

E' que o momento da tragedia chegou. A guerra!

Os acontecimentos se precipitam. A Allemanha invadiu a França e a Bélgica. As duas nações, surpresas, tentam oppor um dique á torrente inimiga. Que dias!

Eu chorei as feridas da nação hospitaleira que me acolhe, e deliberei prestar-lhe meus serviços.

Meu tio e eu nos alistamos, elle como medico em um hospital de sangue, eu como enfermeira. E no desenrolar da catastrophe mundial, vendo tanta mocidade perdida, a pequenez egoistica do meu drama de amor me appareceu sob nova luz.

Que impressão tenho desses dias! De manhã partiam os soldados, cantando, cheios de fê e de esperanças, brilho intenso nos olhos, aureola luminosa na fronte. E toda aquella vida, toda aquella esperança não era á tarde mais que um montão de carne soffredora, dilacerada...! E aquelles heróes sublimes tinham voz infantil ao murmurar — mamãe...

E eu vi que na dor, no soffrimento supremo, velhos e moços, grandes e pequenos, todos invocam aquella que lhes deu o ser!

E eu que tanto fizera soffrer a minha! E conscientemente me revoltei contra ella, culpando-a do que eu chamava a minha infelicidade!...

Uma vergonha immensa, invadiu-me a alma; vergonha do meu egoismo. E reagi...

São decorridos quatro annos.

A esperança da Victoria nos domina. O inimigo recua, recua sempre. Agora, aos horrores da guerra, juntaram-se os da grippe.

Recebi uma carta da mamãe.

Também lá a grippe avassala tudo. Eduardo transformou a casa em hospital e, diz ella, dedica-se com todo o carinho aos enfermos. Generosa e boa alma!



Fecho os olhos, a pensar.

Como está longe de mim a sua imagem! Vejo-o, hoje, sem nenhum erro de visão. Bom, generoso mas exaltado e de imaginação doentia.

Que é da aureola luminosa que o cercava? Apagou-se, graças a Deus!

Estou certa de que poderei vê-lo sem perturbação.

De todo o passado não me resta sinão o cansaço moral e um pouco de scepticismo. O sentimento que eu julgava único na vida, apagou-se completamente. Será, então, que a gente pode amar duas vezes?

O major medico...

STELLA MARINA





ESTUDINHOS DE PORTUGUÊS

ONTEM E HOJE

Dos trinta milhões de filhos de Eva, que povoam este abençoado torrão, vinte e nove milhões, novecentos e noventa e nove mil, novecentos e oitenta pintam o vocábulo *ontem*, precedido de um antipático e cabuloso *h*, — *hontem*.

Sobre a etimologia desta palavra, oiçamos em primeiro lugar o doutíssimo filólogo português Candido de Figueiredo, *O que se não deve diser*, 3ª edição melhorada e corrigida, 1916, vol. I, p. 282:

"Um dos mais eminentes filólogos da atualidade, o sr. Cornu, sugeriu uma etimologia que não oferece tais dificuldades: *ad noctem*.

O vocábulo *ante*, insuladamente, tinha aprazido a alguns, para aquele efeito. E, realmente, *ante*, sob o ponto de vista morfológico, podia explicar *ontem*. Mas as leis etimológicas não se baseam apenas na fôrma ou aspecto das palavras; e o significado de *ante* é tão generico, que mal poderíamos entroncar nele o significado de *ontem* ou *hontem*.

Com o *ad noctem* de Cornu, desaparecem as maiores dificuldades, quanto á fôrma e significado. E, assim, *ad noctem* daria, em português, *á noite*, ou *á noute*; o *á* aberto passaria para o fechado, como inda hoje se vê no dialecto português de Gôa, e teríamos uma só palavra, *anoute*. Assim como o arcaico *mi* se nasalou em *mim*, por influencia do *m* inicial, a segunda sílaba de *anoute* nasalar-se-ia, e teríamos *anonte*. Com a queda da consoante medial (n), fato vulgaríssimo na evolução da lingua, (veja-se *bona* e *boa*, *arena* e *arca* ou *areia*), teríamos *aonte*. A aferese explica a perda do *a* inicial, ficando a expressão reduzida a *otite*; e não custa explicar como *onte* passou para *ontem*: a nasalação da primeira sílaba refletiu-se na segunda."

A palavra *ontem*, consoante o parecer de Leite de Vasconcelos, deriva-se do antigo *ooytem*, *oôitê*, *oôicm*: *ad nocte(m)*; cfr. > espanhol *anoche*, *ontem* á noite, o suíço roman. *anê*, á noite passada e o francês antigo *anuit*, esta noite; e é a seguinte a sua evolução: *ad noctem*, á *noute*, *anoute*, *anonte*, *aonte*, *onte*, *ontem*.

Alguns linguistas, inclusivamente o dr. Alfredo Gomes, dizem que *ontem* vem de *hodie ante*, justificando assim a grafia *hontem*; Santos Valente, *Dicionário Contemporâneo*, ensina que a sua origem é o latim *ante-diem*; outros, menos avisados e mais atrasados em questões filológicas, etimologistas de pechisbeque e estropiadores da linguagem, imaginam que o vocábulo se deriva do latim *heri*, do francês *hier*, do italiano *ieri*, do castelhano *ayer*, etc.

Amador Arraiz empregou a expressão *a noite atrás*; o cardinal Saraiva, *Bocado Pastoral*, escreveu *o dia antes*, p. 19 da edição de 1698.

O ilustre mestre João Ribeiro prefere o étimo *ante*, porque na computação do tempo sempre representa a unidade imediatamente anterior: *a hora antes* é a hora que antecede; *antes d'ontem* é o dia que precede imediatamente *ontem*.

Diz o emerito lexicografo e eminente romanista lusitano Gonçalves Viana: "E' conservado o *h* inicial, quando a etimologia o justifique, como em *homem*, *humano*, *honra*, *hoje*; mas abolido onde é erroneo, como em *hontem*, *hir*, *hombro*, que se escreverão *ontem*, *ir*, *ombro*."

Ensina o insigne mestre dr. Silva Ramos:

"As palavras *ombro* e *ontem*, assim se escrevem, em homenagem á etimologia, e não *hombro* e *hontem*, como por aí andam grafadas, pois já ninguém ignora que *timerus* era a boa grafia latina e que *ontem* se origina do latim *adnoctem*, atravez das fomas arcaicas *ooytem*, *ooitê*, *oõtem*." (*Revista da Ling. Portuguesa*, tomo III, p. 103.)

A palavra *hoje* vem do latim *hodie*; o *h* neste caso é facilmente defensável.

Cfr.: *Revista Lusitana*, vol. VII, ps. 57 e 61; João Ribeiro, *Selecta Classica*, p. 84, nota 97; A. Cortesão, *Subsidios*; C. de Figueiredo, *O que se não deve dizer*, tom. I, p. 282; idem, *Lições Práticas*, vol. II, ps. 217 e 218; *Rotman*, XI, p. 91; Mario Barreto, *Fados da Lingua Portuguesa*, p. 70; Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa*, p. 372; José Joaquim Nunes, *Gramatica Histórica*, p. 353; etc.

Certamente o leitor até *ontem* pintava *hontem* e *hoje*; de hoje em diante só escreverá *hoje* e *ontem*,

Quem escreve *hontem*, coerentemente, deve pintar *hc*, *hum*, *hir* e *muchas otras cositas mas...*

Belo Horizonte.

JOSE' PATRÍCIO DE ASSIS





PERFIL DE UM CACHORRO DA ROÇA

DA primeira vez que viemos ao Remanso veranejar, appareceu aqui um cachorro vulgar, magro, de longos pellos ruivos e annelados. Estacou deante da casa, no terreiro, a olhar os novos occupantes, com os olhos tristes, cheio de scepticismo e desconfiança, com a amarga experiencia da vida qup têm os cães sem dono e sem nome.

As creanças, no emtanto, interessaram-se por elle. Acerca-ram-no; tocaram-lhe o pello para sentir a macieza; afagaram-lhe a cabeça alta forte; pegaram-lhe as orelhas. E elle a tudo se submetteu, indifferente e resignado a principio, por fim talvez um pouquinho commovido.

Deram-lhe comida, e elle comeu com voracidade e alegria. Deram-lhe um nome, um nome feio, quasi por zombaria: "Cabellaudo". Ouviu que assim o chamavam, teria estranhado, teria talvez pensado em outro nome anterior que lhe houvessem dado, teria sentido a impossibilidade de rectificar, e, afinal, acceitou-o, attendeu ao chamado e tomou-o definitivamente.

Procurou adaptar-se aos hábitos da vida da casa, com timidez, com receio de sahir-se mal, talvez com a recordação de outras tentativas em que não tivera êxito. Accommodava-se, durante a noite, na varanda. Mas, cedo, quando abriam a porta, punha-se de pé, escabriado, de cauda arriada, ensaiando sacudi-la em uma saudação medrosa, quasi excusando-se da sem cerimonia, logo arrependido, e esperando o castigo immerecido.

Parecia, porém, que a sua instalação nocturna obedecia a um pensamento protector e amigo, que poderia escapar á des-

atenção da gente da casa. Haveria logares preferíveis para a commodidade delle. Tal seria, por exemplo, o caramanchão de sapé, escuro, de terra fria, fôfa, com alguns restos de folhagens. A varanda era ladrilhada, fria, clara, attingida pela luz da rua. Alli, porém, elle velava melhor pela segurança da casa. D'alli, d'aquella altura, os seus olhos tristes varavam as sombras da chacara. os vãos das arvores novas, as moitas do jardim, a estrada de subida que dava ao portão. Alli lhe chegavam os rumores suspeitos, que o seu ouvido revelaria, determinando-lhes as causas. E d'alli descia cada noite—quantas vezes! — ao jardim, á horta, ás cocheiras distantes, para vêr melhor, de perto, para ladrar — longe das janellas da casa, que não perturbasse o somno dos moradores. Ainda assim, não imaginaria acaso, que muitas vezes algum destes lhe maldiria o zelo barulhento...

Era essa, porém, sem duvida, a sua maneira de retribuir o carinho e o conforto que lhe proporcionavam de dia.

Afinal, acabando o verão, partimos, uma tarde de sol macio. Elle, de pé, em frente á casa, viu chegar o automóvel, viu alojarem-se todos, viu a partida, não sei com que sentimento de surpresa, de melancolia, de desanimo. Era talvez a renovação do seu triste destino.

Mas, no anno seguinte, no verão seguinte, quando voltámos, dois ou tres dias depois de chegarmos, reapareceu o "Cabbelludo", com o seu olhar triste, os seus longos pellos, a sua magreza primitiva. Voltou, reconheceu-nos, reinstallou-se, e recommçou a mesma vida do anno anterior, até que, de novo, á entrada do outomno, com a mesma surpresa, a mesma melancolia, o mesmo desanimo — talvez attenuados por uma esperança e pelo começo de comprehensão dos nossos hábitos, — viu-nos partir.

Agora, pela terceira vez, neste terceiro verão, quando aqui chegámos, lembrámo-nos delle; procuramo-lo; indagámos. Ninguém o vira, nem sabia delle. Quatro ou cinco dias depois, entretanto, sem que ninguém o visse chegar, encontrámo-lo no caramanchão de sapé, a dormir, magro, pelludo, triste, mais triste ainda nestes primeiros dias depois do seu longo e mysterioso inverno. Retomou logo, sem vacillação, a vida que aqui tem feito nos curtos mezes estivaes.

Ninguém comprehenderá aquella vida. Ninguém sabe como elle tem noticia da nossa presença aqui, para vir retomar o seu lugar. Outros cães lhe dirão que chegámos? Ou elle volta, uma e mais vezes, de dias em dias, para verificar por si mesmo? Ou já saberá calcular o tempo habitual da ausência? E como vive elle, onde vive elle, durante o resto do anno? E' a sua triste historia — que elle não me pôde dizer; talvez estranhe que eu a não comprehenda.



Não a poudes dizer, mas, ainda assim, soube fazer-me sentir, aos poucos, a sua dedicação, a sua fidelidade, a sua intenção amiga. E eu me empenharei em assegurar-lhe aqui, no inverno, a mesma estadia tranquilla e folgada de que está agora gosando novamente. Quem sabe lá, no emtanto, si elle o quererá — e si não preferirá alguns mezes de vida agitada, incerta, esfaimada, vagando por esses morros e ás margens dos rios?

GERVÁSIO IVELNSEIRO





FORTUNATO OU O FORÇADO DA FELICIDADE

CHAMO-ME Fortunato e nasci num dia de Páscoa, sob a mais linda estrella que brilha no céu. Não sei si do nome que me puzeram ou si do astro sob cujo influxo vim á luz, sou o homem mais feliz deste mundo. Censuram-me por isso.

Ora, essa é muito bôa! Não tenho culpa de ser feliz quando outros não o são. Dizem-me em ar de reproche: "Tu és uma ironia viva diante das desgraças alheias. A tua alegria constante faz mal aos que soffrem e o teu eterno bom humor irrita a sensibilidade dos tristes.

Devias, ao menos por um dia, ensaiar de ser infeliz..." Eu ouvia, calava-me e sorria para mim mesmo, porquê os que assim fallavam não sabiam que o meu maior desejo era justamente o de tomar o gosto á infelicidade que eu ainda não conhecia. Quizera, de bom grado, experimentar as sensações nunca soffridas, por uma dessas curiosidades que constituem a fibra característica dos psicologos e dos bohemios. O que não hei feito para soffrer, para sentir uma dôr aguda, que me abale os nervos tão calmos e equilibrados! Mas esse meu desejo é impossível, tão irrealizavel como o de mudar de sexo ou de morrer duas veres. Ha creaturas que só com vel-as dil-as-eis predestinadas para isto ou para aquillo. Eu nasci predestinado para ser feliz e não ha nada, nem esforço próprio, nem circumstancias extranhas á minha vontade, que possa afastar de mim essa fatalidade. E, no entretanto, é tão fácil ser infeliz! Eu tenho uin amigo que se considera irremediavelmente desventurado porquê tem os olhos garços, quando os desejava ter prêtos.

E' uma infelicidade absoluta, irreparavel, pois ninguém até hoje poudetroc, a seu talante, a côr dos seus olhos...

Não poderia eu ter nascido com olhos garços?

Sempre fôra uma cousa para amofinar-me, para turvar de uma nuvenzinha o céu azul de minha felicidade. Dahi, quem sabe, com este meu génio eu seria capaz de gostar dos olhos garços, desde que fossem *meus*.

A felicidade é cousa tão relativa!

O certo é que os meus olhos são castanhos, côr de avellan (a comparação é das que se dizem classicas) e eu me sinto muito bem com elles.



Já cheguei a esta inevitável conclusão de que não ha possibilidade de eu vir a ser infeliz nem por momentos. Procurei vêr si o amor, que gosa a lisonjeira fama de maior agente de infelicidades, me traria algum dissabor serio.

Mas fui de uma felicidade exasperante no amor. Jôve, o clássico Lovelace da mythologia, ter-me-ia inveja, si algum dia Jove tivesse existido, pois não me foi preciso transformar-me cm cynse, chuva de ouro ou Amphytrião — para illudir as fáceis Lédas, Danaes ou Alcmenas contemporâneas.

Conclui, cheio de profundo desanimo, que, por esse lado, abortara a minha empreza: não seriam as mulheres, creaturas frágeis diante do destino, que me trariam a desejada desdita. As varias tentativas emprehendidas, todas com êxito quasi immediato, me trouxeram quando muito o fastio, o tédio, que não é positivamente a desventura. Aborrecia-me de vêr que o rói das chamadas emoções humanas é tão reduzido, tão monotono, tão sempre-o-mesmo, para quem appetece o novo e o inesperado, como o mundo, na sua expressão geographica, para quem queira encontrar sempre paizagens desconhecidas. No fundo, todas as emoções, como todas as paizagens, têm traços communs de semelhança...

Lembra-me o sublime cantor de "Les Fleurs du Mal", Baudelaire, a pedir o abysmo, a morte, contanto que sentisse, como um lâtego a fustigar-lhe os nervos anestesiados, a deliciosa impressão do novo:

"ciel ou enfer, qu' importe?

Au fond de l'inconnu, pour chercher le nouveau."

A natureza é positivamente absurda.

Deveria haver um reservatório de emoções, que se fossem renovando com a idade e não esse pequeno numero que a gente conhece logo e de que se sente farta em menos da metade da vida. E o que se ha de fazer na outra metade? Repetir os mesmos prazeres? Porquê não lia para cada dia uma sensação nova? Por certo o amor não satisfazia ao meu desideratum, porquê, a não ser nessa fôrma relativa do tédio, delle nenhum desgosto me poderia advir. Ora, o tédio não pôde ser classificado como infelicidade — no meu caso, pelo menos. Elie provem do excesso de ventura, é uma especie de enfado, que só pôde sobrevir aos fartos, nunca aos famintos da felicidade... Falhando o amor, recorri a outro meio de ser infeliz: as viagens.

Sempre ouvira dizer que nada mais incommodo, na pratica, que uma viagem, si bem que, theoreticamente, ellas sejam preconisadas até como uma salutar distracção aos espíritos enfermos. Mas — ai de mim! também essa esperança estava escripto que me abandonaria...

A mudança de clima, de vistas, a observação de novos costumes, vieram desde logo espancar de meu pensamento aquella apathia incolôr e aguada do tédio que começava a invadir-me.

Com 6 mezes de locomoção atravez deste misérriimo planeta exgotara-se-me a fonte das sensações turísticas... Com o amor, valha a verdade, eu levára mais tempo a me cançar, o que prova até certo ponto que ha mais variedade nos corações femininos do que nos accidentes geographicos... Por fim, lá um dia cheguei á mesma situação anterior: achava-me fatigado de viajar, incapaz de obter novos prazeres na minha forçada peregrinação através de exóticas terras. Uma paisagem scandinava, com dunas e *fjords*, uma estria branca de praia bretan, um trecho convulsionado de floresta tropical, uma visão de *steppe* nua — nada disso já não conseguia estimular a minha retina nem despertar a minha emotividade sensorial ou psychica... O panorama das cidades grandes, me



acabrunhava. Vistas do alto de um *Bleriot*, numa impressão de conjunto, Londres ou Berlim, Tóquio ou Paris, Sydney ou Nova York, offerecem o mesmo insípido aspecto, com as suas eternas avenidas, os seus canaes, as suas ruellas, as suas pontes, as suas egrejas, os seus theatros, as suas chaminés, os seus prados sob medida e as suas casas que, á falta de terreno por onde se expandirem, levantam a pesada alvenaria para o céu turvo da caligem das fabricas... E' sempre igual o feito de todas essas colmeias humanas, que, com franquesa, não denotam, da parte do mais intelligente dos animaes, qualidades superiores de inventiva ás das outras especies gregarias, como as abelhas, as formigas e os castores...

Eis-me, de novo, á cata de outros recursos que me dêssem a almejada desdita. Atirei-me ao jogo. Ganhava sempre e, em poucas semanas, tinha triplicado a minha já grande fortuna, sobre o panno verde do *baccarat* ou na vertigem apaixonada da roleta.

O jôgo que a tanta gente faz infeliz não servia ao meu proposito decidido de ensaiar a infelicidade. Voltei-me de corpo e alma para a Arte. Ouvia aos meus amigos artistas asseverar que não lia soffrimento ou tortura que se compare á ancia pela perfeição inattingida, pelo ideal irrealisavel, pelo sonho que se procura plasmar no mármore, traçar na téla ou graphar nas laudas de papel... Eu seria, sem duvida, um desses condemnados da Arte, Lacoontes ou Sisipho, esmagados e torturados pelo ideal artistico. Pois ainda uma vez tinha que desilludir-me.

Para empregar ainda uma imagem antiga, um symbolo mythico — a mythologia é tão querida aos artistas! — direi que fui antes Heraklés, o prodigioso.

Tudo quanto tentava, eu conseguia realizar. A felicidade — *jettatura* ás avessas — como uma obsessão, me perseguia...

Os meus quadros fôram julgados um modelo perfeito, maravilhoso, inegalavel.

As minhas "maquettes", expostas no *Salon*, tiveram o *grand prix* e receberam louvores incondicionaes da imprensa e dos amadores.

Fiz versos... Sahiam-me as estrophes sem esforço nenhum, simples e rutilantes, como medalhas de ouro, com legendas antigas...

Commoviam-se, ao lê-los, as meninas romanticas, retardatarias de 1830 e as *modern-girls*, de olhos bistrados e saltas curtas, os recitavam, com vivacidade eloquente, nas recepções elegantes, como paradigmas da arte actual e expressões da cultura contemporânea... Esvaía-se-me desta maneira a única esperança que me sobrava em arte, a de ser incomprehendido, injuriado, criticado por uma ou outra das escolas que hoje disputam o primado da poesia nacional, os *passadistas* e os *futuristas*.

Eu era da actualidade — um traço de união entre o passado e o porvir... Todos me estimavam, todos viam em mim o *juste milieu*, a voz do bom senso que se não extrêma e fica no meio em que os antigos collocavam a virtude. O successo me perseguia, me obcedava, implacavel e cruel. Fui feliz; marquei uma época de renovação esthetica, segundo diziam os críticos de arte nas gazetas do dia...

Desta maneira até a Arte, que é madrasta para os seus filhos mais amados, me sorria, em complacências amorosas nunca imaginadas. Não me era, então, possível experimentar a infelicidade? Que inveja me faziam os falhos, os mal succedidos, os que jamais se elevam do pó humilde do anonymato! Eu, ao envez, era um forçado da felicidade, um homem a que o destino poderoso obrigava a ser feliz, vedando-lhe o conhecimento do outro lado da medalha da vida... Note-se que eu não soffria, no sentido vulgar dessa expressão.



Si conseguisse padecer já seria um pouco desditoso. Mas o que eu sentia era só essa displicência tediosa diante da chatice da vida... Eu não sabia, não podia soffrer.

Invoquei a morte como um derradeiro meio de fugir á minha inalterável felicidade.

Excusa dizer que ella não veio, como ao lenhador da fabula, e si viesse, de resto, creio bem que me não amedrontaria, pois a mim ella, por certo, sorriria sob a fôrma euthanasica, como uma bella mulher, uma noiva tumular, cheia de carinhos e não como a classica figura esqualida a empunhar a foice já gasta nas imagens rethoricas e poéticas...

Devo dizer que jamais me passou pela mente o procural-a: a minha felicidade, a minha noção da vida excluía, por si só, a hypothese mesmo longínqua do suicídio. E, depois, quem me diria que mesmo o mysterio do alem se me desvendasse penoso e cheio de dores?

Com esta predestinação á ventura era bem possível que eu, embora me não presuma dos mais justos entre os homens, viesse a gozar da bem-aventurança eterna... Exgotados os grandes, os supremos recursos, eis me voltado agora para os minimos, os triviaes, os todo-o-dia, assim como, diante de um caso clinico cm que inutilmente se empregam os mais energicos meios therapeuticos, se retorna á medicina de casa, ás mezinhas e ti• sanas das velhas curandeiras...

Tentei um casamento e escolhi para minha companheira vitalicia um córte de mulher que reunisse todas as probabilidades futuras de, em poucos dias, transformar-me cm fel bem amáro o doce mël que sóe existir na primeira lúá conjugal... Era a minha mulher bem destituída de qualidades physicas e do mais. Profundamente ignorante, visceralmente inimiga da belleza, soberanamente geniosa e, sobre tudo isso, — parece difficil encontrar na realidade um typo aqsim — muito apaixonada por festas, tnuito dada aos prazeres da sociedade ou *l'on s'amuse*...

E, ainda mais, vá que diga, ciumenta em extremo. Com taes probabilidades, havia de sahir-me uma harpia, uma megera, uma tarasca, nas excellentes condições de infenmar-me a vida, como eu piamente almejava. O thalamo nupcial converter-se-me-ia desde o primeiro dia num leito de Procusto... Pois mais uma vez errei e ahi se prova o quanto de falivel ha nas previsões humanas, sobretudo em se tratando de mulheres. Cantidiana — até o nome parecia fatídico nessa creatura — uma vez casada transformou-se completamente.

Tornou-se retrahida, caseira, dada a estudos, meiga, amorosa em extremo. Os seus tolos ciúmes desapareceram a ponto de mesmo quando eu os acirrava, de proposito, ella se negar a dar credito aos meus acto.5 menos de accordo com o pacto matrimonial.

E com a reviravolta moral accentuou-se-lhe igualmente grande mudança nas feições e no physico em geral. De descarnada e angulosa eil-a cheia de formas e, dia a dia, mais bella. Engordou e adquiriu esse viço de mocidade que parecia não possuir e as suas linhas e as suas feições irradiaram, ao fim de dois mezes de hymeneo, essa expressão serena e casta de felicidade que eu sempre sonhára na eleita de meu coração... Contagiara-a naturalmente a minha irremediável ventura. Puz-me dahi por diante á frente de grandes empresas, metti-me desassombradamente cm negocios arriscados, especulações de bolsa, transacções perigosas, des-sas que têm arruinado fortunas...

Mas o negocio é como o jogo: depende da sôrte. E como do jogo, delle se pôde dizer, que é no negocio "qu'on voit les plus grands coups du sort". Sou feliz.



Felicíssimo, m'o chamavam os que recebiam, oomo intermedia/rios, as aparas das commissões que lhes eu dava. Occorreu-me abandonar tudo — familia, conforto, dinheiro, — e ir para a Terra do Fogo, para o Senegal, para qualquer região do mundo deserta e inhospita onde pudesse, ao menos um dia, conhecer o travo desse desejado néctar da infelicidade. Mas para quê? Eu já não confiava na efficacia dos meios empregados para fugir ao meu destino.

Bem podia acontecer que eu me dêsse bem por essas plagas que a toda gente se afiguram exilios temerosos e me fizesse uma installação confortável e digna de inveja, ao lado de alguma fuegina ou sengaliana que me amasse, tanto ou mais que a minha hoje bella Cantidiana... Para que tentar, pois, novas experiências? Nada, absolutamente nada me faria escapar ao anathema.

E vão-se-me os dias nessa esperança nunca realisada, buscando resolvêr o enigma da desventura, com o mesmo apaixonado ardor com que os philosophos procuram a chave da Verdade para a adaptarem á fechadura dos seus systemas. Sinto, por vezes, este vago mal estar de quem deseja uma cousa ardentemente sem a alcançar. Mas isso não é ainda a desdita. E\ antes, a plethora de felicidade que m'o traz. Sou um pobre grilheta amarrado a uma sorte que não desejei e nem pedi e isto por si só deveria — si outras fossem as minhas noções da vida — converter-se llo mais trágico dos supplicios. Nem Dante, nem os carrascos chinezes, nem os romanos da decadencia, nem os inquisidores medievaeos poderiam imaginar essa tortura — a pena da felicidade sem remédio! O que eu não daria para soffrer, para poder sêr pobre e ter receios, ser despresado e ter ciúmes, ser máu e ter ódios, desejar e não possuir e não ser comprehendido! Como eu desejaria ser como toda a gente, como os meus irmãos homens que soffrem, que desejam, que têm anhelos insatisfeitos e torturas dilacerantes! Mas, para mim — fatalidade terrível! — o desejo não existe, pois é logo saciado, a dór não tem realidade objectiva nem mesmo subjectiva e vivo feliz, sou feliz por natureza, pela condição immanente ao meu sêr, tão adjectivada ao meu Eu como a qualidade de ser luminosa para as estrellas e a de ser crystalina para os diamantes... Mas — agora me acóde — este aneio continuo, persistente, irrealisavel, pela infelicidade não será elle proprio já uma relativa infelicidade?

Uma idéa fixa, que vos obceda, que vos não deixa um instante de trégua, que vos despersionalisa, impondo-vos uma vontade que não é a vossa — não é isto uma desventura?

Quem diria que a desdita me viria do simples desejo de ser desditoso? Pois assim é. A' força de desejar ser infeliz, sem o poder, encontrei o x da equação da infelicidade. Já não me posso dizer, como antes, integralmente feliz... Alegria-te, Fortunato, regosija-te... Eis quasi satisfeito o teu sonho. E's infeliz, és como todo o mundo, és humano, estás, sem duvida, nivelado aos teus semelhantes, e fôra daquella odiosa e excepçiona! felicidade, que te isolava no magnifico e unisono concerto das dores universaes! E doce consolo, dirá algum ironista — foi a tua própria felicidade, ou antes o excesso da tua felicidade, que te fez infeliz!

E, depois disto, ainda haverá quem se torture a procurar a felicidade?...

(Cuyabá, 1923).

JOSE DE MESQUITA





A MEDICINOPHOBIA DE MOLIÈRE

v i

Considerações finais

Quando Molière chegou á sua casa, acompanhado de Baron, esse collega quiz que elle tomasse um caldo, de que Armanda Bejart tinha sempre provisão. Molière atalhou:

— Não! Os caldos de minha mulher são verdadeiras tizanas para mim, conheceis os ingredientes que ella mistura nelles. Dá-me antes, um pedaço de queijo parmesão.

Eaforest, a solícita criada de Molière, attendeu promptamente ao seu amo, que comeu o queijo com um pouco de pão, e o fez metter na cama. Dentro de poucos momentos pediu o poeta que fossem ter com sua mulher, para que lhe mandasse um pouco de algodão embebido em um oleo que ella possuía, para collocar nos ouvidos e provocar o somno. E accrescentou:

— Tudo quanto é de uso externo emprego com prazer, mas os remedios que são para beber, mettem-me medo; não é preciso mais nada para me fazer perder o que me resta de vida.

Momentos depois teve um forte accesso de tosse, e depois de haver expectorado, pediu uma vela.

— Eis a mutação! exclamou.

Baron, vendo que Molière deitava sangue, gritou apavorado.

— Não vos assusteis, lhe disse Molière, já me viste deitar muito mais. Todaviaizei a mulher que venha aqui.

Nesse instante supremo, em que as golfadas de sangue o sufocavam, foi Molière assistido por duas religiosas que costumava-



vam ir a Paris pela quaresma, e que elle hospedava, as quaes lhe prodigalisaram no derradeiro instante todos os soccorros que se podiam esperar da sua caridade. Seu espirito christão desatou as azas e voou para o seio de Deus, enquanto essas duas irmãs lhe amparavam o corpo em seus braços, de sorte que quando Baron voltou com Armanda Bejart, Molière era já cadaver.

O kalendario marcava o dia 17 de fevereiro de 1673.

Um padre de Santo Eustáquio, chamado Paysant, que Jean Aubry, cunhado de Molière, foi chamar, chegou á casa do poeta quando estava já tudo consummado.

A viuva pediu que o cadaver do marido fosse inhumado no cemiterio da egreja de Santo Eustáquio, que era a sua parochia, mas o cura recusou essa sepultura sob o ridiculo pretexto de que o poeta havia fallecido sem se confessar; Armanda dirigiu-se a Harlay, arcebispo de Paris, a quem informou que seu marido havia commungado na ultima Paschoa; não sendo mais feliz dirigiu-se a Luiz XIV, a cujos pés se lançou.

O rei mandou dizer ao arcebispo que consentisse no funeral de Molière, evitando rumor e escandalo, e o arcebispo revogou as suas ordens, sob a condição de que o enterro se fizesse sem niido e sem pompa.

Finalmente foi Molière sepultado. Muitos annos depois, com as demolições havidas, foram oá seus ossos encerrados numa urna marmórea que se encontra no Père Lachaise, bem ao lado da de La Fontaine.

A intolerância episcopal não tem nenhum valor moral si comparada com esta consolação suprema: um dia o rei Luiz XIV perguntou a Boileau qual era o maior dos escriptores que honravam o seu reinado, e Boileau respondeu convictamente:

— Sire, é Molière.

A critica de Molière aos médicos de seu tempo tinha a sua razão de ser. Sim, nem todos os esculápios europeus, no século XVII, possuíam a sabedoria do eminente hollandez Boerhaave.

O doutor Purgon teve o seu nome votado a um eterno ridiculo, como observam vários autores, e ficou como um symbolo para caracterisar o profissional formalista e ignorante, que liga uma importancia capital ás mais insignificantes prescripções.

Não foi porém somente Molière que se despicou com a estultice de certos discipulos de Esculápio. Lesage, no "Gil Blas de Santilhana", creou o typo do Doutor Sangrado que só tinha duas panacéas para curar todas as enfermidades: a agua quente e a sangria. Seu nome ficou proverbial para caracterisar os charlatães que preconizam uma só droga especifica, a que emprestam todas as virtudes e maravi-



lhas curativas, e que applicam quasi que para a cura de todas as moléstias.

Antes de Molière já eram os médicos satyrisados em peças de theatro. Tratando de *Gil Vicente e a origem do theatro português*, diz Theophilo Braga:

"Entre as obras meudas chegou Gil Vicente a colligir umas trovas satyricas a Philippe Guilhem, que relatam a exploração desta monomania por um aventureiro: "O anno de 1519, veio a esta côrte de Portugal hum Filipe Guilhem, castelhano, que se dizia fôra boticário nel porto de Santa Maria, o qual era grande logico e muito eloquente de muito boa pratica, que entre muitos sabedores o folgavam de ouvir; tinha alguma cousa de mathematico; disse a El rei que lhe queria dar a "Arte de Leste e Oeste", que tinha achada. Para demonstrar desta arte fez muitos instrumentos, entre os quaes foi hum astrolabio de tomar o sol a qualquer hora..."

Chamaram-se os sábios do reino, principalmente Francisco de Mello, que "sabe sciencia a vondo", e pela excellente informação que deram, gratificou o monarca o castelhano com uma tença. Vindo á côrte um mathematico algarvio, conheceu logo o embuste e antes que o vulgarisasse, Filipe Guilhem fugiu, sendo por denuncia preso em Aldêa Gallega.

Tal é a allusão que se encontra na farça dos *Physicos*. Nesta farça retrata admiravelmente o typo do medico empirico ou matusanos, obedecendo a uma incomprehendida tradição da medicina dos Arabes, misturada com as praticas absurdas e pedantescas da astrologia judiciaria. Nos *Physicos* Gil Vicente assenta a mão firme sobre um assumpto que se tornou uma das mais cômicas creações de Molière. A verdade do typo retratado por Gil Vicente comprova-se por este esboço do seu contemporâneo João de Barros, na *Ropica Pncuma*:

"Sómente por causa da medicina ouvi alguns livros de Aristóteles com a primeira e a segunda parte de Avicena; e logo me dei a pratica tomando primeiro esta. Si me achava entre médicos <le linguagem falava latim, e entre latinos em grego huns versos de Homero, que trazia decorados; com o que não ousavam de me responder cuidando serem autoridade originaes de Galeno ou Dioscórides. E com essa sagacidade, quando nos ajuntavamos vinte e trinia em conselho de huma effimera d'algun princepe, todos a uma voz se hiam com a minha: porque também andava eu para isso autorisado com a minha beca de velludo, e par de anneis com suas turquezas ás quedas da mula: e a qualquer proposito allegava com os aphorismos de Ilypocras, e 300 de João de Mena.

Isto sómente bastava para ser medico de hum rei, quanto mais

de uma cidade populosa, onde se acham muitas vidas para fazer experiencia e ser bom pratico."

João de Barros traçava este retrato do medico do século XVI, escrevendo no tempo da peste de 1531. Gil Vicente, que distrahia a cõrte dos terrores das pestes frequentes que assaltavam Portugal, tinha pelo seu lado a razão para cobrir de ridiculo o typo pedante do Physico, e a coragem com que o copiava do natural. Com que embofia e entono o physico Torres diz á cabeceira do Clérigo, que está doente por amores:

Mas hade saber quem curar
os passos que dá uma estrella,
e hade sangrar por ella,
e hade saber julgar
as aguas numa panella.
E hade saber proporções
no curso, si é ternário,
si altera, si é binário,
e saber quantas lições
deu Ptolomeu a el-rei Dario.
E quem isto não souber
vá-se beber disso mesmo:
e mestre Nicolau quer
c outros curar a esmo!

Gil Vicente chasqueava dos dois physicos do rei D. Manuel, Thomaz Torres, que foi mestre de D. João III, e regeu a cadeira de Astronomia na Universidade de Lisboa, em 1537, e mestre Nicolau, que em 1515 formava parte do jury que examinou o boticário Diogo Velho.

Esta farça encerra uma pagina vivíssima da historia da medicina em Portugal, no século XVI.

O outro physico, mestre Fernando, fala assim ao doente:

Dizem os nossos doutores
ouvil-o? Ouvis que vos digo?
"Non est bona purgatio" amigo,
"illa qui incipit cum dolores"
E *"illa qui incipit cum tarantram
quia tranlarum est"*
ouvil-o? De physico sou eu mestre
mas que de Sulurgião, etc.

O poeta refere-se ao antagonismo estúpido que então preponderava entre os cirurgiões e os médicos, que foi na Europa uma das causas do atraso do ensino scientifico. As phrases latinhas intercaladas por Gil Vicente nos discursos dos seus médicos, quasi nos levam á identificação deste gênio com esse outro que um século mais tarde pintou o mesmo typo, com os traços *Bene, bene rcspondere*.

E' tempo de terminar. Pelo exposto se vê que não foi Molière o primeiro a exhibir sobre as taboas o typo do doutor enfiado e ôco; um século antes delle já o havia feito o creador do theatro portuguez. E a sua medicinophobia não era também impenitente, como a muitos se afigura; basta recordar que, havendo escripto para mais de trinta peças, somente numas cinco satyrisa elle a medicina e os médicos do seu tempo.

A fama de medicophobo de Molière, como se vê, fica reduzida a bem pequena cousa. A sua criação maxima, a que tem atravessado e atravessará os tempos incólume e verdadeira, cada vez mais nitida e radiosa é a do typo da dissimulação, da perversidade, da hypocrisia que elle symbolisou em Tartufo.

Esse typo ficou na literatura e nos costumes por ser de uma frisante verdade, humana e viva. Quanto ao typo do doutor Purgon e seus semelhantes, esses foram com o tempo desapparecendo, porque sobre elles passaram já dois e meio séculos de progresso scientifico nos dominios da medicina.

MUCIO DA PAIXÃO

FIM



Li sou um menino
Gordo e corado
devo tudo ao
Biotonico
Fontoura



BIOTONICO
FONTOURA



O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE

J.P.

Biotonico Fontoura

O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE

Forma os homens vigorosos, as mulheres
formosas, as crianças robustas

CURA A ANEMIA,
FRAQUEZA MUSCULAR E NERVOSA

AUGMENTA A FORÇA DA VIDA - PRODUZ
A SENSAÇÃO DE BEM ESTAR, DE VIGOR, DE
SAÚDE - EVITA A TUBERCULOSE

MODO DE USAR:

BIONTONICO elixir

Adultos: 1 colher das de sopa ou meio cálice antes do
almoço e antes do jantar.

Crianças: 1 colher das de sobremesa ou das de chá,
conforme a idade.

BIONTONICO pastilhas

Adultos: 2 antes do almoço e 2 antes do jantar.

Crianças: 1 pastilha.

BIONTONICO injecfavel

Injecção do conteúdo de uma ampola diariamente em in-
jecção intramuscular.

COM O USO DO

Biotonico

NO FIM DE 30 DIAS OBSERVA-SE:

- I — Augmento de peso variando de 1 a 4 kilos.
- II *— Levantamento geral das forças com volta de
appetite.
- III — Desapparecimento completo das dores de ca-
beça, insomnia, mau estar e nervosismo.
- IV — Augmento intenso dos globulos sanguineos e
hyperleucocytose.
- V — Eliminação completa dos phenomenos nervosos
e cura da fraqueza sexual.
- VI — Cura completa da depressão nervosa, do aba-
timento e da fraqueza em ambos os sexos.
- VII — Completo restabelecimento dos organismos de-
bilitados, predispostos e ameaçados pela tuber-
culose.
- VIII — Maior resistencia para o trabalho physico e
melhor disposição para o trabalho mental.
- IX — Agradavel sensação de bem estar, de vigor e
de saúde.
- X — Cura radical da leucorrhéa (flores brancas) a
mais antiga.
- XI — Após o parto, rápido levantamento das for-
ças e considerável abundancia de leite.
- XII — Rápido e completo restabelecimento nas con-
valescenças de todas as moléstias que produzem de-
bilidade geral.

O Biotonico Fontoura
julgado pela probidade
scientifica do professor
Dr. HENRIQUE ROXO

Attesto que tenho pres-
cripto a clientes meus o
Biotonico Fontoura

que tenho tido ensejo de
observar que ha, em geral,
resultados vantajosos. Par-
ticularmente, mais proficuo
se me tem afigurado o seu
uso quando ha accentuada
desnutrição e occorrem ma-
nifestações nervosas, delia-
dependentes.

Rio de Janeiro, 10 de
Setembro de 1920.

Dr. Henrique de Brito Belfot
FOTO

Professor de moléstias
nervosas da Faculdade de
Medicina do Rio.

O que diz o preclaro Dr.
ROCHA VAZ, professor
da Faculdade de Medicina

Tenho empregado cons-
tantemente em minha clini-
ca o

Biotonico Fontoura
e tal tem sido o resultado
que não me posso mais fur-
tar á obrigação de o recei-
tar.

Rio de Janeiro, 10 de
Agosto de 1920.

Dr. Rocha Vaz

Professor de Clinica
Medica da Faculdade de
Medicina do Rio de Ja-
neiro.

O Biotonico Fontoura
consagrado por um grande
especialista brasileiro

Attesto ter empregado
com os maiores resultados
na clinica civil o preparado

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 12 de
Julho de 1921.

A. Austregésilo

Professor cathedratco
de clinica neurológica da
Faculdade de Medicina do
Rio de Janeiro.

Palavras do eminente
scientista Exmo. Snr.
Dr. JULIANO MOREIRA

Tenho prescripto
doentes meus e sempre que
lhe acho indicação therapeu-
tica

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 20 de
Julho de 1920.

Dr. Juliano Moreira

← a

Preparação especial do "INSTITUTO MEDICAMENTA"
FONTOURA, SERPE & Cia. - S. Paulo

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

SOUZA BANDEIRA

Successor de Martins Júnior na cadeira n. 13. Nasceu em Recife, Estado de Pernambuco, a 16 de Dezembro de 1865, e falleceu no Rio de Janeiro a 2 de Agosto de 1917.

BIBLIOGRAPHIA

- 1 *Memoria histórica* da Faculdade de Direito do Recife — — 1894.
- 2 *Rações finaes*, a proposito da demolição do cortiço "Cabeça de porco". (Demolição de prédios insanaveis e ruinosos) — 31 pags. — Rio, Typ. Leuzinger — 1894.
- 3 *Appellação n. 826* — (Côrte de Appellação) — 18 pags. Rio, Typ. Mont'Alverne — 1895.
- 4 *Acção ordinário* — (Camara Commercial) — 43 pags. — Rio, Typ. Leuzinger — 1896.
- 5 *Aggravo Commercial* — (Conselho do Tribunal Civil e Criminal) — 19 pags. — Rio, Typ. do Jornal do Commercio — 1896.
- 6 *Aggravo de petição n. 193* — (Supremo Tribunal Federal) — 12 pags. Typ. do Jornal do Commercio — 1897.
- 7 *Estudos e ensaios* — 235 pags. — Rio, H. Garnier — 1904.
- 8 *Refomas* — 104 pags. — Rio, Typ. Ao Luzeiro — 1909.
- 9 *Peregrinações* — 173 pags. — Porto, Liv. Chardron — 1910.
- 10 *Prelecções de Sciencia da Administração e Direito Administrativo* — 151 pags. — Rio, Off. graph. da S. A. Progresso — 1913.
- 11 *Paginas literários* — 233 pags. — Rio, Liv. Francisco Alves — 1917.



- 12 *Evocações e Outros estudos* — com uma introdução de Mario Alencar — 222 pags. — Rio, Liv. Castilho — 1920.

Possúe trabalhos no "Relatório do Primeiro Congresso Jurídico de 1908". Collaborou na *Revista Brasileira*: O estudo da legislação comparada, Bibliographia, tomo 4º, pag. 244 e t. 10º, pag. 189; na *Revista da Academia B. de Letras*: Elogio de Martins Júnior, vol. 3º, pag. 167; Discurso em uma sollemnidade, vol. 9º, pag. 98; Recepção de Felix Pacheco, vol. 12, pag. 357; *Revista Americana*: Recepção de Felix Pacheco, n.º de Setembro de 1913, pag. 269; *Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes*, de Campinas: Olinda, n. 43 de 1916; *Reinsta do Brasil*: Ruína da aristocracia rural, n. 7, O Conselho de Estado, n. 12, Figuras mortas, n. 21; *Almanach Garnier* (1906): Prometheu e o tempo (1909, Diante da Ceia de Leonardo (1910), Um pouco de philologia comparada (1914), Afrânio Peixoto; *Atlantida*; *O Paiz*.

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO.

- 1 *Graça Aranha* — Discurso da Revista da Academia B. de Letras, vol. 3.º
- 2 *José Veríssimo* — Estudos da litteratura brasileira, vol. VI, pag. 231.
- 3 *João do Rio* — Momento litterario, pag. 274.
- 4 *Sacramento Blakc* — Diccionario bibliographic.
- 5 *Medeiros e Albuquerque* — Paginas de critica, pag. 297.
- 6 *João Ribeiro* — Academia Brasileira — Almanach Garnier (1907).
- 7 *Mario de Alencar* — Revista do Brasil, vol. VI — n. 22 — pag. 129.
Idem — Introducção a "Evocação e Outros estudos".
- 8 *Amoroso Lima* — Revista do Brasil — vol. V — n. 20 — pag. 427.
- 9 *José Maria Bello* — Ruy Barbosa e outros escriptos, pag. 71.
Idem — Revista do Brasil, n. 28.
Idem — Revista Americana — anno VIII — n. 1 — pag. 210.
- 10 *Pereira de Carvalho* — Os membros da Academia Brasileira em 1915.

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSÍDIOS PARA UM ESTUDO CRÍTICO.

A CUDINDO ao appello do joven jornalista Paulo Barreto, que, para satisfazer a curiosidade dos leitores da *Gazeta de Noticias*, instituiu o inquérito litterario, segundo as normas de Jules Huret, antecipando-me na execução do plano entre nós (1), Souza Bandeira escreveu-lhe a carta inserta no "Momento literário", de João do Rio. Neila expoz o entrevistado a situação do espirito ao penetrar llo adyto' da Faculdade de Direito, onde se aggregou á denominada escola do Recife, ao lado de Martins Júnior, Clóvis Bevilacqua, Arthur Orlando, Graça Aranha, Virgilio Brígido, Anísio de Abreu e tantos outros.

Os condimentos litterarios consistiam em Hugo, Musset e Byron, ideias importadas, e — de producção nacional — em Alvares de Azevedo, Fagundes Varella e Castro Alves. Possuía tinturas dos clássicos antigos e abominava os lusitanos, advindo-lhe tal aversão na puerícia, inculcada pelas selectas para o estudo do idioma pátrio.

Em matéria de philosophia, abeberava-se na fonte official do ecletismo de Cousin e, concernente á politica ou sciencia social, possuía os arroubos transmittidos por Esquiros e Castellar.

Nos penetraes austeros do templo da Sciencia, despertou-se-lhe o cerebro com as concepções de Comte e Spencer, para abrigar mais tarde o monismo de Haeckel e Hartmann e a synthese criticista de Kant e Schopenhauer, operando-se a marcha regressiva ou a desordem determinada por falta de preparo scientifico fundamental. Para esse retrocesso, talvez influissem a palavra do mestre Tobias Barreto, a iniciação no estudo da lingua tedesca e, de effeito mais remoto, a victoria do exercito germânico sobre as hostes de Napoleão III, em Sédan.

Posteriormente recebeu o influxo de Taine e Renan, devorou a obra de Zola e dos naturalistas francezes e russos, e voltou ao passado, para consolidar a cultura classica, com a leitura dos mais afamados escriptores gregos, latinos, francezes, italianos, inglezes, allemães e portuguezes, limitando-se aos primazes, aos representativos.

João Carneiro de Souza Bandeira nasceu em Recife a 16 de Dezembro de 1865. Na cidade natal recebeu educação primaria, secundaria e superior.

Na vida pratica desempenhou mais de uma vez o cargo de secretario do governo provincial, dedicou-se ao functionalismo publico, á profissão de advogado, exerceu as funções de procurador dos feitos da fazenda nacional, era membro do Instituto da Ordem dos Advogados e foi eleito, em 1905, successor de Martins Júnior, na cadeira de Francisco Octaviano, sendo recebido em sessão solemne, por Graça Aranha, em 10 de Agosto do mesmo anno, tendo Osorio Duque Estrada como concorrente.

Exerceu o cargo de professor de direito administrativo na Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes, do Rio.

A sua actividade repartiu-se entre a profissão de advogado, o magisterio, a cultura do direito e os estudos philosophicos e litterarios.

Do advogado não me cabe aqui tratar. Basta-me dizer que exerceu a sua profissão com brilho, enthusiasmo e sobretudo com honestidade, como o provam as razões forenses e o testemunho dos seus amigos e collegas. Distinguiu-se o advogado, quer na defesa dos direitos dos constituintes privados, quer no patrocínio do interesse publico a elle confiado. Como ju-

(1) Antes do escriptor João do Rio, formulei 11a revista "União Académica", o plano de um inquérito litterario semelhante.



rista, tomou parte em vários congressos scientificos, inclusive no pan-americano, e consagrou-se ao estudo elevado da parte philosophica das sciencias juridicas e sociaes, escrevendo vários ensaios sobre os assumptos predilectos. Ainda nesta feição, salientou-se como professor, segundo as referencias de Mario de Alencar, seu discipulo e amigo, e o attestado das "Prelecções" compiladas e reunidas por dous outros alumnos.

O escriptor é, essencialmente, um critico impressionista, dotado de cultura philosophica, histórica e litteraria. Deram-lhe, com impropriedade, os fóros de philosophe; mas deve-se-lhe applicar o conceito de Sócrates sobre a *maiêutica*. Reflecte a maioria dos philosophos do nosso paiz que se não entregam al'trabalho de proceder á maiêutica; "accumula leituras sobre leituras, expõe-n'as numa enorme ostentação de erudição, mas não deixa gravado em seus trabalhos o cunho da sua individualidade", segundo as proprias expressões no artigo sobre a "A philosophia positiva no Brasil", de Clóvis Bevilacqua.

Os livros que definem Souza Bandeira como homem de letras, são "Estudos e ensaios", "Reformas", "Peregrinações", "Paginas litterarias" e "Evocações e Outros estudos".

No primeiro colligiu artigos da phase académica (1880-84); "Ligeiras ideias sobre o monismo" (1882); "A philosophia positiva no Brasil" (1883), além de outros escriptos, pouco depois de formado, ou posteriormente. Nos ligeiros ensaios mencionados, como no estudo sobre Schopenhauer, revelou apenas intelligencia, inclinação por themas de philosophia e capacidade de leitura. Não dispunha, porém, da base indispensável para critica tão elevada e de magna difficuldade.

Os artigos subsequentes, subordinados a assumptos de menor complexidade, revelam as qualidades do critico dotado de erudição e com accentuada faculdade de discernimento. Sobrio nos conceitos, methodico na exposição do modo de pensar, adstricto a ideias conservadoras e ao culto da tradição, conciso, logico e extremamente delicado.

Destacam-se, entre elles, as apreciações sobre Tobias Barreto e "A marinha de outr'ora", do Visconde de Ouro Preto; o ensaio "O advogado na litteratura e na vida real" e a critica do "Missionário", romance de Inglez de Souza.

Em "Reformas" sustentou, sob falsos fundamentos, a necessidade de se operar a revisão constitucional. Não contesto a oportunidade para semelhante revisão; discordo apenas dos motivos apresentados. Em matéria de eleições, é partidario do censo alto e aborda muitas outras questões interessantes de direito publico, sobre os poderes executivo e judiciário, inclusive sobre a promulgação do codigo civil, sempre guiado por princípios conservadores e fiel á influencia da tradição.

"Peregrinações" não constituem propriamente um livro de viagens; rão antes evocações do passado intellectual do autor, emoções suggeridas pela contemplação de monumentos artisticos, paisagens e aspectos vários já adquiridos em leituras e gravados nas cellulas cerebraes. Produzem o effeito da representação real dos sonhos e chimeras que deliciaram o espirito do autor, muitos annos antes, quando lia as obras primas da litteratura européa, a descripção dos costumes e do character de povos longínquos, o movimento social atravez da historia e tantas outras noções adquiridas na faina da cultura intellectual ou nas lides afanasas de quem pensa, estuda e escreve.

Causa-nos impressão deliciosa, mixto de saudade e ancia de viajar, a leitura das paginas evocativas escriptas por Souza Bandeira, após a excursão que empreendeu, por vários paizes da Europa.



Para demonstrar o artificialismo da índole philosophica que affectou o critico, na primeira phase da sua carreira de escriptor, destaco a circumstancia de haver perdido semelhante feitio nos livros posteriores. Foram a influencia de Tobias Barreto e o entusiasmo juvenil, os fautores de sua feição primitiva. Segregado do convívio académico e immerso em ambiente de mais severas responsabilidades, evolou-se-lhe a presumpção e permaneceu a preferencia de Souza Bandeira pela critica impressionista. E' o que se deprehende da leitura das "Paginas litterarias", consoante o titulo do livro, embora alberguem ainda reminiscências dos tempos idos, a proposito dos "Problemas de philosophia biologica", de Araujo Jorge, e d'"O centenário de Kant". Volvem nesses artigos os mesmos conceitos sobre o monismo, acerca de Schopenhauer, com o contejo do dialecto philosophico dos *transformistas* e *vionistas*.

E', porém, apreciavel a concisão da critica contida em "Paginas litterarias", bem como o modo preciso porque o autor analysa a obra alheia.

Além dos artigos de critica sobre livros nacionaes, ha outros referentes a assumptos extranhos ao nosso meio e tres discursos pronunciados na Academia de Letras.

A Mario de Alencar se deve a publicação da obra posthuma, "Evocações e Outros escriptos", cuja primeira parte foi inspirada em "Minha formação", de Joaquim Nabuco. A primeira parte encerra paginas de saudade e de affecto, quando traça os perfis dos progenitores e recorda a infancia em Pernambuco. O plano do livro era seductor, mas não foi infelizmente realizado.

O trecho de sua obra, porém, que melhor impressão me causou, foi o discurso de recepção na Academia; assim como o estudo mais completo sobre a sua individualidade é incontestavelmente o que lhe consagrou o amigo Mario de Alencar, cuja individualidade se ostenta e palpita nos períodos da "Introdução" ao livro posthumo, a relembrar com saudade a figura sympathica do amigo, do homem de character, do escriptor honesto e do companheiro que fazia as delicias dos interlocutores, em palestras encantadoras e eruditas, como as que entretinha com os seus confrades, na ultima phase da *Revista Brasileira* e, antes, na bohemia com Bilac, Coelho Netto, Guimarães Passos e outros.

Souza Bandeira falleceu na cidade do Rio de Janeiro, a 2 de Agosto de 1917, com a idade de 52 annos incompletos.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

A infancia, segundo as "Evocações" — A formação do espirito — A escola do Recife — Os primeiros artigos — No Ceará e no Pará — A bohemia no Rio — A *Revista Brasileira* — Estudos e ensaios — O advogado e o jurisconsulto — Reformas — Peregrinações — O professor — O critico — O homem — Livro posthumo.





LOS POSTULANTES, Alberto M. Candiotti. — Editora Internacional, Berlim — Buenos Aires, 1923.

Este livro é dedicado aos candidatos a empregos e cargos administrativos e políticos. É um livro prático, cheio de conselhos e rico de sugestões. Pena é que em nossa língua não haja nada a propósito desse assumpto. Ha algumas obras francezas e norte-americanas que tratam dos meios de arranjar empregos; mas todas ellas são muito pouco aproveitáveis para nós, pelas condições especiaes da nossa vida. "Los postulantes", entretanto, vêm a calhar para as nossas necessidades, dada a semelhança de indole entre nós e o povo para quem foram escriptos.

"Na escala ascendente das dignidades, esta especie de candidatos começa pelos que aspiram a ser funcionarios públicos. Estes candidatos são numerosos em todos os paizes, devido ao mal burocrático dos Estados modernos, que creou uma ruinosa empregomania administrativa. Este mal faz maiores estragos nos povos latinos. Nestes paizes, a mocidade despreza os trabalhos do campo, da industria e do commercio e se esforça por conquistar empregos de Estado." De facto, essa mocidade considera, como observa o autor, mais distincto, mais decente o ser escrevente de um ministério que ser empregado de uma casa de commercio, ganhando tres vezes mais. A empregomania é uma mentalidade latina, principalmente sul-americana, e muito particularmente brasileira; se assim é, deve corresponder-lhe uma literatura. O livro do sr. Candiotti é excellente, e a sua leitura se torna agradável pela porção de anedotas e observações de que está enriquecido.

PROSAS RÚSTICAS, J. Candido Freire. — Off. Graph. Monteiro Lobato & Comp. — S. Paulo, 1923.

O grosso da producção literaria do paiz não consta de romances e novelas e sim de artigos esparsos de jornaes, tratando de vario assumpto e ás vezes com largos annos de intervallo entre um capitulo e outro. Essa voga nasceu em França, e um dos primeiros livros desse genero foram — os "Souvenirs d'art et de critique", de Th. Gauthier; mas os autores tinham então o cuidado de dar á obra uma tal ou qual unidade, reunindo num volume a matéria que versasse assumptos da mesma natureza. Os livros desse genero que se publicam no paiz são verdadeiras colchas de retalho. O sr. Candido Freire, enfeixando em volume a sua literatura, fez uma colcha de retalhos; mas, mais modesto que os outros, confessou-o no prefacio. É um livro para moças, cheio de sentimentalidade á velha maneira romantica, mas interessante, muito interessante mesmo.



POEMAS E CANÇÕES, versos de Vicente de Carvalho, 5.ª edição, Monteiro Lobato & Comp., S. Paulo, 1923.

Dentre os nossos poetas contemporâneos nenhum por certo é mais lido que o sr. Vicente de Carvalho. Os que não creem nesta afirmação bastam advertir que nenhum dos grandes poetas logrou ainda ver a melhor das suas obras alcançar a quinta edição. E' que todos elles, preocupados com o applauso do iniciado, não fazem senão arte e estylo, e o próprio sentimento, que lhes insuffle a obra por vezes, antolha-se-nos diluido em riquezas verbaes, em artificialidade em summa. O sr. Vicente de Carvalho é verdadeiramente um poeta, que se poz ao nivel do sentimento humano. Em suas poesias ha esse sopro de inspiração que lhes dá um cunho de perpetuidade.

Os admiradores deste poeta, que são cada vez mais numerosos, estavam privados de ler os seus versos, porque ha muito tempo desapareceram das livrarias os "Poemas e Canções"; graças, porém, á casa editora Monteiro Lobato & Comp., já se acha á venda esse precioso livro, numa nitida e elegante edição, da qual ha uma parte, ricamente encadernada em madeira, própria para presentes.

SELVA SELVAGEM — Pinto Pessoa. — Emp. Ed. "O Norte", Rio, 1923.

O mundo amazonico ha de ser sempre uma tentação para os scientistas e os homens de letras. A terra immensa, barbara e hostil, que repelle o homem e o esmaga, impressiona sempre a imaginação do investigador e do artista, e vem d'ahi a bibliotheca que já existe sobre a Amazônia. Bates, Euclides, quantos a perlustraram e em obras deixaram a estampa do mixto de assombro e decepção que a zona lhes deixou!

Pinto Pessoa é engenheiro, mas viu os aspectos e os homens das zonas percorridas como pintor impressionista e vae contando-as pelo livro em fôra numa serie de quadros onde alterna a descripção da paisagem com as scenas e dramas da vida. Fez assim um livro de alto interesse, que se lê de um folgo e do qual se sae com uma sensação indefinivel de vago horror por tanta bruteza, e com a convicção de que ainda não será neste século que a Amazônia "será". Muitos decennios se passarão ainda antes que o homem domine a Selva Selvagem e implante alli uma verdadeira civilização. A lueta está começada apenas.

THEATRO PEQUENO — José Collaço. — Rio — 1922.

O autor reúne em folheto duas peças em um acto, *A Trachéotomia* e *O Segredo de Bias*, duas exoellentes peças reveladoras de um verdadeiro escriptor theatral com todas as qualidades. Seu dialogar é vivo, incisivo e natural e o interesse da composição vae num crescendo até ao desfecho trágico, logico porem imprevisito. Para amostra da verdade do seu estylo aqui pomos uma fala de D. Carolina ao telephone: "Allô!... Quem fala?... O doutor Mario está?... Ah... Boa noite, doutor! Quem está falando aqui é a senhora do dr. David de Souza... Bem, obrigado... Doutor, o David teve agora um chamado urgente abi para a sua rua mesmo e não pode sair porque está um pouco adoentado. Poderia fazer-nos o obsequio de ir em seu lugar?... Sim... Sim... Vou mandar o portador... Muito agradecida... Recommendações a sua senhora... Boa noite... Obrigada".



Em summa, o autor faz theatro que pode subir á seena e que tanto impressionará representado como lido. E', pois, um theatrista authenticico.

A CURA DA FEALDADE, Renato Kehl, Editores Monteiro Lobato & Comp., São Paulo, 1923.

O dr. Renato Kehl rompeu com a tradição que os médicos brasileiros avaramente guardam sempre, e que é de não transmittir a ninguém, por meio do livro e para proveito dos estudiosos, o seu saber accumulado através de longos annos de observação e de clinica. Tendo-se elle dedicado ao estudo do problema da engenia, que é, porventura, o mais serio de quantos ha na actualidade, encarou-o sob todos os seus aspectos, e tratou de, por meio de artigos de jornal e de livros, pol-o ao alcance de todos, fazendo uma campanha verdadeiramente brilhante. A sua obra sobre essa importante matéria já é volumosa, e, além do mérito de ser a única que existe em nossa lingua, é preciosíssima pela sua segurança de vistas, pela sua alta competencia e pelo encanto seductor do seu estylo.

O dr. Renato Kehl é o fundador da "Sociedade Eugenica de S. Paulo". A proposito da "Cura da Fealdade", o illustre dr. Belisário Penna escreveu um longo artigo, do qual extrahimos estes trechos, em que se resume a sua autorisada opinião:

"A Cura da Fealdade" é um livro que figurará com igual propriedade e necessidade na estante do medico, do advogado, do engenheiro, do leigo, do pai e da mãe de familia, do industrial, do fazendeiro, e mais que tudo, deve ser constantemente manuseado pelos moços de ambos os sexos, para que pratiquem os valiosos ensinamentos que nelle se encontram para a defesa e aperfeiçoamento da especie.

E' um tabalho valioso de consulta diaria sobre todos os assumptos attinentes á saúde, á plastica, á puericultura, á educação physica, á preservação da saúde em todas as idades, ás regras do casamento para a constituição de um lar feliz, onde reinem a saúde e a alegria.

O notável trabalho do dr. Renato Kehl está dividido em tres partes. Na primeira, desenvolvida em 15 capitulos, elle estuda "o homem e a mulher normaes"; na segunda, elle indica a prophylaxia da fealdade, em nove capitulos, e na terceira ensina em seis capitulos, qual mais interessante e instructivo, como se cura a fealdade.

Esse livro não indica somente a prophylaxia e cura da fealdade physica, mas igualmente da fealdade moral e psychica.

Elle constitue uma preciosa encyclopedia dos conhecimentos indispensáveis a todo aquelle que ama o bello e a saúde, que deseja viver alegre e prospero, que estremece a patria e se esforça para vel-a povoada por gente robusta, operosa e moralisada."

Recebemos ainda as seguintes obras sobre as quaes opportunamente falaremos :

Poemas Heroicos, por Juan Manuel Cotta. Editor Arnaldo Moen, Buenos Aires, 1923.

Mientras ruge el huracan, por Elvira Aldao de Diaz. Editor Bálder Moen, Buenos Aires, 1923.

Nuevas Chacayaleras, por Miguel A. Camino, Talleres Gráficos de S. Merovich, Buenos Aires.



- Poemas do deserto*, por Euclides Lara. Casa Mayença, S. Paulo, 1923.
- Mimosa pudica*, versos de Republicano Brasil. Edição d' "O Regional", Caçapava, S. Paulo, 1923.
- Brumas*, narraciones de Lorenzo Stanchina. Buenos Aires, Modesto H. Alvarez & Comp., Libreros-editores, 1923.
- Margaridas*, versos de Honorio Guimarães, Typ. Brasil, Juiz de Fora, 1923.
- Jazmin dei pais*, versos de Julio Diaz Usandiversa. Talleres Gráficos Ruiz Hermanos, Buenos Aires, 1923.
- Oliveira Martins e Eça de Queirós*, por José Osorio de Almeida. Edições Luzitania, 2.^a edição, Lisboa, 1923.
- Amar... e amar depois*, poema por A. J. Veiga dos Santos. A. Campos editor, S. Paulo, 1923.
- O melhor vicio de divulgar o ensino primário no paiz*, por Eunice Caldas, directora geral do Esmeraldino Primeiro. S. Paulo, 1923.
- El camino*, arte y literatura, Montevideo.
- Relatorio* apresentado ao Ministro de Agricultura, Industria e Comercio pelo dr. José Luiz de Bulhões Carvalho, director geral de Estatística. Rio de Janeiro, 1923.
- Recenseamento do Brasil*, realizado em 1 de Setembro de 1920, custo dos inquéritos demographico e economico. Directoria Geral de Estatística, Rio de Janeiro, 1923.
- Fio d'agua...* versos por Arnaldo Barbosa, Rio, 1923.
- A minha defesa*, pelo Capitão Genserico de Vasconcellos, Réplica ao tenente-coronel Beverino, do exercito argentino. Rio de Janeiro, 1923.
- O meu livro de magna e de ternura*, versos de Assis Garrido. Maranhão, 1823.
- Aguas passadas*, versos de Enéas Alves. Recife, Pernambuco, 1923.
- A Cruz de fogo*, esboço de um programma americano, por Manuel Bernádez. Livraria Leite Ribeiro, Rio de Janeiro.
-





SE ÁRA DE APOLLO

VICENTE DE CARVALHO

(Para o livro "S. pfillCO 6 S6U5 ãOmenS HO
cenrenfm/o", cm via dc impressão.)

Questionando-se de letras, é de boa pratica começar pela Poesia; e, falando da Poesia, dizer logo de Vicente de Carvalho, o mais idoso dos poetas vivos em terra paulista e, no consenso geral da critica e também no nosso, um dos maiores cia língua portuguesa. O seu trabalho culminante são os "*Poemas e Canções*", edição de 1908, de que faz parte "*Rosa, rosa de amor...*", poemeto que, primitivamente vulgarizado pela estampa, em 1902, numa Aragem á parte, assignalou um período na poesia lyrica do Brasil.

Vicente de Carvalho nasceu, cresceu e por tempo dilatado, viveu em Santos, onde furtou ao Mar a harmonia melancólica do seu murmurio. O decano dos nossos poetas tem, por isso mesmo, uma singular feição entre os vultos mais consideráveis do parnaso nacional: é o poeta do Mar. A vastidão da massa liquida, a tristeza irreprimida do prisioneiro immenso, vasada na revolta das ondas que se quebram nos penedos, a rêde alvinente das espumas, as planicies de areia lambidas por oceanos largos, o fogo fátuo das ardentias, tudo o que o Mar exprime, desde o estrupido, que é de luta millenaria, até aos soluços, que são de clôr e de saudade, tudo como que se infiltrou na alma do poeta,

para que fosse elle, em paragens nossas, e enamorado eterno da sua grandeza, o musicador dos seus cantos, o symbolista das suas revoltas e ternuras, o confidente das suas maguas, o interprete da sua angustia, o illuminado herdeiro dos seus accordes...

Nenhum genero poético põe em mais alto relevo a verdadeira poesia, nenhum dá melhor idéa de um temperamento privilegiado, que o lyrismo. A poesia é commoção, commoção é sentimento, e o amor, com ser a synthese de todo o sentimento, é a mais elevada, a mais violenta, a mais egoistica das paixões humanas. O lyrismo é, nesse caso, o melhor aferidor das organizações poéticas; pôde até asseverar-se que a razão primacial da poesia é o lyrismo, e que os demais generos servidos pelo metro e pela rima são derivações secundarias, impostas pela lei da variedade esthetica, com muito mais de technica e, por isso mesmo, com muito mais de artificio e muito menos de sentimento. Por outras palavras: em circumstancias diversas, isto é, em manifestações versificadas de outra ordem pôde-se, com maior ou menor esforço, com mais ou menos brilho, com tal ou qual gráu de calor, pôde fazer-se uma estrophe, compôr-se um soneto.



acabar-se um descriptivo na medida do agrado geral, desde que não falte ao autor os necessários recursos da língua, os indispensáveis conhecimentos do assumpto e os valiosos elementos da technica. Ao cabo de algum esforço e muita lima, não será fácil a qualquer leitor menos experiente descobrir, para logo, os "andaimes do edificio", differenciando o trabalho de puro arranjo do de verdadeira espontaneidade, ou seja o artista do simples artesano, isto é. o que concebe pela inspiração do que executa pelos conhecimentos adquiridos. No lyrismo, não; porque este, sendo sentimento puro, não se cria nem se inventa; brota inesperadamente do homem, como a lymphia da terra, e, ainda como a lymphia. muda ás vezes o seu curso, desaparece aqui para surgir noutra parte, ou para não mais repontar a sentidos humanos, occultado para estes, mysteriosamente, nos recessos do coração, como aquella nas camadas não sabidas do sub-solo... D lyrismo requer no homem, além do mais, uma certa dose de ingenuidade fundamental, que raros espiritos possuem. Ii quando essa virtude, por uma boa somma de cultura e imaginação, consegue explorar-se sem os exaggeros do pieguismo enfadonho, alargando, ao envés, os surtos das suas tendencias, não é temeridade arriscar a afirmativa de que a poesia, polarizando milagrosamente todos os gostos, segue rumo tla posterioridade.

Vicente de Carvalho está bem neste caso. A sua inspiração tem largos vôos, dentro dos moldes em que se notabilizou; e, sem perder a delicadeza e doçura que caracterizam a poesia do amor, nem as minúcias mais simples que a paixão registra e considera, não desce elle a futilidades soadas, que são o caminho batido de todos os rimadores vulgares. Na simplicidade dos seus versos, ainda nos mais correntios, arde sempre o fogo sagrado e lia sempre ternura e graça. Como soe acontecer com todos os grandes poetas e prosadores, a sua linguagem não tem rebuscamentos, é quasi aquella mesma de que todos se servem para as cousas prosaicas da vida ordinaria, somente illuminada e vivida pelo estro e, quasi sempre, pela propriedade. Quer isto dizer que o autor dos "Poemas e canções" não usa daquelle artificio com que os apoucados de vocação denunciam, a

cada passo, a mingua dos seus dotes literários. Mas, com toda a singeleza que o distingue, não lhe falta aos versos a eloquência com que nos arrebatava e encanta. "Palavras ao mar" são um attestado disto; mas, não só disto: são tambem do que já affirmámos em relação á sua caracteristica, á sua paixão pela immensidade das aguas revoltas:

"Mar, hello mar selvagem
Das nossas praias solitarias! Tigre
A* que as brisas da terra o somno embalam,
A que o vento do largo erriça o pello!
Junto da espuma com que as praias bordas,
Pelo marulho acalentada, á sombra
Das palmeiras que arfando se debruçam
Na beirada das ondas — a minha alma
Abriu-se para a vida como se abre
A flôr da murta para o sol do estio".

E* assim que principia a sua invocação ao inspirador de um sem numero dos seus versos; é assim que abre uma das mais bellas poesias do nosso idioma. KHa deixa ver, bem claramente visto, que a rima é adorno que se dispensa, cuja falta se não chega a sentir, quando a correcção, a clareza, a propriedade, a doçura, a eloquência e a inspiração se casam em assumpto que é, por si mesmo, um mundo que tumultua e canta:

"Ah, se o olhar descobrisse
Quanto esse lençol de aguas e de espumas
Cobre, occulta, amortalhai... A alma dos
[homens
Apiedada entendera os teus rugidos,
Os teus gritos de cólera insummissa.
Os bramidos de angustia e de revolta
De tanto brilho condemnado á sombra,
De tanta vida condemnada á morte!"

Nestas estrophes, de uma extraordinária belleza, de uma poderosa força de expressão verbal e de uma grandiloquência sem par, pôde seguramente aquilatar-se do poder evocativo do poeta, da luminosa amplitude do lyrico, e da grandeza suggestiva do marinheira eximio.

Em outras muitas composições do livro volta-se ainda o bardo illustre para o acorrentado *Tigre* das suas cogitações poeticas:

Ao pôr do sol, pela tristeza
Da meia luz crepuscular.

Tem a toada de uma reza
A voz do mar.

Toda se abranda a vaga hirsuta,
Toda se humilha, a murmurar...
Que pede ao céu que não a escuta
A voz do mar?

Sonha a mudez: brutal e impuro,
Tenta despir o seio duro
Branco de espuma, ébrio de amor
E virginal da terra em flôr.

São taes versos da serie "*Sugestões do crepúsculo*"; e estes outros da "*Ternura do Mar*".

Quando a aurora romper no céu despo-
[voado,
Thesouros a teus pés estenderei, de ras-
[tros. - .
Ser amante do mar vale mais, sonho
[amado,

Que ser dona dos astros.
Deliciando-te o olhar, afagando-te a vista,
Todo me tingirei de mil côres cambiantes,
E abrir-se-á do meu seio a brancura im-
[prevista

Das ondas arquejantes.

Levar-te-ei de onda em onda, a vagar de
[ilha em ilha,
Tranquillas solidões, ermas como atalaias,
Onde o marulho canta e a salsugem pol-
[vilha

A alva mudez das praias.

Farte-ei ver o paiz, nunca visto, da
[sombra,
Onde cascos de naus arrombadas, a espaços,
Dormem o ultimo somno estendidos na
[alfombra

De algas e de sargaços.

Essa estranha região nunca vista has de
[vel-a,

Onde, numa bizarra exuberancia, a flora
Rebenta pelo chão pérolas côr de estrella
E conchas côr de aurora;

Onde o humilde infusorio aspira ás ma-
[ravilhas
Da gloria, sonha o sol, e, dos grotões
[mais fundos

De meu seio, levanta a pouco e pouco
[as ilhas,
Archipelagos, mundos...

São palavras do Mar dirigidas á Lua,
de que sômente trasladamos algumas estro-
phes, por mostrar a influencia bemfazeja
do pégo immenso na alma do poeta.

Nas simples poesias amorosas, em que o
assumpto é tão outro, o Mar apparece,
ainda assim, como objecto de predilecta
comparação do grande lyrico:

Ninguém sabe o que supporta
O mar que chora na areia
Por essa tristeza morta
Das noites de lua cheia:

Em baixo, o pranto das aguas,
Em cima, a lua serena...
E eu, pensando em minhas maguas
Ouço o mar, e tenho pena.

"*Rosa, rosa, de amor...*", essa historia
admiravel de uma paixão, eni que, acima
do amor, brilha a graça, encanta a leve-
za, sussurra a musica das fontes, essa his-
ta meiguice, se sonorizam ninhos, essa his-
toria mesma, abre com o pensamento do
poeta voltado para o Mar, e para as cou-
sas do Mar:

Olhos encantados, olhos côr do mar,
Olhos pensativos que fazeis sonhar!

Que formosas cousas, quantas maravilhas
Em vos vendo sonho, em vos fitando vejo:
Côrtes pitorescos de afastadas ilhas,
Abanando no ar seus coqueiraes em flôr,
Solidões tranquilladas feitas para o beijo,
Ninhos verdejantes feitos para o amor...

Afia a brisa, cheia de ternura ousada,
Esfrolando as ondas, provocando nellas
Bruscos arrepios de mulher beijada...

Ou então:

Uma vela branca, toda alvor, se afasta
Balançando na onda, palpitando ao vento,
Eil-a que mergulha pela noite vasta,
Pela vasta noite feita de luar;
Eil-a que mergulha pelo firmamento
Desdobrado ao longe nos confins do mar...

E depois:

Branca veia errante, branca veia errante,
Como a noite é clara! Como o céu é

[lindo!

T.leva-me contigo pelo mar... Adiante!
Leva-me contigo até mais longe, a essa
Fimbria do horizonte onde te vais sumindo
15 onde acaba o mar e de onde o céu
[começa...

A seguir, na "*Primeira sombra*":

A tua voz chamou-me; eu escutei-a
E segui-a, ditosa, a sorrir e a sonhar...
Fala-me ainda de amor! Não te cales,
[sereia.
Que me attrahiste para o azul do mar!

Ou, como no "*Calrir das folhas*":

"Deixa-me, deixa-me, fonte!"

Dizia a flôr a chorar:

"Eu fui nascida no monte...

Não me leves para o mar".

I

Sem falarmos em outras passagens do livro, poderíamos, só no trecho "*O dia seguinte do amor*", do mesmo poema, multiplicar as citações de versos em que o oceano entra, ora calmo como o cicio dos favonios, ora encapelado e temeroso como o *Tiùrc a que as brisas da terra o sonno embalam*. Vicente de Carvalho de tal mo. do se afeiçoou ao principal motivo da sua inspiração, que difficilmente o deixa de invocar, seja no mais gigantesco dos seus remlgios, seja no mais recôndito e no mais terno dos seus idyllios. Não lhe é mais possível fugir á tormentosa visão do seu estro. O seu espirito conserva, como a concha, para o mysterio da belieza, o perpetuo murmurar das ondas.

Com ser o Mar, dentro da Natureza, um mixto de revolta e caricia, de orgulho e vassallagem, de tristeza e alegria, de sonho e realidade, de berço e tumulto, porque tem bramidos para os rochedos, beijos para as praias, insubmissão para o homem, rendilhados de espumas para as areias, es-crínio para as pérolas, insondáveis abysrios para os rôtos cascos de naus; com ser o Mar das mais úteis e tem.rosas criações do supremo timoneiro do Universo, por isso que embala na rêde de suas ondas, supplanta na força de suas correntezas,

edifica e destroe, separa os povos e liga os continentes, com ser tudo isto e muito mais que isto, raros são os poetas que o cantam com a mesma continuidade e o mesmo amor, que o tomam, com essa quasi obcecação mystica, para fonte de suas ins-pirações; e quando o cantam, e quando o fazem alvo dos seus primores, constitue isso um mero incidente na orchestração daj suas melodias. Vicente de Carvalho, portanto, se, por outras razões de ordem mais elevada ainda, já não tivesse no tempio da letras paulistas um altar da mais cons-pícua significação, por esse facto só, pela segurança e felicidade com que vezes muitas vasou o thema do seu agrado e do seu culto, a elle teria direito irrecusável. Mas o que lh'o deu, sem que elle o namorasse ou pedisse, foi, sem embargo das suas marinhas, ricas na perspectiva do metro e no claro-escuro das rimas, foi o seu ly-rismo propriamente dito, e, do seu lyris-mo, o "*Rosa, rosa de amor*..."

Sou como a corça ferida
Que vai, sedenta e arquejante,
Gastando uns restos de vida
Em busca da agua distante.

Ilcm sei que já me não ama,
E sigo, amorosa e afflicta,
Essa voz que não me chama
Esse olhar que não me fita.

Bem reconheço a loucura
Deste amor abandonado,
Que se abre em flôr, e procura
Viver de um sonho acabado;

E é como a corça ferida
Que vai, sedenta e arquejante.
Gastando uns restos de vida
Em busca da agua distante:

Só, perdido no deserto,
Segue, empós do seu carinho;
Vai-se arrastando... e vai certo
Que morre pelo caminho.

Não é preciso mais, para dar por certo que, daqui a cem annos, no segundo cen-tenário da nossa separação politica do reino portuguez, este poeta será citado como dos poucos que, entre nós, não vi-ram frustradas as suas tentativas na poe-



sia do coração. Ninguém explicou, ninguém ponde ainda explicar bem claro o mysterio da commoção. Mas não perdemos muito com isso, porque todos a percebemos e sentimos, flagrantemente, nos últimos versos reproduzidos. E é o quanto basta. O mais fica para os pretensos exegetas do sentimento.

Poesia é isto; isto é que é das mais altas expressões da ternura, da graça, do enlevo e da suavidade. Não importa saber o esforço do poeta para compor esses versos; o que importa é não ser esse esforço, se o houve, percebido. Na composição poética o autor exerce, simultaneamente, duas funções distintas: a de artista, quando concebe a idéia, e a de artesano, quando a executa. Neste caso — e não se tratasse de composição lyrica! — sente-se que a imaginação brotou espontanea e correntia na obscuridade da officina e no calor da forja, o operário a fundiu com sabedoria e primor. Feita a obra, ninguém mais cogita do barro que lhe deu início, da modelagem e do gesso, das emendas, da fôrma e da cêra perdida; o de que se trata são as linhas, são os valores, são os contrastes, são os adornos e mais o estylo, a harmonia e a belleza do conjuncto. Falando-se de poesia, a preocupação do metro, cio rythmo, da natureza da rima, da disposição das estrophes, das homophônias e alliteraões, de tantas cousas mais, é, indubitavelmente, um elemento de perfeição e graça. Mas, com todos estes requintes de technica teria o poeta naufragado, se dentro daqueles versos não houvesse a força poderosa e communicativa da inspiração. A technica, ou seja a maneira de exteriorizar o pensamento, é uma função mecanica e, consequentemente, material. A arte, rigorosamente falando, está na concepção. A concepção demanda talento, que vem com o sopro da vida; a execução requer apenas habilidade, que se adquire com esforço e em qualquer tempo. Mas, por isso que a estrutura do verso toma lugar de ordem secundaria relativamente á sua idealisação, não lhe perdamos as imperfeições, a mais leve imperfeição. Não é justo que, onde haja *o mais*, falte *o menos*; não se concebe que, havendo alguém nascido *artista* de talento, não se faça, quando o queira, *operário* consciente e habilidoso para a execução primorosa de suas próprias imagens. Quan-

do um verso defeituoso lhe sae da penna, á guisa de fixador de sua idéa, e o poeta o não refaz por achá-lo excellente como imagem, esse poeta descrê do seu proprio talento, suppondo não poder fazer nada melhor. Tente-o, e verá, se o talento de facto lhe não mingua, que ha de conseguir o certo, sem que se perca a belleza. O talento é o triumphador milagroso de todos os óbices, como a icjêa e a fôrma, numa alliança indestructivel, são os dois elementos máximos da belleza eterna.

Vicente de Carvalho, que concebe e constroe com quasi igual capacidade, é um poeta de largo folego, possuindo até tiradas épicas, como no "*Fugindo ao captivo*", poema que, no seu conjunto ou aspecto, mais reflecte a maneira dos grandes vultos que o antecederam na Poesia, que a dos que começaram a viver com elle. Talvez por isso não tenha Vicente cultivado o soneto em larga escala, fugindo á moda tão seguida por seus grandes contemporâneos Rayniundo, Bilac, Alberto de Oliveira, Augusto de Lima, Luiz Delphino e outros, a cujo exemplo de pureza de linguagem e elegancia de forma não foi, mais tarde, indifferente. As suas produções de maior relevo são, consequentemente, poesias estrophicas, entre as quaes, além das referidas, podem nencionar-se: "*A invenção do diabo*", "*Pequenino morto*", "*Carta a V. S.*" (a Valdomiro Silveira), em estylo jocoso, e a "*Partida da Monção*", para não arrolarmos muitas mais. Não obstante, porém, entre os seis ou oito sonetos que se encontram nos "*Poemas e canções*", um ha que vale, a nosso gosto, mais que o "*Fugindo ao captivo*" e tanto como as "*Palavras do Mar*" e o "*Rosa, rosa de amor...*" E' o com que o poeta abre o livro:

Só a leve esperança em toda a vida,

Disfarça a pena de viver, mais nada;
Nem é mais a existencia resumida,
Que uma grande esperança mallograda.

O eterno sonho da alma desterrada,
Sonho que a traz ansiosa e embevecida,
E' uma hora feliz, sempre adiada
E que não chega nunca em toda a vida.

Essa felicidade que supomos,
Arvore milagrosa que sonhamos
Toda arreada de dourados pomos,



Existe, sim: mas nós não a alcançamos,
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos.

Dos oito ou dez sonetos da nossa língua mais conhecidos e havidos por maravilhosos como idéa, como sentimento, como naturalidade, como factura, este é um; e nos fastos de nosso patrimonio literário ficará fulgindo, para todo sempre, de maneira imperecível. Do valor dessas produções, assim seleccionadas do thezouro da língua, vista cada uma de per si, do valor dessas produções, como belleza e harmonia, seria difficil dizer, differenciando-as, se os temperamentos não variassem nos individuos e, quando idénticos em muitos, não mudassem, de momento a momento, os estados de alma. E' o maior elogio que se pôde fazer ao trovador paulista. Neste soneto porém, como nos demais, que todos conhecem e não mencionamos, a exigencia do leitor culto poderá notar, aliás, um outro argueiro na limpidez transparente do crystal. Mas fique bem claro que no momento, pela própria natureza da obra em que collaboramos fazemos simplesmente a critica das bellezas, e não a dos defeitos.

Dissemos, no principio deste commento, que "*Poemas e canções*", edição de 1908, são a obra maxima do autor; e assim pensamos. Mas outras produções suas, do mesmo genero, se encontram reunidas em livro, sob o titulo de "*Versos da mocidade*". Essa collectanea rimada damos, a seguir, um soneto que, pelo primor da fôrma e belleza integral dos versos, bem merecia estar na primeira, em que a superioridade do poeta mais se accentua e caracteriza:

Toda a tua belleza a um lado ponho,
Toda a tua candura de outro lado:
Meu pobre coração, desatinado,
Hesita, a balançar de sonho a sonho.

Que é o que mais amo em ti? Tudo. Eu
[opponho
Tua própria innocencia ao teu agrado...
Nem veja eu nunca as manchas do peccado

No mármore divino com que sonho!
E's tu, de rosto lindo e de ar modesto,
A que a meus olhos sempre se afigura
Perfeita, em cada linha, em cada gesto;

Allucina-me a tua formosura...
Mas eu não posso ser sinão honesto,
Porque não posso amar-te senão pura

E' muito bello! De mais dois ou tres poetas de primorosa estofa conhecemos produções ácerca do mesmo thema, plasmadas também em quatorze versos. Aluizio Azevedo tem um soneto — "*Pobre Amor*" — que termina assim:

Persiste na moral em que persistes!
Ah! quanto eu soffreria se peccaáres,
Mas quanto soffro mais porque resistes!

Adelino Fontoura finaliza deste modo o seu "*Fruto prohibido*":

E's para mim o fruto prohibido;
Não pousarei meus lábios nesse fruto,
Mas morrerei, sem nunca ter vivido!

Freitas Valle, escriptor que não tem logar nesta synopse por só escrever em lingua franceza, sem, por isso mesmo, contribuir para o augmento do nosso erário intellectual, nem para o brilho das nossas conquistas literarias, á uma porque se não serve da nossa lingua pira o que de melhor se transvasa da sua intelligencia, á outra porque não dá curso ao que produz, senão que avaramente esconde o que nesse estranho idioma concebe e edifica, Freitas Valle explorou, igualmente, o assumpto no sonto "*Renuncia*". não sabemos por que obra do acaso forjado em cunho portuêz:

Por salvar-me, transviaram-se-te os passos...
[sos...

E eu preferi perder-me a, salvadora,
Encontrar-te perdida nos meus braços.

Não é, pois, pela frescura do motivo que a composição de Vicente de Carvalho nos agrada; senão, muito ao contrario, como prova a mais de que as velhas idéas são sempre susceptíveis de novos torneios, que lhes emprestem novo aspecto e novas bellezas. O proprio autor que nestes linhas apreciamos se repete no mesmo livro, e essa repetição é solido argumento em favor do que acabamos de expender:

Alma feita de amor e de bondade,
Corpo cheio de encanto e de carinho,

Não tentes desfolhar no meu caminho
A ingênua flôr da tua mocidade.

Arreda-te de mim... Não te apiade
A voz de magua, a queixa, o murmurinho
De alguns versos em que eu, ave sem
[ninho,
Canto as melancolias da saudade.

Demais te quero para desejar-te;
Um duplo amor meu coração ardente
Dm dois pedaços desiguaes reparte:

No mais pequeno, uivam desejos vis;
O outro, maior, muito maior, sómente
Sonha a ventura de te ver feliz.

Ambos os sonetos são admiráveis; em ambos ha um amor que, se se não biparte pela diversidade dos impulsos, é então serenidade dentro dessa mistura de espirito e carne em que a força do instincto se avoluma e manifesta. Em ambos ha uma paixão que é renuncia, um pendor que a bondade susta e desvia, um desejo que a dignidade repelle, um crepitar de chammas que a reflexão applaça, um supplicio, em summa, que lateja na urdidura do soneto e, a pouco e pouco, abrandando, commovido e feliz, até morrer de todo na cadencia dos rythmos e na melodia das rimas...

Esta é, felizmente, a característica do seu lyrismo, em que o peccado mesmo, quando acorda, é receio e pudor. Não lhe temam escabrosidades, não lhe busquem versos licenciosos, não lhe procurem a sensibilidade grosseira, porque a sua poesia é toda pudica e casta, sem ser propriamente ingênua,

Vicente de Carvalho recebeu ainda, a certos respeito, a influencia dos últimos românticos; essa influencia, porém, soffreu logo outra mais forte e, porventura, de maior agrado para o seu espirito, a qual, por assim dizer, equilibrou a primeira, salvando-a, e fazendo d'elle um poeta dos nossos dias. Referimo-nos á reacção parnasiana, que teve o seu berço em França, lá por 1860. O Brasil só começou a participar desse beneficio cerca de vinte e tantos annos depois, quan-

do vieram á luz os primeiros versos de Raymundo, em 87, e os de Bilac, em 88. Vicente de Carvalho, diga-se verdade, não foi dos primeiros a se enthusiasmarem com esse novo surto da poesia, que tão rebrilhantes alfaías entre nós conquistou, maxime no tocante á technica e á linguagem. E só nestes dois pontos exerceu elle o seu benefico predomínio no espirito de Vicente; que, no tocante ao mais, se lhe quizermos descobrir afinidades de sentimento e de maneiras com outros poetas, a mais afastados períodos havemos que nos remontar na França, como em Portugal.

Deduzimos o que fica expresso, quanto ás suggestões por elle recebidas, das próprias produções do grande poeta, vindas á luz successivamente em 1885 e 1888, as quaes nem sempre primam pelo cunho rigorosamente vernáculo. Porém, escriptor por indole, convencido de que não alcançam a posteridade senão os que porfiam nos apuros da sua arte, de que, nesta especialidade, a lingua é um dos máximos factores, Vicente de Carvalho tornou-se poeta do seu tempo; e, quando fez imprimir os "*Poemas e canções*", tinham já desaparecido da sua poesia as manchas symptomaticas da escola que entardecera. E tanto assim foi, que, sem nenhuma offensa á susceptibilidade do poeta, seu nome só se fez definitivamente conhecido, só se tornou um nome nacional, só rompeu as fronteiras da Patria, quando os seus versos rigorosamente se escandiram, e a expressão escripta recebeu das aras do Passado, dos mestres immortaes da lingua, os fios de ouro com que se urdiu e aprimorou. De então para o diante, elle honra, com muita honra, o punho firme de subido engenho que lhe traceja o nome.

Pôde descançar a lyra quando quizer; sua missão, cumpriu-a elle como um predestinado das Musas. No seu por-de-sol não lhe faltarão torrentes de luz que lhe façam lembrar a cada instante, pela calada da noite, o esplendor da sua gloria...

Aristeo Seixs.

("Gazeta de Noticias", Rio).

DA LEI DA IMPRENSA?

Inabundantes de lógica e relativamente vãs de justiça, correm mundo algumas querelas e censuras a propósito da recente lei que, diminuindo a nossa velha liberdade de imprensa, de facto annullou os §§ 24 e 12 da moribunda Constituição Federal. Delas, porém, uma é innegavelmente razoável: entrar a lei em execução sem ter sido regulamentada. Gorda e completa de intuitos, variada de assumptos, dissidente das tradições nacionaes e revogatoria de muitos textos juridicos, o complemento duma regulamentação executiva lhe era como que obrigada scena do seu desentredo. Pois foi o que de todo lhe faltou.

Fácil é reconhecer que desde 1893 a indole do regimen dominante, a actividade social dos presidencialistas que manobravam e manobram a passividade do paiz, e sobretudo as successivas sinceridades de ex-tribunos serviçais do despotismo, estavam aconselhando e aguardando uma reforma restrictiva dos usos do pensamento brasileiro por meio de typos e de typographias. Reforma, aliás, de pleno accordo com o art. 15 da citada moribunda, que só permite poderes independentes quando harmonicos entre si. E' claro que se o primeiro magistrado nacional, centralizando alli no Cactete a responsabilidade do poder publico, representa a opinião vencedora pela legalidade do suffragio legitimo é o seu predominio na marcha dos acontecimentos, e consequentemente acceitaveis a adaptação do legislativo e a curvatura do judiciário aos dizeres e aos dictames de sua vontade soberana.

Que a joven lei com as circumstancias da patria pode, irmanada-, viver em santa paz, demonstrado ficou pela quietação com que, tanto de norte a sul como de este a oeste, o povo lhe acompanhou o prolongadissimo e emendadissimo debate, offerecendo-lhe mesmo larga hospedagem na maior, na mais organizada, na mais efectiva das instituições nacionaes: a paciência.

E, agora ainda, ir.evitada porque sancionada a republicana reforma, do jor-

nalismo carioca —'o interessado mais ferido por ella — ou partem applausos delirantes de obediencia, ou pulam increpações pessoais, apodando de desertores ás promessas da propaganda os votos legislativos que acabam de pôr em estado de sitio, perenne e caro, o direito de escrever em terra brasileira. De reclamar a regulamentação da lei ninguém se lembrou!

Injustas, entretanto, no seu entono absoluto, essas criticas pessoais. Que, especialmente no Brasil, mudar nunca foi desertar, affirmativa é que desafia réplicas. Basta um exemplo para fortalece-la: Joaquim Saldanha Marinho, o modelo da respeitabilidade competente, tendo manejado nos arraiaes conservadores suas primeiras armas de partidario, foi nas fileiras Hberaes conselheiro do rei e, acatado chefe republicano, preparava na popularissima phrase "não era esta a Republica que eu "sonhava", mudança para logar incerto e não sabido quando, inexorável, a morte o levou para situação definitiva. O assignalamento desse conhecido caso dispensa-me-i ir alem de meras allusões ao de Emilio Ollivier trocando a cadeia da bancada republicana pela tentativa bonapartista do império liberal, e no abandono da liga Achaia pelo genial filho de Lycortas.

Tendo passado por todos os tramites regulares a lei da imprensa, passo-me para ella. Faço-o com o muito louvável intuito de melhora-la, já que tenho de supporta-la. Faço-o convencido de que a sua regulamentação, aqui por mim alvitrada, vale um serviço interessante, nobre, ordeiro, tão util e tão exequível como a tabella I,yra; significa um problema que bate profanamente á porta dos acontecimentos, mas que me não encontra desprevenido pois já o esperava com algumas idéas, poucas porém praticas e viabilissimas. Idéas que, suppenho, inevitável commissão que vae ser nomeada para solucionar o momentoso caso homologará sem discrepância. Idéas que, salva a redacção, cabem sem esforço no proximo futuro regulamento. EU-as:

— Soffrerão as mesmas penas, na cadeia e na carteira, tanto os jornalistas que in-



juriarem as autoridades constituídas como os que, embora visitantes da verba secreta, se excederem nos elogios ao poder publico.

§ — E' garantido o augmento da terça parte da pena ao jornalista que qualificar de illustrado qualquer dos politicos poderosos que, para distinguir o substantivo do adjectivo, costume recorrer ao dictionario.

— Duplicando de formato, passará o *Diário Official* a chamar-se *Grande Peta*. Seus artigos editoriaes, diários, terão invariavelmente duas columnas, governista uma, incluindo todos os ministros na Santissima Trindade; opposicionista outra reclamando sempre a immediata remessa dos Senadores Irineu Machado e Paulo de Frontin para Fernando de Noronha.

§ — O pessoal será pago em prata, mas com cauteloso atraso de onze mezes.

— Uma vez por anno, de preferencia

em data de 1 de Abril, haverá na policia uma banca de exame para habilitação dos jornalistas. A melhor nota será "simplesmente". A reprovação não inhabilitará o candidato, excepto se não souber elle responder a este ponto cujo sorteio é obrigatorio:

"Tendo de noticiar que um juiz, filho de senador, tirou cinco contos de réis que, da gaveta do escrivão, tinham de ir para o depositário publico, como ha de o jornalista redigir a verdade evitando a prisão e a multa?"

*

E' o que tenho a dizer da lei da imprensa.

S. Paulo — 1923.

Martim Francisco.

("Jornal do Brasil", Rio).

LIVROS PARA CRENÇAS

Noticiam os jornaes que as autoridades competentes cuidam de submeter a uma revisão geral dos livros adoptados nas nossas escolas primarias.

Essa providencia, se for levada a effeito com o devido critério e por gente que baiba o que deve fazer, será da maior utilidade.

Quem tem filhos em idade de educar, e que, por isso, se vê obrigado a pôr-se em contacto com esses livros actualmente em uso, é que pôde ver quanto elles, máo grado a bôa vontade que revelam dos seus autores, estão abaixo dos fins a que se destinam. Em alguns assumptos, são elles realmente terribes de falta de senso, de aridez e de tolice.

As crenças brasileiras encontram-se, neste particular, em condições de lamentável inferioridade ás de quasi todos os outros paizes.

Nada ha mais interessante do que os livros infantis da Inglaterra, da França, dos Estados Unidos, da Allemanha e das nações que falam hespanhol. Até as pessoas grandes, crenças mais velhas, encontram nelles, sobretudo nos de historias e de lição de coisas, um encanto indefi-

nível, que lhes augmenta ainda mais essa saudade da infancia, tocante logar conimum do sentimento.

Com o meu habitual respeito pelo publico, abstenho-me de exhibir a minha erudição no assumpto, que não é pequena. Amigo da belleza, que fulge tanta vez nas coisas innocentes, sou, por isso, um leitor assiduo desses livros infantis, sobretudo os de contos de fadas, única leitura que realmente existe hoje para o coração. Escusa accrescentar que o espirito dos que o têm (coração) é nelle principalmente que reside.

Se pudessemos adoptar uma politica inspirada verdadeiramente no pensamento da grandeza do Brasil, esse problema das nossas crenças, sua educação, a formação de sua intelligencia e do seu caracter, tomaria o primeiro logar entre os primeiros que nos tivessem de preoccupar.

As singulares condições de nossa vida presente nos obrigam a governar olhando o dia que passa.

Homens felizes, porém, são os que podem governar pensando no futuro.

Obra que se constróe sem o bafejo da esperança na felicidade de dias melhores



c obra manca, que pouco honra e mal justifica o esforço que nella se despende.

Mas estou me tornando obscuro.

Falemos mais claro e mais a proposito. O assumpto é "pueril", diria um engraçado. Sejamos* pueril com eile.

Se algum dia eu pudesse influir nesta matéria de livros escolares, mandaria (quanto aos de historias) traduzir do inglez, os de Charles Kingsley, que contam em linguagem para creanças a vida dos heroes gregos.

Todo menino inglez de 8 annos já andou com os Argonaqtas á procura do velacino de ouro pelos mares azues do velho archipelago.

Navegou com Jasão, soffreu e cantou com Orpheu, contemplou Medêa, conver-sou e aprendeu com o Centauro, viu resplandecer, na tarde clara, Helena de Troya.

Nossos filhos só poderão ver essas maravilhas que serão eternamente as mais maravilhosas do mundo, quando souberem ler inglez e já estiverem em idade de não pensar nessas coisas, mas na vida, isto é, no caderno da venda, no kilo de café a 3\$600, na conta do gaz (*horresco referens*), nessas tragicas vulgaridades, na conquista das quaes se exhaure, na época actual, a energia do genero humano!

E não preciso accrescentar que só uma reduzidissima minoria se achará algum dia, pelo conhecimento das linguas estrangeiras, capaz de fazer estas viagens divinas que perfumam a imaginação e deixam nella uma estrada côr de rosa por onde pôde sempre chegar o consolo da belleza.

Se algum dia eu pudesse influir em matéria de livros escolares, mandaria traduzir as *Historias de Shakespeare*, de Charles Lamb e os *Caracteres dos dramas shakspereanos*, de William Hazlitt, e todo Dickens, de *David Copperfield* a *Oliver Twist*. Mandaria ainda traduzir as historias de Anderson, os contos de Selma Lagerlöf, sem falar em *Robinson Crusoe* e nos velhos thesouros de literatura infantil do mesmo genero.

Por escriptores de talento mandaria fazer a historia das navegações, a vida de Christovão Colombo, a chegada ao Brasil dos descobridores, os jesuitas, as bandei-

ras. E faria sujeitar a uma adaptação para creanças as biographias de Plutarcho e dos homens *universaes* idade antiga e moderna, como se faz em todos os pai-

Nas escolas dos Estados Unidos ou 3a Allemanha, para não citar a França e a Inglaterra, não se fala ás creanças somente dos seus heroes nacionaes. Fala-se de homens que viveram grandes vidas cheias de actos grandes, qualquer que tenha sido o seu paiz de origem.

Ao infeliz, que se julgando "pratico" e "sabido" objectasse que o *Jequinha*, o filho do *Jeca*, não precisa dessas leituras, etc., etc., eu não responderia porque não é para gente dessa natureza que escrevo. Explicar-lhes a vantagem, a significação dessas leituras na formação do caracter e no enriquecimento do espirito seria trabalho superior ás minhas forças. Não o tentarei jámais.

Chamaria porém a atenção das pessoas decentes para a realidade que mostra os nossos rapazinhos e as nossas raparigas de doze a treze annos, das classes pobres, saindo da escola primaria sem levar na imaginação nenhuma visão das cousas illustres que enobrecem a vida e dão sentido á humanidade. Subindo em idade, o seu divertimento, nas horas de prazer, será a leitura dos máos jornaes contemporâneos e a frequencia dos theatros da praça Tiradentes.

Será talvez por falta dessas leituras luminosas e incomparáveis no começo da vida — que o espirito dos rapazes e das raparigas de hoje é em geral tão triste e desenkabido.

Tenho a intima convicção de que muitos dos almoçadinhos que enodam as nossas ruas com a sua presença ambígua, seriam homens mais homens, seriam homens de facto — se as grandes emoções communicadas por essas leituras estimulantes — lhes lnuvesse accendido na alma recém-aberta ás sensações da vida, o calor, a exaltação, o entusiasmo que ellas despertam.

Deante dos olhos teriam elles, projectados pela memoria, os scenarios magníficos, os augustos perfis, os feitos esplendentes, a virtude sob todas as suas formas, do heroísmo á piedade, contras-



tando, a todo momento, com os espectáculos enfadonhos da realidade, cuja monotonia crespa se abrandaria e se matriaria ao reflexo dessa luz interior, transfiguradora e sempre nova.

A alegria é obra dessa luz nascente da alma. Não é o êxito, a conquista, a Victoria material sobre as dificuldades e obstáculos da existência diaria, que ás mais das vezes não deixam senão amargor e desconsolo.

A maioria dos "vencedores" da actualidade são pobres diabos, tristes como condemnados. Onde só se contenta a vaidade, pouco contentamento existe.

Devemos ensinar os nossos filhos a gar

nhar a vida. Ensinemos-lhes também a não serem bobos, chatos, estúpidos, vulgares, como estão sendo. Ensinemos-lhes, sobretudo, a *sentir* esse pouco de felicidade que a vida pode dar e que não é somente no ganho que se encontra.

Aliás, os homens práticos dos paizes verdadeiramente "práticos" sendo homens de conquista e de luta, são homens de poesia e de belleza. Quem não sente o que é *bello*, não pode saber o que é *bom*.

Fiquemos hoje por aqui em matéria de leitura para creanças. De outra vez farei dos livros propriamente didácticos.

Gilberto Amado.

("O Paiz", Rio).

NOTAS PARA ARTIGOS

COISAS DE HESPAÑHA — Km Madrid, Junho de 1916, perguntando a titular letrado e official de marinha reformado porque estava sempre em crise o ministério hespanhol, e porque ameaçando o exercicio normal dos outros poderes, estavam os militares organisando ostensivamente "ligas de defeza", escutei resposta que hoje relembro para entender a recente e ainda não terminada revolução hespanhola. Ei-la:

"Brigam, na terra de Sancho Pansa, tres partidos conservadores e dois partidos liberaes, sommando inevitavelmente cinco partidos, adversarios e les todos de el-rei Affonso XIII. Discutem nestas paragens dois partidos socialistas, indifentes a fôrmas de governo, servente um do nihilismo slavo por intermedio dos agitadores de Barcelona, arregimentado electoralmente o outro nos maiores centros de população. E existem ainda, em exercicio de actividade febril, um partido militar e outro clerical, fanáticos ambos pelo rei que é pacifista e livre pensador.

Tem cada partido, sua imprensa, seus clubs, seu directorio na capital, seu eleitorado vacillante, e temporariamente seus chefes, cujo projecto semestral é organizar um ministério de concentração no qual entrem todos os partidos e elle, organisador, seja o único a mandar.

Cada partido só lê os jornaes do seu partido. O rei, porém, quando não tem á mão os jornaes francezes, lê todos os de Madrid, inclusive *El Motin*, socialista demolidor.

Eis porque, sendo cada hespanhol uma crise ambulante, está sempre em crise o ministério hespanhol".

FINANÇAS PAULISTAS — Receita orçada: cento e cincoenta r dois mil contos; receita arrecadada: cento e cincoenta e sete mil contos. Divida externa: sete e meio milhões de libras esterlinas, dezoito milhões de florins, dez milhões de dollars: cerca de quinhentos e trinta mil contos ao cambio de hoje. Divida interna? Não sei nem me interessa saber.

NICOLAU VERGUEIRO — Dos oitenta e um annos que teve de existencia laboriosíssima, consagrou quarenta e tres ás alternativas da vida publica. Na campanha da Independencia foi o primeiro dos da segunda fileira; superiorisa-o, porém, na nossa historia, a immutabilidade do perfil. Deputado duas vezes constituinte, ministro effectivo tres vezes e interino uma, senador pela provincia de Minas Geraes como poderia te-lo sido jor outra quaquer provincia com idêntica legitimidade, agricultor com inicia-

tivas colonisadoras e preparadoras da abolição do braço escravo: o Nicolau Pereira dos Campos Vergueiro do movimento paulista de 23 de Junho de 1821, data da sua estréia politica, é o jaesmo em 18 de Setembro de 1859, mesmo na competencia variada, na sisudez, na sobranceira sem ostentação, na indiferença á calumnia, nas preocupações patrióticas. Entre os organisadores de S. Paulo, no periodo regencial posterior a 1834, nem um o sobrepuja. Nas maiores crises politicas, de vespera já o pyzy sabia como Nicolau Vergueiro teria de opinar; tal a coherente persistência de sua feição social. Foi algum tanto preterido o seu nome nas recentes commemorações da Independencia. Houve nisso injustiça relativa. Mantendo, mais que os politicos seus contemporâneos, indiscutivel singularidade pessoal, foi Nicolau Vergueiro um vulto á parte. Merece um monumento á parte.

AGUAPBHY — A respeito dos cento e muitos mil kilometros quadrados, que constituem essa fertilissima região, minhas reminiscências e apontamentos chegam até despacho, dado em 1881, a requerimento provinciano, pelo sensato e competente ministro da Agricultura Manuel Buarque de Macedo. Que região victima de alternativas! Depois de requerida, passou a ser, nos mappas, terreno desconhecido. Deu-se ultimamente a conhecer em profusos debates da imprensa para, de súbito, silenciar deante do artigo 64 da Constituição Federal. Eis que o governo, mero gerente do Estado, pensando que o patrimonio deste pôde ser objecto de desistencia, abre mão da enorme propriedade, não se sabe em favor de quem! Dos inimigos? Não os tem. Dos amigos? Seria desistir do que não é seu para os seus. Ha necessariamente engano de direito ou erro de facto em toda essa balbúrdia. Com o pagamento de impostos em dia, e acceitando como certas as estatisticas publicadas, acredito ser dono, no Aguapehy, de tres metros e vinte e quatro centimetros dos quaes não abri, não abro e não abrirei mão. Reclamo-os com a mesma teimosia que, desde 1898, me leva a reclamar a volta daquelles quatro mil contos que, em 1893, o erário pau-

lista) remetteu e o riograndense nunca recebeu.

HYPPOLITO DA COSTA — Correcto, justissimo, perfeito, o resurgimento de Hyppolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, nas paginas de nossa historia e na attenção nacional, a proposito do nosso centenário de povo livre. Pena foi que se não lembrasse algum brasileiro, lá em Iyisboa, consultando os archivos da Real Academia, de apagar de vez a calumnia que, dissimulada em meias phrases, quasi manchou de venalidade o nome do martyr e a reputação do patriota.

Porque a datar de 1813, no *Correio Brasiliense*, crescessem de numero e de tamanho as noticias dos casos academicos, tomadas que* foram por isso ou para isso bastantes assignaturas, a perfidia esgravatou no incidente indícios de deshonestidade. Era então secretario da Academia o mesmo sábio que, ministro do primeiro gabinete nacional em 1822, immediatamente se lembrou de Hyppolito, nomeou-o consultor de quaesquer missões do governo na Europa, forneceu-lhe os fundos possiveis no embaraçoso momento e, particular e oficialmente, lhe conferiu prerogativas da maior confiança. De como soube Hyppolito usar delias, existe a demonstração na completa e lininterrupta harmonia, até de suas iniciativas, com os mandatos e as attribuições de Caldeira Brant e Gameiro Pessoa. De como, pobre, manejou os dinheiros do paiz, esclarecidissimo ficou pela circumstancia de a carteira dos amigos e a verba secreta terem de concorrer para o proseguimento dos estudos dum seu filho.

Hyppolito da Costa pôde e deve comparecer limpo ao julgamento da posteridade. Como o do seu grande e tradicional amigo, Patriarcha da Independencia, seu mérito, dispensando misericórdias convencionaes, não evita, não consegue impedir que no interminável templo da historia, distanciados os batentes e abertas as portas, alguns dos penetrantes raciocinemos com os dentes.

S. Paulo — 1923.

Martim Francisco.

("Jornal do Brasil")

PROBLEMAS NACIONAES

Do magnifico discurso pronunciado na Liga de Defeza Nacional pelo Ministro Viveiros de Castro, transcrevemos o seguinte trecho:

*E' obra de patriotismo mostrar a urgençia de uma remodelação administrativa, que simplifique os processos, torne effectivas as respectivas habilidades, liberte o functionalismo da influencia nefasta da politicagem, e o torne, por uma rigorosa selecção em tudo digno da sua nobilissima missão.

E' também urgentissimo *tonificar* o caracter nacional, que actualmente está sujeito á acção deleteria de quatro inimigos terriveis: o *egoismo*, o *regionalismo*, o *analfabetismo* e o *sensualismo*.

Muito perfunctoriamente chamei a vossa attenção para esses inimigos, 1.º O *Egoismo* ou *egolatria*. A irritante e arbitraria intervenção do Estado na vida do individuo, que caracterizou o *absolutismo*, facilitou o triumpho da idéia « individualistas, propagadas por essa pleidade brilhantissima de escriptores — os *Encyclopedistas*: triumpho que, no terreno economico, se corporificou na chamada *escola de Manchester*; e que, no terreno politico se traduzio no *abstencionismo do Estado*, tão bem synthetizado na formula tão pouco orthodoxa do abbadе Galiani — *il mondo va da se*.

Habitando-se a confiar nos seus proprios esforços, vivendo por si e para si, o homem vae perdendo a noção da solidariedade humana, desinteressando-se dos seus semelhantes, esquecendo completamente o sublime preceito do *Decálogo*; ama a teu proximo como a ti mesmo.

E' portanto, no individualismo á *outrance*, que encontramos os germens da *egolatria*, esgalnacho damnhinho que impede o desenvolvimento das virtudes domesticas e o cumprimento dos deveres civicos.

E' por egoismo que tantos paes abandonam o lar domestico, deixando os filhos entregues a mãos mercenarias, privados dessa carinhosa vigilancia tão necessária ao desenvolvimento physico das crianças, como á formação do seu caracter.

E' sob acção perniciosa do egoismo que se desenvolvem essas funestissimas doutrinas neo-malthusianas que, pregando o *amor infecundo*, offendem a Deus e a Patria, porque degradam o sacramento do matrimonio e privam o Estado de um dos seus elementos essenciaes — a população.

Obedecendo ao seu egoismo, o patrão converte os seus operários em machinas de trabalho, das quaes é licito exigir o máximo de produção, embora ellas não possam resistir á extraordinaria pressão. Por sua vez, os operários se aproveitam egoisticamente das circunstancias para impôr a sua vontade aos patrões, exigindo salarios excessivos e reduzindo seu critério as horas de trabalho, embora essas exigencias acarretem a ruina das empresas que lhes forneciam os meios de subsistência.

Por egoismo, enfim, o cidadão se desinteressa dos negocios públicos; não exerce essa continua fiscalização sobre a gerencia do interesses collectivos, que é tão necessário nos governos livres; e nem ao menos exerce o seu *direito de voto*, que, aliás, eu considero uma *função publica*, cuja obrigatoriedade se me afigura muito mais racional do que a de ser jurado.

A esta concepção egoista e interesseira, opponhamos um ideal, muito mais nobre e elevado, que se não preoccupa com os individuos quando estão em jogo os interesses da Patria.

Regionalismo. A *unidade* da Patria é, mercê de Deus, um dogma intangivel. Pregar a *separação*, se nos afigura um crime tão horrivel como o de incitar um individuo a praticar um *matricidio*.

E, ainda que não fosse innato esse sentimento, a lição da grande guerra, e principalmente os episodios que vão surgindo nesse tão lento restabelecimento da paz, nos teriam curado de qualquer velleidade separatista, tão precaria se mostra a independencia das pequenas nações, sobre cujos interesses fundamenteaes as grandes potencias exercem, mais do que nunca, uma desassombrada tutela.

Compreendendo, com o seu admirável espirito pratico, as exigencias deste momento historico, a prudentissima Inglaterra, querendo evitar o esphacelamento do seu Império colonial, resolutamente se converteu numa *Confederação inter-continental*, realizando esta obra admirável sem espectaculosas Assembléas Constituintes, e sem celebrar tratados solemnisimos.

E tão fortemente se faz sentir a necessidade da constituição de grandes Impérios, que um publicista eminente, Coudenhove-Kalergi, estudando magistralmente a decadencia da Europa, sustenta que ella só tem um meio de salvação — a união politica e economica de todos os Estados, da Polonia a Portugal, em uma Confederação de Estados.

Ora, quando a situação do mundo é de tal gravidade que já se cogita em confederações continentacs, o proprio instincto de conservação é o mais seguro garante da unidade nacional.

Mas, se todos reconhecem a necessidade do Brasil unido, são raros os que encaram os nossos problemas sob um ponto de visita mais amplo, preocupados principalmente com o interesse *nacional*, elevando a visão muito acima da torre da sua aldeia. Os interesses locais primam, entre nós, sobre os interesses nacionaes: os Cesares modernos também preferem ser mandões em uma villa, a ser simples cidadãos de uma grande Patria.

Seja o nosso único objectivo o engrandecimento do Brasil, embora com o sacrificio de certos interesses locais, cuja satisfação seria de grande proveito para a realização das nossas ambições pessoases.

A grandeza das nações depende exclusivamente da abnegada dedicação dos seus filhos: acima de tudo sejamos *brasileiros*.

Analfabetismo. A suggestiva phrase de Victor Hugo de que — *abrir escolas é fechar cadeias* — ha muito tempo que foi recolhido ao bolorento museu de *chapas* imprestáveis: a instrução infelizmente não exerce influencia depressiva sobre a criminalidade nem mesmo modifica sensivelmente as suas manifestações.

As vantagens da instrução se manifestam de preferencia no terreno economico, e no regular funcionamento do mecanismo governamental.

Quanto mais culto e um povo, mais verdadeiramente livres são as suas instituições.

E tanto isto é assim, que a principal preocupação dos governos absolutos é manter o povo ignorante.

A nossa extraordinaria porcentagem de analfabetos é não só humilhante para os nossos créditos de povo civilizado, como converte em simples ficção qualquer forma de governo democrata, porque todas ellas presuppõem a existencia de cidadãos conscientes, que saibam defender os seus direitos, e cumpram honestamente os seus deveres cívicos.

Sem opinião publica esclarecida, o Governo, seja qual for o seu rotulo, ha de ser fatalmente uma dictadura, mais ou menos disfarçada. Povo inculto, não passa de tímido rebanho, sempre obediente á voz de um pastor.

Diffundir, portanto, largamente a instrução, é o mais elementar dever de um Governo republicano.

Além disso, a crassa ignorancia do nosso povo tem sido um dos maiores obstáculos ao nosso surto economico, uma das causas do desaproveitamento de tantas fontes de produção, intelligentemente exploradas em outros paizes menos favorecidos pela natureza.

E' vezo nosso incriminar o *bacharelismo*, e apregoar as vantagens de uma instrução essencialmente pratica.

Confesso que nunca pude saber que mal pôde causar a um paiz ter um exercito de doutores, desde que elles não sejam *indútils*, e não considerem o seu titulo como uma especie de carta de nobreza, que lhes assegure uma inscripção no orçamento do Estado, e sim como uma ferramenta de trabalho, que torna mais productivo o seu esforço, alargando a esphera dos seus conhecimentos, ensinando-lhe meios de remover obstáculos que aos leigos parecem insuperáveis.

A *theoria* é tão necessária como a *pratica*: o *empirismo*, não é menos prejudicial do que o *scientismo abstracto*.

O braço que produz, deve ser dirigido pela intelligencia cultivada: já Virgilio exclamava nas "*Georgicas*": *felix qui potuit rerum Cognoscere causas*.

Antes do *rumo ao campo*, precisamos fazer *rumo á escola*.

Lus, mais luz, são as ultimas plavras que a lenda attribue ao genial poeta allemão, que a sua geração considerava um *semi-Deus*. *Escolas e mais escolas*, ^{seja} um dos pontos fundamentaes do nosso programma.

Sensualismo ou *animalismo*. A immoralidade publica no Brasil, e principalmente nesta cidade, não é, infelizmente, "*uma invizível chaga cancerosa*"; ao contrario se exhibe tão audaciosamente, que parece que nós a consideramos um invejável titulo de gloria.

O *pudor*, que, nas sociedades civilizadas, é a aureola brilhante que envolve a mulher, tornando-a quasi divina, já vai sendo considerado uma antiquilha. E as nossas moças outr'ora tão timidas, tão ingênuas, tão, meninas, têm o extranho capricho de parecer o que ellas, mercê de Deus, nunca serão, e imitam as ousadas heroínas dos cinemas, esquecidas de que a *americana do cinema* é apenas um producto de exportação, e que, mesmo que fosse real, não poderíamos imitar porque é muito diversa a educação dos dous povos, e muito mais profunda é ainda a differença das duas raças.

Assim procedem, não por inclinação natural, não porque se sintam bem nesse meio tão contrario ás tradições da familia brasileira, mas unicamente por *snobismo*. P^{ra} parecer sufficientemente elegante, e não perder o direito de figurar no *glorioso* cortejo dos trezentos de Gedeão!

E' também por servil imitação, que barbarizamos a *musica* e acanalhamos a *dança*.

Isto que commettemos a profanação de chamar musica é um brutal attentado contra o bom goso e contra a civilização: não é harmonia, não commove, não eleva a alma; faz barulho, tordôa, excita os nervos, dá uma apparencia de vida a esses pobres irrógynos, que percorrem a cidade como Narcizos enamorados da própria belleza, quando, na realidade, elles são tristísimos testemunhos do abastardamento da nossa raça.

E a dança, segundo uma autoridade de irrecurzavel valor, porque é uma, senhora áinstinctissima, que brilha como astro de primeira grandeza nos nossos centros litterários e nos nossos mais elegantes salões,

é um mixto de *cateretê* africano e de *dança de São Guido musicada*, é uma vingança do escravo contra os descendentes dos seus antigos senhores.

Nas perversões do senso moral, se verifica, mais do que em qualquer outro phenomeno social, a exactidão do preceito biblico — *abyssus abyssum invocat*: se não reagirmos energicamente contra a dissolução dos costumes, se não restaurarmos a velha moral que o divino mestre pregou ha vinte séculos, iremos descendo de degradação em degradação, até que mergulhe no lodo uma nacionalidade que podia aspirar aos mais gloriosos destinos.

Nesta campanha saneadora não poderemos prescindir do auxilio da Imprensa, e dos expoentes máximos da nossa litteratura, porque elles poderão combater efficazmente a causa do mal, mostrando que a vida domestica não é incompativel com a elegancia, e que no lar ha muito encanto, muita doçura, muita poesia.

Porque o finíssimo ironista, que descobrio o *Jeca Tatú*, e que figuraria com destaque entre os grandes humoristas do mundo se não escrevesse em portuguez, não enriquece a nossa litteratura com ura romance, cuja heroína fosse uma das nossas "desageitadissimas caipiras", já convertida em *dona de casa*, vivendo abnegadamente no lar, não tendo outra preocupação que não seja assegurar o bem estar da familia, a felicidade do marido e dos filhos?

Porque o subtil psychologo que desvendou os segredos de uma "Esphinge", não nos presenteia com uma "Maria Bonita", civilizada, deslumbradora pela aureola da virtude, dessas cujo olhar translúcido "os temporaes serena"?

Porque o eminente escriptor, de quem tenho a honra de ser patricio, não escolhe para heroína de um romance uma dessas almas lirias, que atravessam a vida como as garças atravessam os pantanaes, sem nunca macular a alvura de suas azas?

E não appello para os festejados litteratos que me destes por companheiro de jornada, porque elles já me asseguraram a sua preciosa collaboração nessa ardua campanha pelo saneamento dos costumes, e pelo integral cumprimento dos nossos deveres civicos.



"A COLMEIA"

O que eu, mais admiro no espirito realizador de S. Paulo é esse saboroso silencio com que o extraordinário obreiro da moderna civilização brasileira alli está desafiando os rumores embriagantes e estereis do cabotinismo de alhures entregue, com um devoto, incomparável ao seu culto supremo de belleza e de harmonia.

Commovem-me esse alheimento, esse desprendimento, esse robusto pensamento idealista, que não procura nos applausos immediatos e fáceis o alicerce do estimulo, que não necessita de falsos excitantes para pôr em jogo as suas energias, e que as exercita, as dirige, as transforma em grandes valores, independentemente, por um impulso elevado e proprio.

Tal attitude não passa certamente de-saperecebida aos que, mais interessados pelos phenomenos mentaes e estheticos tia nossa nacionalidade, e porventura mais bem dispostos de animo, se detenham na observação deste ambiente, onde a tela bizarra dos dias se reveste de penumbra convidativa á meditação e ao dynamizado, açula os homens para o trabalho e á confiança mutua.

Seria injustiça gritante, despeito inominavel e evidentemente inútil a negação da primazia de S. Paulo na construção da nacionalidade contemporânea.

Sob o aspecto particularmente intellectual, a sua contribuição para o renome da arte brasileira, de tão diaphana, está ao alcance de qualquer intelligencia mediocre, ainda não ferida pela cegueira bruta do jacobinismo...

Explica-se a verdade de semelhante afirmativa no refinamento de almas, na especialização de cultura mental que aqui se realisam, no com ivio permanente de raças seleccionadas, sob atmosphera que nos chega singularmente saturada de fortes pensamentos, subtile vapores do passado em cuja secreta virtude se alimentam as almas e os corações.

Em tudo isso pensei, achando-me, outro dia, entre alguns artistas, naquella risonda "Colmeia", suspensa a um canto da rua José Bonifacio, amavel encontro de

poetas e pintores, de escultores e músicos, sob a direcção de Benjamin de Garay, argentino de procedencia, mas brasileiro, paulista, de sensibilidade e de acção.

Eis ahi um dos núcleos intellectuaes destinados a accentuar o esplendor da arte indígena, a engrandecer o destino de S. Paulo na formação do pensamento artistico collectivo.

Porque, é necessário que seja dito, esse agrupamento de creaturas profundamente empenhadas em servir á vida espiritual da capital artistica brasileira, reúne em si qualidades positivas de triumpho sendo como é, constituído por intelligencias de escol, disciplinadas e superiormente alheias aos pequenos enredos que de commum envenenam e anniquillam os surtos do espirito, entre nós.

Naquelle adoravel jardim de trabalho, que a brisa da inspiração incessantemente acaricia, protegido dos perigos da tempestade soprada pela maledicência dos homens, todas as abelhas são irmãs, e de outro mister não cuidam que do de adoçar a amargura da vida com o favo bemdito do trabalho e da illusão. E a colmeia vae, dia a dia, prosperando e sorrindo.

Na simplicidade do seu aspecto bohemio, que passante assaz agudo e curioso poderia adivinhar o mundo de idéas e o já esplendido conjunto de realisações, guardados furtivamente ao alcance do conhecimento publico, para futuras exposições, livros de amanhã, symphonias de uma época talvez remota, mas sem duvida glorificadora de tanto esforço?

Comtudo aquelle que ali entra, e repousa na companhia discreta de semelhantes benedictinos, sente que a convicção da grandeza de espirito de S. Paulo se lhe torna mais enraigada, mais clara e como que mais risonha.

A mocidade paulista prepara, em silencio, porém, com entusiasmo fecundo, a grande colheita, de que se orgulharão as gerações successivas, quando se houver de volver os olhos e assignalar o motivo do extraordinário esplendor que nos está reservado.



Muito me alegraria se no semear dessas desvanceadoras menses de sonhos, na persistência desse abençoado sacrificio pela belleza fosse ella imitada dentro da immensa e displicente officina que é o territorio nacional.

O que importa é que ella ahi está ensinando a melhor maneira e a arte mais efficaz de não ser letra morta no pensamento indigena. Della, não tenho receio algum de affirmar-o, ha de sahir para a historia artistica e literaria do Brasil a mais ardente e a mais elevada pagina do espirito e da sensibilidade da nossa raça de idealistas.

Pôde parecer que exagêro.

Mas, ahi estão para não deixar-me sem defesa, os exemplos dessa pleiade interessante de jovens brasileiros cujos nomes, em sua maioria, já transpuzeram o amavel e silencioso recinto de trabalho para se imporem á admiração do grande publico paulista.

Citarei, ao acaso, alguns dos artistas dessa generosa colmeia: Paulo Gonçalves, um victorioso no theatro (quem se não lembra, entre nós, do successo de "1830"?); Cleômenes Campos, cuja estrêa com o "Coração encantado" o collocou definitivamente entre os mais poetas dos nossos aedos; Bernardino Pereira, o admiravel interprete da nossa natureza, pintor altamente brasileiro; J. Prado, que

Monteiro Lobato descobriu, illustrador, a caminho de renome na America do Sul; José Cucé, escultor de verdade, com raios de salento nas mãos creadoras; Aristides Avila, romancista de idéas em vias de trazer a lume o seu "Frei Tranquillo". Humberto Cozzo, em cujas esculturas se adivinha o mestre de amanhã; Marcello Tupitiambá, o victorioso autor de "Flor de maracujá", que acaba de concluir uma serie de canções brasileiras, inspiradas e frescas, de um sentimentalismo enternecedor; e outros, e tantos outros... E, porque não citar Pamplona e Etchebehere, os hábeis cinematographistas que acabam de realizar a mais audaz axentura cynegética, filmando o abrupto sertão paulista, surprehendendo nossa curiosa fauna e o rastro de cidades desaparecidas?

Com todos esses elementos, aquelle alegre centro de actividade da rua José Bonifacio, só não triumphará, só não encherá de extraordinário brilho a ascensão da vida paulista, por um milagre perverso dos deuses.

Esse milagre seria impossivel. Os deuses nunca estiveram mais satisfeitos do que agora com os seus crentes, nesta terra de trabalho e de sonho.

Corrêa Júnior

("Gazeta de Noticias", Rio).

FRANCEZISMO

Ninguém nega que temos muito que aprender com a França: unicamente se affirma que não se estuda de joelhos, nem de rojo, na postura do adorador, do escravo, do cão servil ou do farrapo inútil.

Lembremo-nos de que a França também pôde aprender connosco algumas utilidades importantes e, entre ellas, a mais importante de todas, que é viver e durar. A França definha, seccas ou quasi seccas dentro de si as próprias fontes da vida, e isto paredes meias com uma grande nação rival — prolifica, expansiva e aggressiva. Juntou-se agora o mundo inteiro para a salvar, e salvou-a. Basta que o mundo inteiro se não coligue amanhã em seu favor, para que ella

se perca, basta muito pouco: basta que já esteja, então, menos viva do que hoje, o que é fatal; e que o seu douto inimigo se revele menos estúpido que hontem — o que também pôde acontecer.

Caminhamos, caminha a Europa e, talvez, o mundo inteiro, para novos embates de raças e nações, corolário fatal de prévias lutas civis e guerras de classes, espalhadas e ferozes. O europeu, germano ou latino, entrematar-se-á, depois de se ter entre-saqueado. Dizimado, arruinado, enfraquecido, animalizado — que resistencia pôde offerecer ao Tártaro, que a França armou e militarizou com o seu dinheiro, e ao Árabe, que ella europeizou com a sua colonização sem colonos?



Bem vejo que perante o possível avizinhar de taes furacões e de semelhantes dilúvios, a discussão sobre galicismo e lusitanismo fica parecendo pueril. Transportemo-nos então em espirito ao dia de Juízo Final, e veremos quem lá faz melhor figura de campeão e semeador da Latinidade: se o admiravel francez, com as suas Martinicas e Guadalupes, quasi invisíveis no mappa, se o portuguez desprezível, que latinizou com o seu sangue e a sua lingua continentes vastissimos. A França pôde rir-se á vontade, como grandemente faz, dessas novas florescências e pululantes germinações latinas, a quem chama com desdém *pays-ehands*: nem por isso, fica menos exacto que toda a America do Sul mammou o leite da velha Loba, e que ali' temos, graças a Portugal e Hespanha (que não á França), a mais certa certeza de continuidade do génio latino, através do espaço e do tempo.

A ficção politica actual da Europa é a Anarchia signal certo de que se prepara de novo o reinado da Força. Por toda a parte ouvimos lamentar a pequenez dos políticos, prenuncio fatal de que não tarda iahi o governo dos grandes generaes. Os homens querem febrilmente ser felizes, os pobres imaginam que vão ser ricos, a cobiça gera a preguiça e o appetite condensa-se em odio. A paz materialista conduzirá sem remédio ao idealismo da guerra. Agoniza o trabalho, que só resurgirá sobre as ruinas semeadas pelo saque. O operário será soldado, e, como sempre, suppondo militar para si, conseguirá apenas destituir os seus fracos patrões de hoje, para promover em campanha o amo forte de amanhã. A Europa não se encontra doente, nem moribunda: está apenas physiologicamenti' grávida do seu futuro grande chefe.

Esperemos, primeiro, que esse chefe virá a tempo de vedar á Tartária, á Mongolia e á Mauritania o caminho dos nossos campos e casaes. Esperemos, depois, que elle seja latino como Julio Cesar; que seja portuguez como Affonso de Albuquerque, ou hespanhól como o

duque d'Alba, ou francez como Bonaparte e Gaüieni. Esperemos, emfim, que o latinismo perdure ainda por longos séculos, como o christianismo, desde quasi dois mil delles, e como o judaísmo vae perdurando a seu modo ha muitos mais.

E continuemos, *sub specie aeternitatis*, a ser latinos, e a querer sel-o, porque é essa a nossa mais antiga tradição e, talvez, a nossa primeira ou verdadeira natureza. Mas sejamos latjnos a valer, e não apenas míseros sub-latinos á arreata da França, com antojos, como os dos burros, que nos não deixam ver bem a latinidade hespanhola e italiana, e muito menos a extra-latinidade de saxões, germanos, scandinavos e slavos. Ignoramos, muitos de nós, até a existencia dos Benavente, dos Pereda, dos Gasset, dos Valle-Inclan, e de tantos outros grandes artistas ou pensadores castelhanos. Os poetas, novellistas, dramaturgos e philosophos contemporâneos de Italia valem tanto para quasi todos nós como se nunca tivessem nascido: só conhecemos os scmi-francezes TVAnunzio e Ferrero, porque escrevem francez, ou porque a França os traduz. Sabemos de côr e saltado a politica franceza, e nada nos consta do mundo, de alterações, de ameaças, e até de possibilidades, que está por baixo da ephemeride politica de Hespanha, vizinho de ao pé da porta, que o devia poder agitar-se no seu leito, sem logo nos cortar o nosso somno. E a historia, a vida social, economica, politica, da Hollanda ou da Bélgica, da Suissa, da Dinamarca, da Suécia e da Noruega, continuam a ver-nos tão alheias, como se estivessem situadas na Via-Lactea, e não na Europa, todas essas nações, que são enxames de abelhas ajuizadas, nobremente teimosas em viver por si, de si e para si próprias, na paz, no trabalho e na ordem modelar. Certo literato nosso, muito cotado, usa sempre umas calças velhas de Oscar Wilde, com grandes fundilhos francezes; mas escrevia e publicava, ha tempos, sem pestanejar, que *os poetas inglezes são viaçadores*. Phenomeno, este, que já fôra previsto e catalogado por Eça de Queiroz, quando inventou aquelle director da Instrucção Publica, muito interessado em saber se em Inglaterra também havia literatura.

Alliados dessa grande nação desde o século XIV, intimamente ligados a ella pelo commercio, desprezamos desta maneira, por crassa ignorancia, o lado espirital da sua grandeza; e, continuamos, como bons papalvos, a chamar á França o *cerbro do mundo*, apesar das revoluções universaes que têm feito á nossa vista, na philosophia e na sciencia, os pensadores e investigadores ing'ezes, inegua-laveis pela força de originalidade, e os grandes sábios allemães, e os grandes inventores italianos. . .

Tempo virá em que esta miserável subordinação de uma nação á outra — que não merece nem agradece o culto exclusivo de que é alvo — não ha de saber por mais do que uma tenue lembrança do passado. Algum dia ganharemos, emfim, a nossa Aljubarrota do pensamento e expulsaremos do governo da intelligencia nacional, noutro 1640 mais decisivo que o anterior, o insupportavel intruso.

Noutra oportunidade mostraremos o muito que se pôde e deve fazer, para chegarmos, emfim, á necessária libertação.

Porto, agosto de 1923.

Agostinho de Campos.

(O Jornal).





DEBATES E PESQUIZAS

BRANCOS DE TODA A COR

Em quasi toda a America poderiam existir dous grupos differenciaes: *los blancos* e *los colorados*.

Assim se chamam na republica Oriental do Uruguay, ou se chamavam ccm grande entono em outro tempo quando assolava a guerra civil as populações indecisas que buscavam o equilibrio dos interesses communs.

Na grande republica americana do Norte, o contraste é emphatico e profundo entre brancos e pretos que se digladiam em luta de exterminio e de morte.

No resto, de norte a sul do continente a mestiçagem das raças introduzio a indecisão e a tolerancia mutua tornando falsas, e por vezes impossiveis, as distincções de puro matiz, desde os mulatos claros aos escuros numa escala chromatica de meios tuns e comas de tom que fazem problemáticas as determinações de origem.

Accresce que a analyse em semelhante assumpto não guarda a serenidade dos estudos objectivos, degenéra facilmente em desaforos e insolências incomportáveis para as victimas *in anima vili* do methodo experimental.

O nosso governo, é sabido desde muitos annos, riscou(e fez bem em riscar) das listas de recenseamento o estigma da cor. Ninguém mais é preto nem pardo: são todos brancos.

Por outra parte e como compensação a essa obscuridade official, algo lisonjeira, começou a germinar e a florescer a doutrina de que o verdadeiro talento no Brasil, o gênio poético ou a supremacia intellectual é um privilegio dos mestiços.

Todos os nossos grandes homens foram ou são de raça mestiça.

Não sei se esse euphemismo creado pela critica literaria ou jornalística pôde aproveitar aos homens de pigmento mais ou menos escuro.

Em si mesma, a coisa é verdadeira e por uma razão intuitiva: todos nós somos realmente mestiços.

Arredem-se desde já os que sentem qualquer repugnancia desse nobiliário de linhagens... Vou proseguir, com licença de Adão e Eva.

Siml os grandes homens e os pequenossão com toda a probabilidade mestiços em qualquer grão pela fatalidade do numero.

Os proprios brancos de origem portuguesa estreme resultam de cruzamentos: um pouco remotos mas que transparecem frequentes vezes em quasi todos os homens da geração nova e contemporânea.

Isso no caso do Brasil augmenta a confusão que é tanto maior quanto a inimi-gração dos italianos do sul participam da mesma coloração euro-africana ou berberica.

Afinal, com o intuito de solver todas as duvidas os que entre nós quebram lanças pela branquidade sem macula atiram-se, como gatos a bofes, a certas origens mais boreaes, a origens hollandezas, com especialidade.

Os hollandezes estiveram por trinta annos no Brasil e deixaram infinita prole, ao parecer dos genealogistas.

Isso foi no período colonial; mas realmente de prole slava e allemã, lombarda, austriaca ou saxonica devemos ter hoje em dia mais de dous milhões de brasileiros, e, pois, approximadamente um decimo da população. Esses novos brancos tendem a misturar-se com os elementos nacionaes mais antigos, numerosos e resistentes.

Dentro de cincoenta annos, a parte uma pequena fracção retro-atafica de typos negroides, teremos uma população plausivelmente mais branca que a da península ibérica.

Algumas regiões do paiz, nomeadamente do norte, conservarão por mais dilatado tempo a coloração indecisa dos mestiços de hoje.

E' o que parece concluir-se do estado actual das gentes que povoam todo o território e dos jactos de immigração espanhola, portugueza, italiana, turca (syria), slava e allemã que constituem o grosso dos adventícios e alienigenas.

A contar do começo dessas correntes immigratorias, desde a nossa independencia, o numero dos italianos sobrepuja o dos portuguezes e tudo parece indicar que a superioridade numerica será cada vez mais definida e sensivel.

A superioridade assignalada para os elementos itálicos não consegue destruir a antiga tonalidade lusitana já secularmente diffundida por todo o paiz, salvo o caso de qualquer invasão diluvial improvável.

Eis' pois, a largos traços a situação e a qualidade do *homem branco* no Brasil, com a sua coloração progressiva de ariano de boas origens.

Ha, porém, outros estorvos que não parecem insignificantes.

A caudal africana que attingio de dois a três milhões em outro tempo estiolou-se e desapareceu, mais da metade, pelo cru-

zamento em grãos differentes; e é possível avaliar-se em doze milhões de mulatos a descendencia mediata dos negros africanos e creoulos.

Assim, pois, em trinta milhões de brasileiros ha uma camada que se pôde dizer *branca* ^{três a} quatro milhões de homens, quando muito.

Abaixo destes, podemos sem exagerada phantasia, alistar uns doze milhões de homens brancos de mescla longinqua ou pouco apparente.

Esses 16 milhões de homens brancos <u quasi brancos concorrem com outra quantidade igual de mulatos, inconfundivelmente mulatos.

Claro está, não é preciso dizer agora, que esses cálculos não passam de induções legitimas desde que se considerem verosímeis hypotheses em approximação da verdade sem que se possa infirmar-os de infieis e inexactos por excessivos.

A caudal aborigine dos índios por sua vez é muito reduzida e escassa. O índio, o colono, o negro e o mulato produziram o typo mesclado e geral do caboclo.

O *tabaré*, o *mulato*, o *caipira*, o *sertanejo*, emfim, accusam essa origem mameluca de variação indefinida. Muitos delles parecem brancos, como outros p r.cem negros.

E' preciso a este proposito notar que a raça aborigine tende a perfurar as camadas posteriores e affirmar-se á tona de todos os cruzamentos; essa verdade ethnica pôde ser posta em duvida, quando nos Estados Unidos do Norte, da raça branca, o typo do pelle vermelha, anatômica e physiologicamente e até psychologicamente está a revelar-se como bolhas de ar que sobem á superficie de um liquido.

E' o clima que determina essa metamorphose? é, em todo caso, o conjuncto das circumstancias ambienciaes de cada terra, as quaes destroem a compressão das raças conquistadoras.

E' um phenomeno já obsrvado com grande precisão nos estudos etnographicos.

O tj-po de — *indio* — * Q^{ue} parece existir numa multidão considerável dos nossos patricios não inculca precisamente qualquer forte influxo da raça aborigine. E', antes, um typo natural do paiz, e mórmente de certas regiões nacionaes.



Pôde afirmar-se aphoristicamente que sem sermos índios cada vez mais pareceremos índios.

A coloração entre os proprios índios era muito variada e aqui e alli sempre se acreditou na existencia de *índios brancos*.

Deixando de parte as pigmentações mais ou menos discutíveis que impressionaram os primeiros colonizadores, não é menos verdade que o problema se impõe á attenção dos naturalistas.

Os chamados *índios brancos tupingás* ou outros, foram localizados em diferentes porções do nosso territorio.

Iyá para os lados da Amazônia e de alguns affluentes do Orinoco, vivia uma tribu dessas de compleição mais clara que, como outras, suggerio hypothèses graciosas entre os conquistadores que as conheceram e frequentaram.

Humboldt registra-as com o *humour* sceptico do naturalista que não vê no phenomeno um pouco superficial da cor entre os homens nenhum indicio monstruoso.

Nas suas viagens ás regiões equinoxiaes realizadas em companhia de Bompland, narra com escrupulosa fidelidade as impressões immediatas colhidas nos lugares que ambos perlustravam.

Diziam por alli os espanhóes que — *los índios blancos* — vinham de frequentarem os holandeses da Guyana com assiduidade aquellas paragns. Os holandeses certamente recambiariam a inesperada paternidade aos conquistadores ibéricos.

Lembre-mos do prurido das genealogias batavas no Brasil: é a mesma historia *ipsis litteris*, se não é o vezo de pagarem sempre os holandeses certas dividas que não contrahiram.

Pague, emfim, o holandês...

Outra hypothèse mais árdua que tem o sabor das coisas diabólicas e hereticas era a de que aquella brancura singular se ex-

plicava pelo cultivo da vinha do Senhor no sacrosanto serviço das missões.

A impiedade de tal opinião contra os frades e missionários deu-lhe certo êxito de vulgarização. Os padres catequistas indignavam-se contra essa gratuita calúnia; comtudo, em certas terras italianas ha individuo» (ou afilhados) que atraioam, como la dizem, o *muso de frate*.

Humboldt torce o focinho ás anécdotas impias ou absurdas, o grande sábio acha que essas variedades de coloração, trivialmente vulgares na America, possuem todos os tons, o bronzado, o amarello, o negro e mesmo o branco.

Não ha, pois, nenhum problema de paternidade obscura que discutir e resolver.

O facto chamou sempre a attenção dos viajantes e um delles ainda ha pouco em 1912, Gaspar Whitney (*The flowing road...* paginas 142 — 144) que percorreu a região septentrional da Amazônia teve a oportunidade de ver os chamados — *índios brancos*.

Assim, pois, se ainda em certas republicas hispanicas da America se distinguem nos individuos os meio-sangue, o *quartezon* e o *quintezón*, no Brasil pelo menos parecem um pouco ociosas, descabidas e talvez de máo gosto essas subtilezas da vaidade.

Branços e pretos, temol-os de todas as côres: pardo, fulo, cafús, cabo-verde, preto, branco, cariboca, caboclo, mulato, zambo, mazombo, mameluco, mulato... numa serie infinita, sem quantidade e sem qualidade, mas sempre fóra da imprudência alçada do recenseamento.

João Ribeiro.

("America Brasileira", Rio).

O CORAÇÃO DOS GORDOS

O coração nas pessoas gordas não é um coração doente. E' um coração incommodado, perturbado na sua função. E' mal comparando, como um homem que emquanto escreve ou executa outro trabalho qualquer, é incommodado por alguém, que, com

brincadeira, puxando-o pelo caso, não n'o deixe trabalhar socegado.

Essa grosseira comparação bastará para fazer comprehender que, como não toma remedios da botica para combater as brincadeiras que a distraem do trabalho, a pes-



soa perturbada por outra, assim também não deve tomar remedios proprios para o coração a pessoa gorda, em estado "normal do gordo", embora saiba que a falta de ar e outros padecimentos de que soffra sejam oriundos do coração perturbado.

No estado normal, toda gente tem certa quantidade de gordura no coração, mesmo os magros. Essa gordura reveste as artérias do coração e enche certos sulcos que existem entre o coração e o sacco dentro do qual elle se acha: o pericárdio.

Este sacco é duplo. E' composto por duas membranas, a interna que é "serosa"* e a externa, que é "fibrosa".

Ora, quando essa gordura passa os limites normaes, embaraça a superficie do coração, penetra através das fibras musculares do myocapdio. Essa gordura, infiltrando-se, entre uma fibra e outra, produz, fatalmente, o enfraquecimento das mesmas ou uma especie de "desfibrção". Essa infiltração gordurosa enfraquece as fibras, separando-as. Pois aqui também é verdadeira a divisa belga: "*L'union fait la force*".

A força do coração, sendo o resultado da somma da força de cada uma de suas fibras, um coração com fibras fracas, invadidas pela gordura, é, por consequenda, um coração fraco, sem ser um coração doente, porque destruindo a gordura pela dicta e pelo exercicio, elle volta "a ser, quem dantes era".

Dissemos que a dieta e o exercicio destroem a gordura.

Aqui está ura ponto impertante. E que será dos infelizes que uma errônea orientação medica obriga ao repouso, justamente por causa do coração? Naturalmente, a gordura continuará a invadir e os pacientes, mesmo em repouso, continuarão a caminhar para o abysmo...

Além da infiltração gordurosa que o enfraque cada vez mais, o coração dos gordos se acha comprimido pela propria gordura e não pôde, livremente, exercer a sua funeção. Para produzir o trabalho necessário, que satisfaça ás sollicitações do corpo, é preciso, pois, fazer esforços cada vez maiores. E eis o par doxo da vida dos gordos: um coração cada vez mais fraco obrigado a trabalhar cada vez mais!

A essas duas cousas, já por si tremen-

das, junta-se uma terceira, devido á plethora abdominal. Os gordos, todos sabem, têm ventre muito volumoso. Os profanos imaginam que aquillo tudo seja esmago e intestinos colossaes. Nada disso. Aquilio é gordura. E foi com verdadeira surpresa que nós vimos isso quando assisimos á primeira abertura de uma cavidade abdominal!

Tratava-se de uma senhora parda, Jordissima. Quando o operador fez a "laparotomia", ao cortar a parede anterior do abdome, offereceu-se aos olhos dos espectadores uma camada de gardura da espesura, approximadamente, de dez centímetros! Uma servente, recém-vinda do interior, não se conteve e exclamou:

— Chiiil... Os porcos têm o toucinhas nas costas, a gente o tem na barriga!

Qual é, para o coração, a consequência de um grande abdômen, distendido pela gordura? E' a deslocação do órgão. O coração repousa, como se sabe, sobre o diaphragma, que é uma especie de cupula tendo o vertice na cavidade thoracica e a base na cavidade abdominal. Está claro que, quanto mais a base se alarga, tanto mais o vertice se abaixa! Aos que têm noções de geometria, será muito fácil imaginar um triangulo cujos lados, de comprimento determinado, obrigado a se afastarem, pelo alongamento extraordinário da base, fazem abaixar continuamente o vertice até cahir sobre a mesma base, e, nesse momento, o triangulo ficará reduzido a uma recta, confundindo-se com a antiga base do triangulo.

E' o que acontece com o diaphragma das pessoas gordas: A cupula acaba por se confundir com o plano da base. E, uma vez transformada em plano, o coração que sobre elle repousava ficará deitado, isto é, de obliquo, quasi vertical, que era, torna-se absolutamente horizontal!

E' a "*Horizocardia*", de Rummo de Nápoles.

Esse facto traz a torsão do coração e, portanto, ainda melhor liberdade de movimentos. Ora, é preciso saber que é pelos movimentos que o coração se chama "*CO-RAÇÃO*", isto é "pulador", "krid", "kurd", em Sanscrito (Pictet).

Dahi é fácil comprehend-se a importância que tem para esse órgão propulsor



de sangue e de vida, a liberdade de movimentos e a grande perturbação que a sua falta traz na gente gorda!

Essas tres cousas juntas dão em resultado os seguintes phenomenos que se verificam nos gordos: Respiração curta e superficial, dyspnéa (falta de ar), quando fazem qualquer esforço, tosse, e catarrho devido a um estado congestivo do pulmão, edema dos membros inferiores.

Esses phenomenos, em estado mais ou menos adeantado, existem em todos os obesos.

Coniprehende-se bem que não deve ser com tonicos cardiacos e com os cardiocinéticos que se deve combater a falta de ar, a inchação dos pés das pessoas gordas, e que não é com xaropes que se lhe deya combater a tosse e o cartarrho bronchial!

E' preciso frizar bem este ponto porque, infelizmente, erros desses se praticam todos os dias.

Todos esses padecimentos dos gordos desaparecem com o desaparecimento da gordura excessiva.

Note-se bem: "Nós estamos tratando do "coração nos gordos", isto é, dos soffrimentos que as pessoas gordas têm normalmente, sem doença alguma, propriamente dita.

Para diminuir a gordura ha duas cousas reaes: comer menos e trabalhar mais.

Como "regimens" existem os de Oertel, Schroth, Karell, Guelpa, etc., que são todos mais ou menos aproveitáveis, desde que exista boa vontade por parte do paciente.

Praticamente, nós verificamos que nem sempre é questão do regimen e nem mesmo questão da boa vontade do doente. Muitas vezes são as condições sociaes que não permitem ao paciente curar-se da gordura, principalmente em se tratando de senhoras.

Dr. Nicolau Ciancio.

("Jornal do Brasil", Rio).

A ACÇÃO DOS PODERES PÚBLICOS NO VALLE DA AMAZONIA

O trabalho conjunto dos ministérios — das Relações Exteriores e o da Agricultura — sob a vigilanca do Sr. presidente da Republica, sobre o meio de desenvolver o cultivo intenso e intelligente da borraça, facilitando, deste modo, a entrada de capitães, principalmente de americanos, vai marcar uma nova era na historia economica do Brasil.

Pela simples substituição dos impostos de exportação, para o de capital, obedecendo a uma porcentagem fixa, determinada, o Sr. Arthur Bernardes facilita a abertura dos diques da Amazônia, até aqui fechados, economicamente falando, ao commercio mundial.

O entendimento cordial entre as duas nações mais importantes deste continente é de tal valor, de tão grandes consequências, que só é dado aos homens de visão aferirem os seus magnos effeitos.

Este accordo é acompanhado de medidas sabias, que irão facilitar a entrada de capitães de que tanto preconisamos, acompanhado de pessoal apto e experientia provada, na região das indias, sob a

soberania da Inglaterra e da Hollanda.

Quando, pela primeira vez, se agitou a idéa no Brasil, no momento psychologico, da situação em que iam se collocar os grandes consumidores de borraça, neste paiz, creada pela lei Stevenson, tivemos occasião de conferenciar com dois representantes dos mais importantes cultivadores de borraça no Oriente, e delles ouvimos, calculadamente ou não, que o grande impecilio para o renascimento dessa industria, aliás nativa no Amazonas, estava justamente na alta da mão de obra naquelle valle.

Pois bem, este phantasma, qual cavallo de batalha, em que elles se apoiavam, graças á acção clarividente dos dois ministérios, acaba de ser solvido com o apoio franco dos governadores do Amazonas e do Pará — aceitando o braço asiatico.

Parecerá uma chiméra o que vamos adiantar, mas que se vê claramente despontar no horizonte, isto é, que era menos de dez annos, uma grande transformação ter-se-ha de operar na Amazônia,



formando um centro de irradiação commercial como nunca visto no Brasil. As cidades de Belém e de Manáos, e outras que se fundarem, constituirão o emporio, não só do grande valle, como dos territórios do Perú, Bolívia, Colombia, da própria Venezuela. Nesse desenvolvimento o nosso proprio sul terá de se equilibrar, com o norte, pelo lado economico. E quanto ás índias a sua quêda ter-se-ha de dar, mais dia menos dia, pela simples lei da offerta e da procura.

A immigração affluirá em massa, em proporções de assombrar a nós mesmos. Milhões e milhões de arvores de *Hevea Brasiliensis*, que ali têm o seu *habitat*, serão cultivadas com máximo esmero; desde a boca do Amazonas até áquellas zonas, cujas distancias offereçam base de fácil transporte. Intelligentemente drenadas, em beneficio dos que têm de ali mourejar, para sua existencia, conforto e felicidade. Toda essa vida monotona, artificial, por que até aqui tem passado o seringueiro amazonense, terá de desaparecer, pela facilidade de transportes por agua e por terra. Cultivadores de borracha e de generos alimentícios obterão, deste modo, a devida compensação pecuniaria na proporção de seus esforços. Trabalharão como homens livres e não como escravos, como o têm sido até aqui.

Teremos escolas de primeiro e segundo grãos, hospitaes, campos de experiencias, grandes entrepostos commerciaes, parques de diversão, theatros, cinemas, etc., para o corforto, educação e felicidade dos que ali forem viver á sombra de nossa bandeira, sempre hospitaleira.

Estamos prevendo, com a maior segurança, estas transformações, no valle da Amazônia, pelo estudo das photographias que nos foram ministradas pelo Sr. Stewart Hothkiss, presidente da *General Rubber Company*, com plantações gigantescas em Singapura, Java, Sumatra, Ceylão, etc., tão bem cuidadas como as nossas melhores fazendas de café em São Paulo, Minas, Rio de Janeiro e Paraná. Verdadeiras organizações agricolas que nos vieram á lembrança, o *Guatapará*, o *Chapadão*, as fazendas-modelo de F. Schmidt, Carlos de Magalhães e outras, servidas pelas estradas *Paulista*, *Mogyana* e *Sorocabana*. Toda essa transformação

podendo ser levada a effeito em menos de dez annos!

Até aqui prevaleceu no espirito de muita gente que os climas tropicaes não se adaptam á vida do homem branco. Engano manifesto. Tanto se vive bem no norte como no sul do Brasil. Tudo dependendo de cada um adaptar-se ao meio em que vai viver.

Com os grandes serviços prestados pela hygiene, na Luisiania, Cuba e Panaaná, dizia-nos o saudoso Roosevelt: "Póde-se viver tão bem no Panamá como aqui", apontando-nos o bairro de Oyster Bay, em Nova York.

Santos foi, em outros tempos, como o Rio de Janeiro, o foco da febre amarela. Culpavam o clima, a alta temperatura, quando a oausa principal, única, era a sujidade exposta á vista do publico, nas duas cidades. Graças, porém, ao trabalho homérico de Emilio Ribas, em São Paulo, e do inolvidável Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, a febre desapareceu por completo das duas cidades.

O governo brasileiro, aceitando, de braços abertos, a cooperação do asiatico, pelo qual tanto se interessa o capitalista americano, mórmente o chinéz, irá resolver o problema do salario, como já dissemos acima, equilibrando-o com o do nacional, tanto na industria da borracha como na agricultura.

O chinéz é sobrio, trabalhador, diligente, pacifico. Foi o braço direito dos primeiros agricultores americanos na Califórnia, contribuindo, ao mesmo tempo, para a construcção da estrada de ferro de S. Francisco a Omahá.

Na opinião do Sr. St. John, presidente da *National Surety Company*, não consta quaxquer abuso de confiança commetido pelo chinéz. E nós mesmos tivemos informações que a direcção de muitos bancos japonezes está entregue a chinezes. Attribue-se esse traço de seriedade á vida tranquila que elle leva, e ser, ao mesmo tempo, fatalista..

Para o valle da Amazônia desenvolver-se só lhe falta redea solta. Todos os elementos lhe favorecem. Em muito pouco tempo porá, no devido logar, todos os seus concorrentes.

Nova York, 1.º de Agosto de 1923.





NOTAS DO EXTERIOR

O ESFORÇO INTELLECTUAL DO BRASIL CONTEMPORÂNEO

A península ibérica, que creou o "D. Quixote", creou também os "Lusiadas". No idealismo latino qual desses dois poemas é o maior? Quixote teve de lutar contra a organização policiada das cidades, a barreira dos caminhos, as reacções dos "pueblos". Elie embarcou na caravela de Gama e lá se foi com Cabral em busca da Dulcinéa de Toboso na America do Sul. Acompanhou-o uma força latina de cohesão, de construção e de cultura. Era o jesuíta.

Desapparecido o império romano, a igreja catholica herdou-lhe o espirito de organização e de conquista. O ultimo legionário, ao contrario do que informa a historia, não parou nos limites latinos da Rumania. No século dezescis, foi lançar no Uruguay as bases das suas "Missões", e fundou, no Brasil, a cidade de Piratininga, que devia engendrar a força e a riqueza de S. Paulo de hoje.

Houve, pois, na formação inicial do Brasil, tres elementos diversos: o Índio, o portuguez e o padre latino. O negro veio da Africa, pouco tempo depois.

Reconhecendo a efficacia da fé no bom êxito das suas cinprezas, o portuguez, que, sósinho, logrou resistir ao missionário, deu-lhe, nas primei-

ras assembléas do continente descoberto, uma ascendencia preponderante. O indio polytheista não tardou a aggregar um novo deus A sua mythologia, e o negro, habituado a ver em tudo manifestações sobrenaturaes, deixou-se baptisar com uma alegria de creança. l'assac pela memoria os nomes das montanhas, dos rios, das cidades do Brasil, e vereis que o calendário romano é pobre de santos para fornecer patronos aos páraínos sem limites.

Este phenomeno do domínio intellectual do padre latino na formação da sociedade sul americana, contribuiu, mais do que se pensa, a afastar delia os perigos das heterodoxias futuras. A escolastica constituiu, pois, muito naturalmente, a semente do pensamento brasileiro. Ainda lioje cila continua a sua longa carreira na Faculdade de Phllosophia e Letras de S. Paulo, nos seminários e nos collegos dos estados confederados, sendo actualmente a base da cultura de Alexandre Corrêa. Mas ao lado delia, um movimento nacional achou a sua expressão superior, no começo deste século, na obra do philosopho Farias lirito. Dois livros precedem, como documentos, a obra do mestre Farias Brito. Refiro-me ás "Religiões do Rio", de João do Rio, que



trouxe para as letras brasileiras um contingente pittoresco, e o "Meu Fios sanctorum", de Severiano de Rezende, que é o romantismo do pensamento catholico. A obra de Farias Brito não tem nenhuma relação com estes curiosos ensaios e se podem ser citados ao lado do esforço metaphysico deste philosopho, occorre isto sómente para demonstrar a mentalidade expectativa do Brasil por meio de graphico, que se pode continuar nestes últimos annos pela obra de Jackson de Figueiredo, Renato Almeida, Castro e Silva, Nestor Victorio, Almeida Magalhães, Xavier Marques, Perillo Gomes e Tasso Silveira. Farias Brito foi orientado por uma alta cultura. Elie appareceu no tempo em que as duas mais celebres correntes de importação que nos dirigiram, a dos germanistas de Tobias Ilarret e a dos positivistas de Teixeira Mendes, imprimiram llll terceiro movimento, que deixo de considerar como uma corrente, tão flagrante é o seu exotismo. Nas faculdades de São Paulo e de Recife, os lentes pregavam o scepticismo pseudo scientifico sabido das escolas deterministas de direito da Allemanha e da Itaiia, emquanto Farias Brito, modesto e ignorado, exprimia, na faculdade do Pará, o impulso anonyino da fé pantheista da nossa raça.

A primeira parte da obra de Farias Brito é uma bella critica das psychologias nihilistas da Inglaterra, da França e da Allemanha. Elie busca, sobre a "base physica do espirito", estabelecer uma psychologia autlenticca, para levar mais longe suas indagações, e pouco depois, no mundo interior.

O deísmo ganha abi todas as seducções de uma natureza que não lem necessidade de exegese: Deus é a energia presente em que a idéa e a realidade se confundem. O mundo é sua actividade intellectual. O mundo é Deus que pensa.

Um exemplo da nossa curiosidade intellectual e critica pôde ser dado pelo livro recente do sr. T. L. Penllo, publicado em francce, editado por Felix Alcan, e que exprime bem o logar do

pensamento brasileiro perante o intuitionismo de Ilenry Bergson.

Roquete Pinto, no dominio da ethnographia, illustra a obra da catechese, restaurada na época presente pelo general Ilondon, de origem indiana, que approxima da clvilisação do Rio, São Paulo e de outras capitães uma vasta região onde se Insulavam tribus esquecidas.

Uma das faces da nossa historia, a da conquista e da fixação geographica operadas pelos bandeirantes, que, em busca do ouro, demandavam o interior, sabido de S. Paulo, occupa o espirito do sr. Washington Luis, que é um excellent biographo. O sr. Alfonso Tauxay faz também elucidacões e criticas do passado dos exploradores paulistas; e as fronteiras do sul inspiram ao sr. Fernando Nobre um livro muito documentado.

O sociologo sr. Oliveira Vianna, estudando os costumes, as tradições e OH panoramas psychicos, estabelece u these do nosso idealismo, opposto ás realidades da terra. Com effeito, d. Quixote, atravessando o mar, não esqueceu as suas leituras. Elie gosua, até ao desvario, os romances de cavallaria, os sonetos, os bellos nomes preciosos e as proezas ideaes. Assim, pois, a literatura brasileira accompanha primeiramente uma linha descendente, que parte das imitações do clasicismo Ibérico, para esbarrar no esforço nacional de Machado de Assis. E' ahl que cila começa a ter uma realidade superior ao mesmo tempo que nacional.

Verdade é que o sentimento brasileiro de annunciava já nos cantos coloniaes de Brasília da Gama, no instinto Indianista tio nosso poeta Gonsalves Dias e na lingua pittoresca de José de Alencar. Ilavia mesmo nos romances deste ultimo o esboço de typos que poderiam servir ainda hoje de base psychica á nossa literatura. O aventureiro Iljuredano, Izabel, Rogério Dias, o explorador de minas illusorias, são verdadeiras "bandeiras" das nossas preoccupações creadoras. Mas ao lado dessas realidades havia o



Guarany idealisaelo e falso, Iracema, verdadeiramente chateaubrianesca.

O portuguez boquiabriu-se deante da natureza do inundo descoberto, e para exprimir o seu enfuslismo, recorreu aos seus conhecimentos greco-latinos. Alencar não foi um desses bons colonias que escreveram nossos primeiros poemas, misturando o astucioso Ulysses e a divina Aspasia com os côcos e com as bananas... Mas não logrou libertar-se da influencia de importação que vinha ampliar o scenario dos novos paramos. A reacção contra a loquacidade sul-americana operou-se no lrasil por intermédio do sangue negro. O negro é um elemento realista. Isto observou-se ultimamente nas industrias decorativas de Dakar, na cstatuaria africana, posta em relevo por Picasso, Deraín, André Lothe e outros artistas celebres de Paris, na anthologia, tão completa, de Dlaise Cendrars. De resto, elle, que vinha da Africa, não podia maravilhar-se deante da nossa paizagem. O portuguez, ao chegar, fazia sonetos, e o negro, por seu turno, afim de expressar suas alegrias ou suas maguas, rufava nos urucungos...

Machado de Assis, branco de epiderme e cumulado de louvores pelos brancos, obteve equilibrio, devido ao seu sangue negro.

Nos seus romances, que são, de resto, nossas melhores obras de ficção, não ha um desvio inútil de paizagem, nenhuma gafa lyrica. Esse escriptor, porém, encerrado nas suas fuucções burocráticas, no Rio, não poude apanhar todo o horizonte do paiz. Ima excelente contribuição, entretanto, trouxe-nos um homem de sciencia, Euclides da Cunha, escriptor poderoso, engenheiro e geologo, que, como official do exercito, fez parte na repressão de uma revolta mystica que convulsionou o listado da Rahia; e elle fixou no seu livro, "Os sertões", o scenario, a alma e a vida daquella população oriunda do aventureiro e da mestiça.

A contribuição de materiaes destinados a uma literatura nacional definitiva foi fornecida por Inglez de Souza, que fez um riquíssimo quadro das

sociedades amazônicas, por Afrânio Peixoto e pelos naturalistas Aluizio Azevedo e Julia Lopes de Almeida.

Afrinio Peixoto é o medico que penetrou llo interior do paiz. O caracter audaz da moça do sertão, esboçado por outros escriptores, foi estudado a fundo pela sua observação tanto clinica como adivinhadora. "Fruta do Mato", que elle criou, é um dos typos femininos mais interessantes das nossas letras.

Já se vê abi o que deveria ser, mais tarde, Alba Regina no drama da capital americana, produzido pelo lyrisllo actual de Menotti Del Picchia. Por outro lado, Graça Aranha tratava, antes de lodos, do problema das novas immigrações da Europa. Em "Clinaaan" está desenhado e completo o romance da fadiga européa, a contrastar com aquelle amplíssimo territorio, onde ha toda a liberdade e onde são possiveis todas as regenerações. Aqui também a mulher se dirige pelo caminho do immlgrantc.

Uma série inteira de escriptores estava a preparar o romance de hoje. Por outro lado, o sentimento annuciado pelos longinquos poetas que tomaram parte na tentativa da independencia de Minas, afastava-se, pouco a pouco, dos moldes clássicos de Portugal, tão bem defendidos pela cultura lusitana de Gonçalves Dias. Produzia-se então um pouco por toda a parte, nos cantos negros, nos cantos caboclos, para se diluir, na ingenuidade primitiva de rythmos pobres, em Casimiro de Abreu. Este é o primeiro cantor da nossa melancolia de raças exiladas llo melo de um paraizo mal conquistado. Os melhores cantos de amor, cheios dessa tristeza, fel-os o seu successor Olavo Itllac.

Estabeleceu-se outra corrente: a das villas nascentes, que começaram a reflectir os movimentos poéticos europeus. E' Alvares de Azevedo, que reproduz Lord ltyron; é Castro Alves, que imita Victor Hugo; são Alberto de Oliveira, Emilio de Menezes, Raymundo Corrêa e Francisca Julia, que adoptam os processos da métrica rigorosa do parnasianismo fran-

ecz. Felix Pacheco traz sua contribuição revolucionaria. E depois de Cruz e Souza e Alphonsus de Guimaraens, entra-se no período da musicalidade, representada por Olegário Marianno, na poesia e por Alvaro Moreyra, na prosa. Outros espiritos procuram também approximar-se da pura verdade nacional, annunciada pelos cantos anonymos dos sertões, a cantiga nostalgica do vaqueiro, do almocreve, do negro e do caipira.

O regionalismo surge nos quadros rústicos de Ricardo Gonçalves e Cornélio Pires em S. Paulo, e, sobretudo, nos poemas espontâneos e lyrlicos de Catullo da Paixão Cearense. Elie canta a lua que magnetisa as pantheras, os dilúvios perlodicos do Amazonas, que engole florestas e aldeias. Este drama das "terras cabidas" e que desaparecem em seguida, é o phenomeno que se produz no coração do brasileiro, que vê partir sua amada nos braços do outro.

Nosso amor sul-americano tem um salnete inteiramente diverso do das antigas civilizações, onde os léxicos definitivos possuem todas as especies de receitas e de regimens para os casos de desdita e onde a tradição reproduz as mesmas soluções seculares. Geralmente os nossos homens' vêm em cada mulher que passa, uma Sabina a raptar, a despeito de todas as consequencias, porque o nosso amor é feito da lembrança sexual ua mulher branca que os primeiros navegadores deixaram na Europa ao tentar as suas incertas expedições.

Dada nossa matéria psychologica e nosso sentimento ethnico, a obra do Brasil contemporâneo consiste em alliar a estas riquezas adquiridas uma expressão e uma forma que podem dirigit nossa arte para o apogeu. Estamos assistindo ao esforço scienlifico da criação de uma língua Independente, por sua evolução, da lingua portugueza da Europa. Recebemos como beneficio todos os erros de syntaxe do romancista José de Alencar, e do poeta Castro Alves, e o folk-lore não attluglu sômente o dominio phlosophico.

Dois philologos de boa cultura cumprem os desejos esboçados pela graça sertaneja de Cornélio Pires e pelo poder de expressão de Catullo. Emquanto o sr. João Ribeiro tratava de fundar, em trinta e duas notáveis lições, uma lingua nacional, o sr. Amadeu Amaral construia, a nossa primeira grammatica regionalista. A obra dos dois illustres académicos esqueceu, entretanto, a contribuição do jargão das grandes cidades brasileiras, onde começa a brotar, em São Paulo principalmente, uma surpreendente literatura de novos immligrantes.

Faltava a c closão das realidades presentes, onde o fundo e a fôrma, matéria, sentimento e expressão pudessem dar ao Brasil de hoje a medida intellectual da sua mobilização industrial, technica e agricola. Os ensaios do escriptor Monteiro Lobato, em São Paulo, fizeram comprehender afinal que o Brasil se encarregava dessa responsabilidade. O sr. Lobato teve a audacla de sahir do doininio puramente documental, em qite se acantonavam Veiga Miranda, Albertino Moreira, Godofredo Rangel e Waldomlro Silveira, reagindo lambem contra o urbanismo que dava a visão histórica do polygrapho Elysio de Carvalho, a obra <le Thomas Lopes e João do Rio, e a primeira pliase poética de Guilherme de Almeida.

Lobato tinha um longo conhecimento do Brasil, tendo feito seus estudos em S. Paulo, tornando-se fazendeiro em seguida. A obra de ficção, desejada por Machado de Assis, realisoou-se com a criação do typo de Geca Tatú. Era o insecto inútil da terra magnifica que, para gosar um espectáculo e ter uma occupação, queimava as inatas. O senador Ruy Barbosa, que foi o leader das honestas aspirações politicas do Brasil, aproveitou-se do symbolo e desvendou-o numa das suai grandes campanhas cleitoraes. Geca Tatii é o Brasil apathlico, sem idealismo são.

O symbolo vlngou-se. A imaginação popular viu nelle o Brasil tenaz, cheio de resistências pliysicas e moraes, fattsado mas não fatalista, tendo ado-

ptado, pelas circunstancias das suas origens e do seu exilio, esta especie de vocação para a infelicidade, observada inconscientemente pelos ethnologos e pelos romancistas. Lobato conceiu que Géca Tatú queimava as matas nativas para deixar ao immigrante novo a possibilidade de estender a "onda verde" dos cafezacs. Elie era o precursor da riqueza americana, aberta a todas as tentativas das raças viris.

A influencia de Lobato augmentou. Assim como se fez ethnologo sem o querer, também se fez estheta. Estas palavras, que extraio ao seu volume "Onda verde", em que elle estuda a plantação de milhões de cafeeiros, feita pelos paulistas, transformando em realidades de culturas imediatas, o velho sonho do ouro das minas longínquas, são o programma da actual geração literaria do Brasil: "A epopéa, diz eile, a tragédia e a comedia do café, eis os grandes themas... sentir e contar a historia da onda verde que digere as matas virgens".

Com effeito, já se começa a ver, nas nossas obras poéticas, novellas e romances, uma verdadeira anthologia do café, nas suas mais varias e remotas consequências. Neila se debate sempre o problema das velhas aristocracias em luta com a invasão immigratoria das raças novas. Lobato, entretanto, pouco se importa com as indagações criticas de Suárez, de Jules Romains, de André Salmon, de Elie Faure, de Lothe, Cocteau, Gleises, Henry Prunières e com as novas gerações de Portugal, de Italia e de Hespanha; não busca verificar se o nosso indianismo era natural no tempo de Clitau-briand, ou se, pela segunda vez, poderia tratar-se de uma coincidência de etapas entre a nossa literatura e a européa. Seja como for, elle põe ainda em foco aspectos inéditos da vida americana. O lado documental é que o apaixonou, e elle inicia o retorno ao regionalismo, contrabalançando apenas pela Imaginação de Deabreu e pela verve de Léo Vaz.

Mario de Andrade publicou então as suas primeiras poesias. Conhecedor da terra e da lingua, dos ry-

thmos regulares e dos novos effeitos, criou a poesia livre, desconhecida no Brasil, onde, entretanto, já se conheciam alguns versos de Manuel Bandeira. Menotti Del Pichla criou o poema da raça "Juca Mulato". Seu prestigio era grande como o de Ronald de Carvalho, que já tinha dois livros coroados pela nossa Academia, do qual um é uma historia da litteratura brasileira. Um outro combatem ao lado de Mario de Andrade, que é atacado pelos srs. parnasianos e maniacos da escolastica. Guilherme de Almeida, poeta justamente eleito pela preferencia do publico, junta-se ao movimento renovador. E a chegada de Graça Aranha da Europa Imprime ao movimento um interesse mais vivo. Este é um dos nossos litteratos mais respeitados. Académico, professor de direito, tendo vivido longo tempo no meio das grandes civilisações, foi profunda a sua influencia. Elie ligou-se immediatamente á geração constructora. Sob a iniciativa de Paulo Prado, sobrinho e herdeiro das qualidades aristocraticas e intellectuaes do escriptor Eduardo Prado, organisou-se uma semana de arte moderna brasileira.

A corrente alcançou realizações estheticas: os "Epigrammas ironlicos e sentimentaes", de Ronald de Carvalho, onde a poesia brasileira attinge a sua mais alta expressão nacional, "O Momem e a Morte", de Menotti Del Picchia, que, pela sua bellça, faz recordar a parte da obra de Claudel que traz um cunho lyric brasileiro. Outros escriptores da nossa geração prendem-se antes á America psychologica de Valéry Larbaud, ao Brasil cinematographico de Jules Romains e ás visões exactas de Joseph Conrad e Gomez de La Serna, que ás simples exaltações do nosso anecdotario regional. E' uma questão de bom êxito. Assim, Pedro Rodrigues de Almeida procura mesmo crear, pelo cuidado de composição de suas novellas, um classicismo americano; Serge Milliet, que está constantemente na Europa, traz o senso da cultura franceza contemporânea á poesia livre

das extensões, das minas de ouro, das viagens; e Ribeiro Couto e Affonso Schmidt, poetas modernos, tocam de uma particular sensibilidade a alma das cidades brasileiras.

A critica do paiz, pelos seus melhores representantes, Tristão de Athayde, Nestor Victor, J. A. Nogueira, Fabio Luz, recebe com sympathia e encoraja as primeiras obras do movimento, (que toma uma expressão mais larga na revista "Klaxon". Uma mocidade inteira concorre com o seu entusiasmo. Ella é composta dos poetas Luiz Aranha, Tácito de Almeida, Agenor Iarabosa, Plinio Salgado, do novellista René Thiollier e dos ensaístas Rubens Moraes, Candido Mota Filho, Couto de Barros e Sergio Buarque de Ilullanda. Joaquim Inojosa introduz as novas idéas em Pernambuco, é Carlos Drunnnond e Mario Ruis em Minas. Ao mesmo tempo, o theatro, dirigido para as fontes nacionaes pela obra de Claudio de Souza e Oduvaldo Vianna, encontra em graça Aranha uma forte manifestação lyrica. "Malazarte", que é um quadro das nossas energias pantheistas, foi montado no theatro de L'Oeuvre, em Paris. E ao lado dos fervorosos regionalistas que exigem um theatro de documentação, unia "élite" acompanha os trabalhos e as tentativas de Jacques Copeau em França e de Dario Nicodemi, que, na Italia, renova a scena com Pirandello. As outras artes também iniciam sua evolução para as finalidades do paiz e os seus successos expressivos.

A esculptura, na antiga colonia, possuía o seu precursor. Era um cavouqueiro de Minas, que tinha a alcunha de "Aleijadinho", dévide a uma deformidade. E' d'ahi e dos primeiros curiosos da Bahia e do Rio, dos quaes os mais celebres são Chagas e Cabra e Mestre Valentim, que o nosso escultor Victor Brecherei tenta extrahir hoje a sua arte. Brecheret quiz a principio dar a S. Paulo, onde nasceu, a expressão da sua historia. O movimento immigratorio, operado desde a descoberta até hoje, por europeus de todos os climas e ori-

gens, inspirou-lhe o projecto do monumento das "bandeiras". As bandeiras eram as antigas organizações dos habitantes de S. Paulo, que, partindo da capital para o interior, á procura do ouro, indicaram á patria os seus limites geographicos e á raça os seus caracteres ethnicos.

Em Paris, o tradicionalismo da obra actual de Victor Breclieret tem uma fonte numa pequena estatua que elle intitulou "idolo", tendo dirigido suas linhas e seu estylo para a estatuiria negro-indiana da colonia.

Na pintura, creada no Rio por Debret, que fazia parte da missão franceza de cultura, contratada por d. João VI, ha toda uma tradição do retrato e de assumptos historleos. Dois precusores, Leandro e Olympio da Mata, não tiveram outros continuadores mais que Illeios Seelinger. Leandro, que pintou, para uma egreja, a familia real de Portugal chegando á colonia, com a Santa Virgem nas nuvens e < Anjo da Guarda ao lado, foi forçado, pelos patriotas de 1831, a inutilisar essa tela, que seria porventura a obra-prima da nossa pintura antiga.

Na pintura como na literatura, a lembrança das formulas classicas impediu durante muito tempo a eclosão da verdadeira arte nacional. Sempre a obsessão <la Arcadia com seu-, pastores, sempre os mythos gregos ou então a imitação das palzagens da Europa, com seus caminhos fáceis e seus campos bem alinhados, tudo isso numa terra onde a natureza é rebelde, a luz é vertical e a vida estii em plena construcção. A reacção contra os museus da Europa, de que resultou a decadência da nossa pintura official, foi operada pela semana (Parte moderna, que se realizou em São Paulo. Protestámos então contra os processos, quer fossem do Pedro Américo, quer do casal Albuquerque, quer da mera decomposição nacionalista de Almeida Júnior. Os novos artistas, precedidos por Navarro da Vista, começaram a reacção, adoptando os processos modernos, oriundos do movimento cubista da Europa. O cubisto

foi um protesto contra a arte imitadora dos museus.

Di Cavalcanti, Annita Malfatti, Zina Alta, Rego Monteiro, Tarsila do Amaral e Yan de Almeida Prado lançam as bases de uma pintura realmente brasileira e actual.

A musica sofreu no Brasil a mesma imitação europeia. Carlos Gomes, que foi, até certo tempo, o maior dos nossos músicos, apoucou-se ante a reacção para as nossas verdadeiras origens, auxiliada pelas audacias rhythmicas adquiridas depois de Debussy. Nossa musica não está no canto melódico italiano; ella vive no urucungo do negro, na vivacidade rhythmica do Índio, na nostalgia do fado portuguez. Neste particular, os compositores Nepomuceno, Alexandre Levy e Francisco Bra-

ga annunciam todas as nossas riquezas. Glauco Velasquez iniciou a esty-lisação actual, que encontrou em Villalobos o mais forte e o mais audacioso dos nossos representantes.

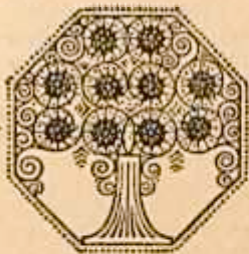
A musica contemporânea do Brasil é representada por Tupinambá, Nazareth, Sousa Lima, Fructuoso Vianna.

O Brasil, sob um céu deista, toma consciência do seu futuro.

Em França, nosso embaixador diplomático, sr. Souza Dantas, é também o nosso embaixador intellectual. Elie preside, pelo prestigio da sua intelligencia e da sua cultura, a uma delegação artistica do Brasil contemporâneo, que procura servir de mais perto a obra commum da latinidade.

Oswald de Andrade.

(Da "Revue de l'Amerique Latine")





CURIOSIDADES

O NOSSO JOGO

Transcrevendo-o do **Correio do Povo**, de Porto Alegre, publicou O Pniz, em o seu numero de 22 do corrente, um artigo com o titulo: "Cultivemos o Jogo de capoeira e tenhamos asco pelo da boxa", firmado pelo correspondente do jornal gaúcho nesta cidade, I)r. Gomes Carmo.

Concordando in limine com o que diz o articulista, valho-me da oportunidade que me abre tal escripto para tornar a um assumpto sobre o qual já nic manifestei e que também já teve por elle a penna diamantina de Luiz Murat.

A capoeiragem devia ser ensinada em todos os collegios, quartéis e navios, não só porque é excellent gymnastica, na qual se desenvolve, harmonicamente, todo o corpô e ainda se apuram os sentidos, como também porque constitue um meio de defesa individual superior a todos quantos são preconizados pelo estrangeiro e que nós, por tal motivo apenas, não nos envergonhamos de praticar.

Todos os povos orgulham-se dos seus esportes nacionaes, procurando, cada qual, dar primazia ao que cultiva.

O francez tem a savate; tem o inglês o **box**; o portuguez desafia valentes com o sarilho do varapau; o «espanhol maneja com orgulho o navalha

Catalan, também usada pelo fadista portuguez; o japonéz julga-se Invencivel com o seu jui-gitsû e não falo de outros esportes clássicos, em que se treinam, indistinctamente, todos os povos, como a luta, o pugilato a mão livre, a funda e os jogos d'armas.

Nós que possuímos os segredos de um dos exercicios mais ágeis e elegantes, vexamo-nos de o exhibir e, o que mais é, deixamo-nos esmurracar em rinks por machacazes balordos que, com uma quebra de corpo e um passe baixo de um "elcscador" dos nossos, iriam mais longe das cordas do que foi Dempsey á repulsa do punho de Firpo.

O que matou a capoeiragem entre nós foi... a navalha. Essa arma, entretanto, subtil e covarde, raramente apparece na mão de um chefe de malta, de um verdadeiro capoeira, que se teria por deshonrado se, para derrotar um adversario, se houvesse de servir do ferro.

Os grandes conductores de malta — guayamús e nagôs, orgulhavam-se dos seus golpes rápidos e decisivos e eram elles, na gíria do tempo: a **cocada**, que desmandibulava o camarada ou, quando atirada ao estomago, o deixava em syneope, estatelado no meio da rua, de boca aberta e olhos em alvo; era



o **grampeamento**, lança de mão aos olhos, com o indicador e o annular em forquilha, que fazia o **mano** ver estrellas; era o cotovello em ariete ao peito 011 ao flanco; era a joelheira; era o rabo de raia, **risco** com que Cyriaco derrotou em dois tempos, deixando-o sem sentidos, ao famoso campeão japonéz de **jiu-gitsú**; eram as rasteiras, desde a de arranque, ou tesoura, até a baixa, ou hahiana; eram as canilias, e os ponta-pés em que alguns eram tão ágeis que chegavam com o bico **quadrado** (las botinas ao queixo do antagonista; eram as bolachas, desde o tapa-olho, que fulminava, até a (le **beíço arriba**, que esborcinavu a boca ao **puaia**. E os ademanes de engano, os refugos de corpo, as negaças, os saltos de banda, á maneira felina, toda uma gymnastica em que o athleta parecia elástico, fugindo ao contrario como a evita-lo para, á súbitas, cahir-lhe em cima, desarmando-o, e fazendo-o mergulhar num "**banho de fumaça**".

Era tal a valentia desses homens que, se se fechava o tempo, como então se dizia, e 110 tumulto alguém bradava um nome conhecido como: Boca-queimada, Manduca da praia, Trinca-espinha ou Trindade, a debandada começava por parte da policia 3 viam-se urbanos e permanentes valendo-se das pernas para não entregarem o chanfallo e os queixos aos famanazes que andavam com elies sempre de candeias ás avessas.

Dessa geração celeberrima fizeram parte vultos eminentes na politica 110 professorado, 110 exercito, na marinha, como — Duque Estrada Teixeira, cabeça cutúba tanto na tribuna da opposição como no mastiffante de alguir. **parola** que se atrevesse a enfrenta-lo á beira da urna; o capitão Atallbr Nogueira; os tenentes Lapa e Leite Ribeiro, dois **barras**; Antonio Sampaio, então aspirante de marinha e por que não citar tainbem Juca Paranhos, que engrandeceu o titulo de Rio Branco na grande obra patriótica realisada ne Itamnaty, que, na mocidade, foi bonzão e d'isso se orgulhava nas palestras Intimas em que era tão pittoresco.

A taes heroes succederam outros: Augusto Mello, o **cabeça de ftrro**; Zé Caetano, Braga Doutor, Caixeirinho, Ali Babá e, sobre todos o mais valente. Plácido de Abreu, poeta, comedlographo e jornalista, amigo de Lopes Trovão, companheiro de Pardal Mallet e Bilac n'0 **Combaté**, que morreu, com heroicidade de amouco, fuzilado no tunnel de Copacabana, e só não dispersou a treda escolta, apesar de enfraquecido, como se achava, com os longos tratos na prisão, porque recebeu a descarga pelas costas, quando caminhava lla treva, fiado na palavra de um official de nome romano.

Cahindo d'encontro ás arestas da parede aspera, ainda soergeu-se, rilhando os dentes, para despedir-se com uma viltá dos que o haviam covardemente atraídoado. Eram assim os capoeiras de então.

Como os leões são sempre acompanhados de chacaes, nas maltas de taes valentes immiscuiain-se assassinos cujo prazer sanguinário consistia em experimentar sardinhas em barrigas do próximo, deventrando-as.

O capoeira digno não usava navalha: timbrava em mostrar as inãos limpas quando sahia d'uin **turumbamba**.

Generoso, se trambolhava o adversário, esperava que elle se levantasse para continuar a luta, porque: "Não batia em homem deitado"; outros diziam, com mais desprezo: "em defunto".

Nos terríveis recontros de guayamús e nagós, se os chefes decidiam que uma questão fosse resolvida em combate singular, emquanto os dois representantes das cores vermelha e branca se batião, as duas maltas conservavam-se á distancia e fosse qual fosse o resultado do duello de ambos os lados rompiam aclamações ao triumphliador.

Dado, porém, que, em taes momentos, estrillassem apitos e surgissem policlaes, as duas maltas confraternisavam solidarias na defesa da classe e era uma vez a Força Publica, que deixava em campo, além do prestigio, bonés em barda e chanfallios á ufa.



O capoeira que se prezava tinha officio ou emprego, vestia com apuro e, se defendia uma causa, como aconteceu com a do abolicionismo, não o fazia como mercenário.

O capanga, em geral, era um perrengue, nem carrapeta, ao menos, porque os carrapetas, que formavam a linha avançada, com função de escoteiros, eram rapazolas de coragem e destreza provadas e sempre da confiança dos chefes.

Nos morros do Vintém e do Nhéco, reuniam-se, às vezes, conselhos nos quaes eram severamente julgados crimes e culpas imputados a algum dos das farandulas. Ladrões confessos eram logo excluídos e assassinos que não justificassem com a legitima defesa o crime de que eram denunciados eram expulsos e às vezes, até, entregues á policia pelos seus proprios chefes.

Havia disciplina em taes pandilhas. Quanto ás provas de superioridade da capoeiragem sobre os demais esportes de agilidade e força são tantos os exemplos que seria prolyxa a enumeração: Além dos feitos dos contemporâneos de **Boca queimada** e **Manduca da praia**, heróis do periodo aureo do nosso desestimado esporte, citarei, entre outros, a derrota de famoso jogador de pau, guapo rapagão minhoto, que Augusto Mello duas vezes atirou de catrambias 110 pomar da sua chacarina em Villa Isabel onde, depois da luta e dos abraços de cordialidade, foi servida vasta feijoada. Outro: a tunda infligida a um grupo de marinheiros franceses de uma corveta **Pallas**, por Zé Caetano, e dois **cabras** destorcidos. A maruja não esteve com muita delonga e, vendo que a coisa não lhe cheirava bem em terra, atirou-se ao mar, salvando-se, a nado, da agilidade dos tres **turunas** que a não deixaram tomar pé.

A ultima demonstração da superioridade da capoeiragem sobre um dos inais celebrados jogos de destreza deunos o negro Cyriaco no antigo Pavilhão Paschoal Segreto, fazendo afocinhar, com toda a sua sciencia, o jatanetoso japonéz, campeão do jiugitsú.

Em 1910 Germano Haslocher, Luiz Murat e quem escreve estas linhas pensaram em mandar um projecto á Mesa da Camara dos Deputados, tornando obrigatorio o ensino da capoeiragem nos institutos officiaes e nos quartéis. Desistiram, porém, da idéa, porque houve quem a achasse ridicula, simplesmente porque tal jogo era... brasileiro.

Viesse-nos clic com rotulo estrangeiro e tel-o-iamos aqui impando importância em todos os clubes esportivos, ensinado por mestres de fama mundial que, talvez, não valessem um dos nossos péa rapados de outr'ora que, em dois tempos, mandariam um Firpo ou um Dempsey ver vovó, com alguns dentes de menos e algumas bossas de mais.

Emfim... Vamos aprender a dar murros — e esporte elegante, porque a gente o pratica de luvas, rende dolares e chama-se **box**, nome iifgíez. Capoeira é coisa de gallinha, que o digam os que d'elle saem com gallos empoleirados 110 alto da synagoga.

1ª pena não haja um brasileiro patriota que leve a capoeiragem a Paris, baptisando-a com outro nome, nas aguas do Sena, como fez o Duque com o **maxixe**. Estou certo de que se tal acontecesse, até as senhoras haviam de querer fazer **letras**. E que lindas seriam as **escriptas**! Mas, se tal acontecer, sei lá! muitas **cabeçadas** dariam os homens ao verem o jogo gracioso das mulheres.

Coelho Netto.

(Jornal do Brasil)



Silo do grande sociologo italiano Gu-
glielino Ferrero as idéas expendidas a
proposlto do século futuro, no artigo
que se segue:

'Se o século XIX é uma unidade co-
liente, que começa com os Congressos
de Vienna e de Paris, em 1814 e 1815,
não é menos exacto que a guerra mun-
dial asslgnala o seu fim.

Olhamos em redor de nós e que ve-
mos? O potente systema economico
creado par esse século, subsiste ain-
da, quasi intacto, e continua a pro-
duzir as fabulosas riquezas de que o
mundo necessita. Apenas foi derruba-
do na Rússia, onde, porém, a destrui-
ção parece não ser definitiva. Mas o
systema politico que superintendeu a
Europa nesse periodo, acompanhando
o systema economico, nelle se apoian-
do e sustentando-o, esse foi completa-
mente arrazado. As mais possantes
das dynastias que lia mais de cem
ânus dirigiam a vida da Europa, ca-
hiam. Ha ainda monarchias na Eu-
ropa; mas não ha mais systema mo-
narchico, como de 1815 a 1911. Por
sua vez, as instituições democráticas
vacilam, porque ellas não podem mais
apoiar-se num systema inonarchico
solido. O systema representativo, que
foi a grande admiração do século
XIX, é atacado em toda a parte, in-
clusive na Inglaterra, na França e na
Suissa; criticas vigorosas, severas,
cujo numero augmenta dia a dia, ac-
cusam-o de ter feito o seu tempo e
de não mais bastar ás necessidades
da civilização moderna, ùir-se-ha que
o espirito contemporâneo só sabe pro-
curar e encontrar defeitos. Todas as
ideologias que sustentaram e guia-
ram o esforço do século XIX, confun-
dem-se, enfraquecem.

Fez-se no espirito perturbado da
nossa época uma especie de vácuo,
que se me depara um perigo perma-
nente. A fé mystica no direito divino
dos reis morreu, mas o culto da li-
berdade está agonisante. Hoje só se
acredita em dois metaes, que são se-
nhores do mundo: o ouro e o ferro.

Desapparecidos os reis ou reduzidos
á impotência, não se sabe mais onde
estão as garantias da paz actual ou
onde estejam os responsáveis daß
guerras futuras. O immenso mal es-
tar que pesa sobre as relações inter-
nacionaes tem a sua origem nesta
incerteza. Entre as monarchias des-
truidas ou enfraquecidas e tantas de-
mocracias não preparadas para re-
colherem a successão, um persona-
gem antigo e novo, a um tempo,
surge.

Tomou-se o habito de lhe chamar
ienlne, Horty, Mussolini, Staniboulis-
ky, como "dictadores". Será exacta a
palavra? O "dictador" da grande é-
poca de Roma, antes do período das
guerras civis, era um magistrado re-
publicano nomeado pelo Senado por
um tempo determinado e munido de
poderes excepçionaes, que deviam ser-
vir-lhe para resolver difficuldades
extraordinarias.

Elie podia empregar a força, mas
não era creado por um golpe de for-
ça. Esses personagens, de quem tan-
to se falia desde ha quatro annos, a-
poderavam-se do poder por meios co-
ercitivos, com Constituições que não
teriam razão de ser sinão num regim-
en de liberdade. Elles não são, pois,
"dictadores" latinos, mas sim "tyra-
nos" gregos, no sentido technico que
os gregos davam á palavra "tyrannos",
sem a significação odiosa que nós lhe
damos. Elles reproduzem, sob uma
forma moderna, esse typo de poder,
frequente nas épocas de perturbação,
em que a autoridade enfraquece, e
onde a força procura substttuirl-a, co-
me ella pôde, por toda a sorte de ex-
pedientes complicados e perigosos.

Essa desordem n^{cs} espiritos, nos
Estados, nas relações internacionais,
no meio da qual vivemos; a escura
fermentação que tanto trabalha os
partidos e as instituições e que não
é mais que o primeiro esforço para
estabelecer a autoridade numa base
solida, não pertence mais ao século
XIX.



Este poudes desfructar, feliz entre, todos os dos séculos, a ordem mais estável e a liberdade mais penosa que se conhecem na historia. Uma e outra não são mais, no futuro, que uma brilhante recordação. Com o seu violento desaparecimento, começou uma época nova. Mas a desordem e a fermentação que a perturbam, só podem ser transitórias, mesmo que cilas durem muito tempo, porque cilas mesmo preparam uma ordem nova de cousas, cujos princípios nós procuramos nas trevas. E', pois, evidente que o verdadeiro século XX começará no dia em que apparecer no horizonte a solução definitiva do problema da ordem e da paz, tal, pelo menos, que ella possa contentar muitas gerações.

Vinte e seis annos de guerra e de

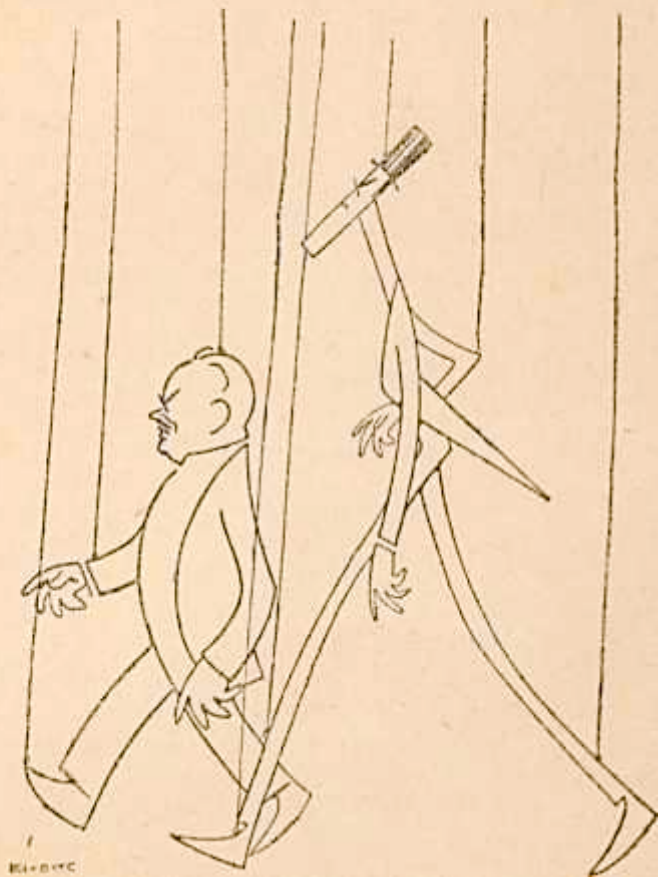
agitações internas prepararam a chegada do século XIX. Quanto durará o tempestuoso período de transição entre os séculos XIX e XX? E o grande enigma de nossos dias. Mas aquelles que, de olhos deslumbrados, têm assistido, desde 1900, os esplendores fecundos de um século XX que surgiu sem o saberem, quizerão ao menos saudar os primeiros alvares, lá ao longe, no horizonte, do grande século tão impientemente esperado pelos povos, desse século que deverá continuar a obra do século XIX, brutalmente interrompida pelo grande abalo, cómpetal-a, purifical-a. Que a sorte não nos recuse esta alegria suprema, que virá coroar de uma ultima esperança para nossos filhos as brilhantes recordações da nossa mocidade."

"A Noticia", Rio



AS CARICATURAS DO MEZ

«D. QUIXOTE» EM S. PAULO



Candidatos á presidencia...

D. Quixote - Rio



A sombra de Vedro Segundo — Que dizes a isso, Trovão ? Mandaram-me embora, para formação de um regimen mais liberal ? !

D. Quixote Rio

NOS PAMPAS

(FALLANDO FRANCEZ)



— On va pacifier.
— Il faut pas s'y fier...

Jornal do Brasil - Rio

INDICE DO VOLUME XXIV

O momento.	.1
O litoral Atlântico, de Miguel Arrojado Lisboa	3
Era no Paraizo..., de Monteiro Lobato	.12
Autoritarismo e despejo, de Alberto Rangel	22
Como se devem tratar os problemas glottologicos, de Rodrigo Sá Nogueira	28
Arte de Amar, de Julio Cesar da Silva	33
Manhãs do Sul, de Joinville Barcellos	34
Ruy Barbosa, de Ildefonso Falcão.	35
Estudinhos de português, de José Patrício de Assis	36
Os Andradas, de A. A. Covello	39
O direito de voto, de Villar Belmonte	42
O Amazonas, de A. D. Mirandeira	51
A medicinophobia de Molière, de Mucio da Paixão	62
Bibliographia	69
Resenha do mez	77
Debates e pesquisas.	83
Curiosidades.	89
O progresso de S. Paulo	95
As caricaturas do mez	106
Fragmento de um poema, de Vicente de Carvalho.	111
Arte de Amar, de Julio Cesar da Silva	113
Recordações de D. Quitéria, de João Ribeiro.	115
Ruy Barbosa como poeta, de Moacir Silva	119
Lycanthropia Sertaneja, de Luis Camara Cascudo.	129
A canonisação como obra do povo e dos séculos, de Diego Carbonell	134
Estudinhos de português, de José Patricio de Assis	135
O direito do voto, de Villar Belmonte	138
A sciencia e a lingua portugueza, de Miguel Ozorio de Almeida	145
Sobre "Cousas do Tempo", de Rodrigo M. F. de Andrade	156
Academia Brasileira de Letras, de Arthur Motta	166
Bibliographia	170
Resenha do mez	173



Notas do Exterior	187
Curiosidades	193
As caricaturas do mez	202
O momento, de M. L.	208
As Devoções do Bandeirante, de Alcantara Machado	207
A formação das cidades, de Hilário Freire e Oliveira Vianna	220
Borges de Medeiros, de Villar Belmonte	227
Flôr do Agreste, de Mario Sette	232
Le Sacy, de Charles Lúçifer	239
Canto do homem á mulher, de Raniero Nicolai	241
A nevrose do amor, de A. A. de Covello	247
"O Saneamento do Brasil", de Alberto Rangel	249
A medicinophobia de Molière, de Mucio da Paixão	251
Academia Brasileira de Letras, de Arthur Motta	268
Bibliographia	274
Resenha do anez	280
Debates e Pesquisas	290
Curiosidades	293
As caricaturas do mez	298
Tendencias actuaes na litratura americana, de Gilberto Freyre	301
Arte de amar, de Julio Cesar da Silva	307
O macaco rabequista, de José Oiticica	309
O repuxo encantado, de Mello Nóbrega	311
Única, de Nilo Bruzzi	312
Cartas do Almirante Nogueira	313
Os "grandes" e a "oportunidade", de Arnaldo Nunes	320
Meu padrasto, de Stella Marina	323
Estudinhos de português, de José Patricio de Assis	334
Perfil de um cachoro da roça, de Gervásio Ivelneiro	336
Fortunato ou o forçado da felicidade, José Mesquita	336
A medicinophobia de Molière, de Mucio da Paixão	344
Academia Brasileira de Letras, de Arthur Motta	349
Bibliographia	354
Resenha do tnçz	358
Debates e Pesquisas	377
Curiosidades	390
As caricaturas do mez	395



DIARETICOS

7 / JJ ® preciso combater a **perda**[^]
de assucar. Ionificar o **or-**
ganismo, regularisar **as** funcções dos orgãos internos
essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a **função**
digestiva pelo uso da

GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de
plantas indígenas **braziletras**

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO E CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres y j ^
de chá por dia em a g u a ^ ^ s ^ "

Obras de Contabilidade

DE CARLOS DE CARVALHO

Estudos de Contabilidade, obra em quatro volume«, em brochura .. 40\$000

Tratado Elementar de Contabilidade. Obra adoptada nas principaes escola« de commercio do paiz. Util ao« que desejam adquirir conhecimentos profundo« em contabilidade. Em brochura. 10\$000

Explicações Praticas de Escripção Mercantil. Livro indicado ao« que desejarem adquirir os primeiros conhecimentos de contabilidade. Em brochura 6\$000

Arithmetica Commercial e Financeira. Obra indispensavel para «e adquirir conhecimentos profundos em mathematica commercial e financeira. Em brochura. 10\$000

Noções de Cálculos Commercial e Financeiros. E' indúpeniavel ao« que não tenham conhecimento de mathematica commercial e financeira. Em brochura. 6\$000

Problemas Je Escripção. Obra neeeuaria ao« contadore« e guarda-livros, pois trata de lodo e qualquer caso de abertura de eacriptaa e balanço«. Em brochura. 20\$000

Contabilidade das Companhias de Seguros de Vida. Como indica o titulo do livro, aer-

ve para a contabilidade doa «eguro» de vida. Em brochura 12\$000

DE FRANCISCO D'AURIA

Curjo de Contabilidade, em dez volume«, lendo «ido já publicado» o» «eguinte»:

Contabilidade Mercantil, em brochura 10\$000

Contabilidade Bancaria, em brochura 10\$000

Contabilidade Industrial, em brochura 10\$000

No prelo: *Contabilidade das Empresas; Contabilidade Publica; Contabilidade Domestica; Contabilidade Theorico; Contabilidade Agricola e Pastoril; Malhemalica Commercial; Mathemalica Financeira*,

DE D. SANTOS

Contabilidade Agricola, em brochura 10\$000

DO Dr. FRANCISCO EUGENIO DE TOLEDO

Manual de Direito Civil, Da» pe»»oa», em brochura 4\$000

Analyse da Constituição Federal, cart 1\$500

Attentado ao Pudor, em brochura 10\$000

O Livrinho do Coração, em brochura 2\$000

Únicos depositários:

Monteiro Lobato & Cia.

RUA VICTORIA, 47

S. PAULO



Nutrition

F; O ELIXIR DA NUTRICÃO

O "Nutrion" combate a Fraqueza, a Magreza e o Fastio. Restaura as Forças e estimula a Energia. » E* o Remecio dos Fracos, dos Debeis, dos Exgoitados, dos Convalescentes.

PASCO

DELICIOSO REFRESCO

DISTRIBUIDORES

PERNAMBUCO	Fpãictu VITA
AMÁIA	FPATELLI VITA
VICTOOIA	FABRKA YPIPAN6A
P10 DC JANEIRO	COMP. GRACIEMA
S. PAULO	ZANOTTA.IOWNZI^
RJRTO ALEGRE	JowtTnoraiPfiqO'
PELOTAS	QOVUARIAPITTIR



&UAHILARIORIBEIRO,20
TelepK.. VILLA, 1234-

EDUARDO CARLOS PEREIRA

As grammaticas até hoje mais diffundidas e usadas no Brasil são as daquelle autor.

GRAMMATICA EXPOSITIVA. — CURSO ELEMENTAR.

Para os cursos complementares e 1.º anno dos Gymnasios. 23.º edição com um appendice sobre composição 3\$000

CURSO SUPERIOR. Para Escolas Normaes, Gymnasios e Escolas de Commercio. 14.ª edição com um appendice sobre estyllistica . 7\$000

GRAMMATICA HISTÓRICA. Para as Escolas Normaes e Gymnasios. 3.ª Edição . 8\$000

A critica nacional consagrou estas obras e o largo uso que delias se faz, confirmou o que dissemos.

PEDIDOS AOS EDITORES :

MONTEIRO LOBATO & CIA.

RUA VICTORIA N. 47 - A

Desconto de 30 o/o aos revendedores
e aos collegios e professores.

" P E G A S O "

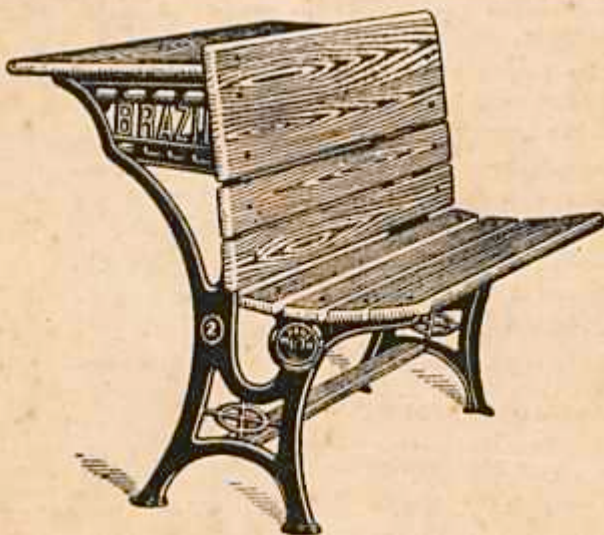
REVISTA MENSUAL

Calle San Salvador, 2309

MONTEVIDEO

U R U G U A Y

Moveis Escolares



Différentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia ; Contador mechanico ; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogos e informações minuciosas á

FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES

"EDUARDO WALLER"

DE

J, Gualberto de Oliveira

Rua Antónia da Queiroz H. 65 (Consolação] Tel. Cid. 1216

SÃO PAULO